

PROJETOS DE PESQUISA LINGUISTICA

Ataliba T. de Castilho

Professor Emérito da FFLCH / USP

Professor Colaborador do IEL / Unicamp

Pesquisador do CNPq

Assessor linguístico do Museu da Língua Portuguesa

1. PESQUISA E ENSINO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

O ensino do Português Brasileiro como língua estrangeira vem sendo ministrado há anos pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, através dos Centros de Cultura Brasileira. Atualmente, há 21 desses centros, sendo 15 na América Latina, 3 na Europa e 3 na Ásia.

A criação do Mercosul ampliou o interesse pelo ensino do Português e do Espanhol na América Latina. Muitas iniciativas foram tomadas pelas universidades e por associações científicas, mas sem dúvida faz falta, por parte do Brasil, a organização de uma instância coordenadora das ações do governo federal, por ora concentradas no Itamaraty. Portugal tem o seu operoso Instituto Camões, a Espanha dispõe do Instituto Cervantes. O governo brasileiro tem buscado identificar suas obrigações linguísticas, matéria que segue em debate em diversos ministérios.

Segundo José Carlos Paes de Almeida Filho, em relatório que escreveu em 1997, a perspectiva do ensino da língua portuguesa a falantes de outras línguas potencializou a pesquisa aplicada em alguns centros nacionais de pós-graduação. Há uma demanda crescente de professores de Português, brasileiros e estrangeiros, por publicações teóricas sobre os processos de ensino-aprendizagem (por exemplo, a questão metodológica do ensino de línguas muito próximas, como o Português e o Espanhol) e por cursos de atualização, especialização e pós-graduação stricto sensu. Materiais didáticos e publicações voltadas para a formação do professor serão progressivamente requeridos nos próximos anos por governos, secretarias, Ministérios da Educação e das Relações Exteriores, agências internacionais e universidades.

A Universidade Estadual de Campinas, a Universidade de Brasília e as Universidades Federais Fluminense, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul têm oferecido respostas concretas a essa demanda. A primeira criou em 1991 o Exame Unicamp de Proficiência em Português, que serviu de base ao Exame Nacional de Proficiência, aprovado em 1992 pelos Ministérios da Educação, da Cultura e das Relações Exteriores. Daí resultou o CELPBRAS, uma prova de proficiência aplicada hoje aos interessados em estudar em universidades brasileiras.

(1) A formação de professores de português como língua estrangeira

Em novembro de 1996, foi convocado o primeiro Seminário de Atualização em Português Língua Estrangeira e Culturas Lusófonas. O evento reuniu 22 professores do Mercosul, com apoio da UNESCO, União Latina e Ministério da Educação e Cultura do Brasil.

A Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPLE) tem ministrado diversos cursos para a formação de professores. A partir de 1997 essa sociedade passou a organizar um encontro anual em universidades brasileiras. Cursos voltados para o ensino do Português e da Cultura Brasileira foram ministrados nos seguintes países: Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, Costa Rica, Cuba, Moçambique, Itália e Espanha. A SIPLE é hoje a associação mais ativa.

(2) Materiais de ensino do Português como língua estrangeira

Aparentemente, os primeiros manuais de ensino do português para estrangeiros foram escritos nos Estados Unidos.

Durante um bom tempo foi utilizado o manual de Francisco Gomes de Mattos e Fred Ellison, *Modern Portuguese*, publicado pela Universidade do Texas em Austin, a que se seguiram os manuais de Isabel Abreu e Cléa Rameh, ambas da Universidade de Georgetown, em Washington. Novos títulos surgiram, como o de Mário Perini, *Modern Portuguese, a reference Grammar*, 2002.

No Brasil, lembre-se o pioneiro *Português para Estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e produção de materiais*, 1976, de Leonor Lombelo, professora da Unicamp.

Em seguida, saíram os volumes organizados por:

- J. C. Paes de Almeida Filho e L. Lombelo (Orgs. 1992). *Identidade e caminhos no ensino de Português para estrangeiros*. Campinas: Pontes.
- J. C. Paes de Almeida Filho (Org. 1991). *Português para estrangeiros: interface com o espanhol*. Campinas : Editora Pontes.
- J. C. Paes de Almeida Filho (1997). *Parâmetros atuais no ensino de PLE*. Campinas: Editora Pontes.
- Falta investir mais em dicionários bilíngues português-espanhol que levem em conta as variedades latino-americanas dessas línguas.
- Para outras informações sobre o ensino do Português na América Latina, ver L. Varela (Org. 1999). *Políticas Lingüísticas para América Latina. Actas del Congreso Internacional [1997]*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires / Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística, 2 volumes.

(3) Utilização da língua portuguesa nas páginas da internet.

O peso atual da Língua Portuguesa na internet é de apenas 3%, o que a equipara ao Italiano e ao Coreano. O espanhol tem 6% de presença.

A consulta a uma página, como a da Wikipédia, mostra como os especialistas brasileiros têm sido indiferentes à circulação da ciência por esse intermédio. Uma ação mais decidida aumentaria a presença do português na internet.

2. DOCUMENTAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Diferentes projetos se ocuparam da documentação do Português Brasileiro: Projeto NURC, Programa de Estudos dos Usos da Linguagem, Variação Linguística da Paraíba, Atlas Linguístico do Brasil, entre outros.

Vamos nos fixar aqui no levantamento de corpus para a diacronia do Português Brasileiro, no interior do Projeto para a História do Português Brasileiro.

Foi organizada uma comissão para atuar nessa área: Afrânio Gonçalves (UFRJ), Marcelo Módolo, Verena Kewitz, José da Silva Simões e Maria Clara Paixão de Souza (USP), Zenaide

O *Corpus do Projeto para a História do Português Brasileiro* encontra-se catalogado na denominada Plataforma de Corpora, uma sistematização de TODOS os materiais editados pelos membros do Projeto. Por meio de suas categorias de entrada, os pesquisadores poderão ter noção das edições diplomático-interpretativas oriundas de teses, dissertações, livros, CDs, relatórios, enfim, não apenas diferentes resultados acadêmicos de trabalhos concebidos e produzidos sob a chancela do PHPB, mas também de colaboradores externos.

No estágio atual de trabalho, o PHPB disponibiliza – por meio da página <https://sites.google.com/site/corporaphpb> – duas parcelas do material indexado na Plataforma: O CORPUS MÍNIMO COMUM e o CORPUS DIFERENCIAL. O chamado *CorpusComumMínimo* reúne, para controle diatópico, materiais de mesma natureza levantados já pelas 12 equipes. O *Corpus Diferencial* compreende *corpora* complementares para controle contrastivo ao *CorpusMínimoComum*: textos de portugueses, literários, gêneros textuais diversos, etc.

Nessa página poderão ser visualizados e baixados os documentos em formatos *word* ou PDJ, bem como verificada a versão mais atual da Plataforma e Normas de Edição do Projeto PHPB.

O Corpus Mínimo Comum conta com redatores brasileiros ou de naturalidade não identificada, mas com produção em redes de escrita no Brasil. Os identificados como portugueses passam ao *Corpus Diferencial*. Sua organização distribui, equipe regional por equipe regional, três rótulos textuais de IMPRESSOS – cartas de leitores, Cartas de Editores e Anúncios – e dois outros para MANUSCRITOS: cartas particulares e cartas oficiais. Cada um desses rótulos constitui uma célula comparativa com o número mínimo de 5000 palavras para cada metade de século, conforme tabelas a seguir.

Testamentos	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras
Processos-crime	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras
Atas de Câmaras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras
Memórias/relatos históricos / diários históricos de viagem	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras
Inventários	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras
Folhetins	não se aplica	não se aplica	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras
Crônicas	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras
Notícias	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras	5000 palavras
Demais materiais já editados no PHPB						
Novos materiais						

As universidades ligadas a esse projeto, tanto quanto o CNPq e a CAPES vêm financiando o levantamento do corpus para a história do Português Brasileiro.

No caso do Estado de São Paulo, têm sido levantados os seguintes materiais de pesquisa, no interior do Projeto para a História do Português Paulista II (Projeto Temático – FAPESP – Processo 11/51787-5):

Subprojeto *Formação de corpora do Português Paulista*

Coordenador: Prof. Dr. José da Silva Simões (USP)

Equipe: Profa. Dra. Verena Kewitz (USP), Profa. Dra. Alessandra F. Castilho da Costa (UFRN); Bruna Emanuely Santos Santana (G-IC, ACE/USP); Hiago Vinicius da Silva (G-IC, ACE/USP); Patrícia Simone Ferucio Manoel (G-IC, EP/USP); Priscilla Uvo Moraes (G-IC, ACE/USP); Kathlin Carla de Moraes (G-IC, CNPq [2012] e RUSP [2013]); Rafael Rodrigo Ferreira (G-IC, ACE/USP); Cássio de Albuquerque (G-IC, ACE/USP); Joyce Mattos (G-IC, ACE/USP); Bibiana Jost Perinazzo (PG-ME, UFRN); Maria da Conceição Barros de Souza (G-IC, UFRN, Bolsa PROPESQ); Rayara Jayne Pereira de Souza (G-IC, UFRN, Bolsa PIBIC); Fernando Laerty Ferreira da Silva (G-IC/UFRN)

Introdução

No âmbito do PHPB, foi decidida a constituição de um *corpus* mínimo comum (conjunto de documentos comuns a todas as regiões envolvidas no PHPB) e um *corpus* diferencial (documentos particulares de cada região).

A experiência do período anterior do PHPP I demonstrou a dificuldade de fazer um levantamento exaustivo de materiais para compor o *corpus* mínimo comum da equipe e também o material diferencial. Apesar dos enormes acréscimos reunidos pela Comissão de *Corpus* do projeto temático anterior, ainda há lacunas a serem preenchidas.

A necessidade de preenchimento dessas lacunas e principalmente a tarefa de disponibilizar *corpora* tanto para as pesquisas do PHPP, quanto para as do PHPB, criteriosamente selecionados e editados, justificam a continuidade dos trabalhos da referida Comissão.

Este Subprojeto assumiu os encargos que, durante a vigência do PHPP I, eram de responsabilidade da Comissão de Linguística de *Corpus* do PHPP: selecionar, coletar e editar textos de interesse para a história do Português Paulista, do século XVI ao XX. Tem por missão principal, portanto, reunir os materiais coletados e editados no seu âmbito e no bojo de outros Subprojetos, de maneira a uniformizar o material, atendendo, assim, à metodologia de trabalho adotada pela atual equipe e já exposta na proposta submetida à FAPESP. Para o ano de 2013 não houve nenhuma alteração referente aos objetivos e ao cronograma de execução dos trabalhos da equipe deste Subprojeto.

A constituição dos *corpora* do PHPP segue o critério de tipologia textual diversificada, assumindo o modelo das Tradições Discursivas, ao lado da Filologia. Esse critério foi adotado pelo projeto nacional *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) para a organização de *corpora* representativos das variedades das regiões integradas ao PHPB. Portanto, o *corpus* do PHPP será disponibilizado também para todas as equipes regionais do projeto nacional.

1. Desenvolvimento das pesquisas

Ao estudar a história de uma língua, deparamo-nos com diversos desafios, dentre eles as fontes para a coleta dos dados linguísticos. Esse problema refere-se ao grau de proximidade com o vernáculo ou falares cotidianos presentes nos textos de sincronias passadas. No entanto, acredita-se que as análises possam se basear tanto em textos oficiais, mais formulaicos, com alto grau de controle, quanto em textos mais particulares, menos formulaicos e, portanto, mais próximos da oralidade. Tendo esses dois polos como parâmetro, pode-se assegurar uma exploração dos textos e de suas respectivas marcas linguísticas com maior precisão e cuidado.

O modelo das Tradições Discursivas, ao lado da Filologia, fornece subsídios para melhor entender a história dos textos. É preciso ter esse aspecto em mente de modo que não se confundam história da língua e história dos textos. A título de ilustração, certas expressões linguísticas podem aparecer num determinado tipo de texto, mas não em outro, simplesmente porque nesse não há motivo e espaço para tais expressões.

Tanto no âmbito do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), quanto do *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP), algumas propostas foram elaboradas para a constituição de *corpora* representativos das variedades regionais. Notam-se um consenso em relação à constituição de *corpora* de tipologia textual diversificada e uma preocupação com os diversos registros de várias sincronias, levando em conta, assim, as diversas normas

presentes nos textos. Nesse quesito, é muito importante atentar para a história social específica de cada região e sub-região, pois os textos transitam de maneira diversa em determinados grupos sociais, no que se refere à frequência e à tipologia.

Simões & Kewitz (2010b) chamam a atenção para outros aspectos relevantes na constituição de *corpora* diversos: (i) a história social da língua portuguesa no Brasil; (ii) o contato linguístico; (iii) as normas linguísticas e (iv) a importância dos conceitos de Tradições Discursivas para a constituição dos *corpora*, conforme atestam Simões & Kewitz (2006a, 2006b, 2009a e 2009b). Nesses trabalhos enumeramos algumas reflexões a respeito de alguns fatores determinantes da produção de textos paulistas ao longo de cinco séculos, tais como a diversidade linguística presente antes do Decreto de Pombal, o papel efetivo das escolas primárias, secundárias e superiores no Estado de SP enquanto propagadores de norma culta, o papel da imprensa enquanto possível modelo de norma culta a partir do século XIX, o perfil das pessoas letradas, a mobilidade social como fator de divulgação de normas escritas e faladas (cultura, popular), o conservadorismo ou renovação de tradições: mudança linguística veiculada por determinados gêneros textuais, entre outros fatores. Dessa forma, propõe-se a formação de um *corpus* mínimo compartilhado que leve em conta os aspectos elencados acima e as especificidades de cada Subprojeto do PHPP.

Os integrantes deste Subprojeto procuraram reunir nesta primeira fase do projeto três conjuntos de corpora relevantes para o estudo da constituição da norma culta na História do Português Paulista, a saber: Memórias Históricas e Diários de Viagem do séc. XVIII (2.1.), Cartas Pessoais do séc. XIX e XX (2.2) e Testamentos Paulistas do séc. XVII (2.3). Cada um desses conjuntos contou com a participação de uma equipe específica, encabeçada, respectivamente, pelos pesquisadores José da Silva Simões (USP), Verena Kewitz (USP) e Alessandra F. Castilho da Costa (UFRN). Informamos que, atualmente, a equipe do Subprojeto de *Formação de Corpora do Português Paulista* já conta com monitores bolsistas dos programas “Ensinar com Pesquisa”, da Pró-Reitoria de Graduação e “Aprender com Cultura e Extensão”, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo.

1.1 Memórias Históricas e Diários de Viagem do século XVIII

Participantes: Prof. Dr. José da Silva Simões (USP)

Bruna Emanuely Santos Santana (IC, ACE/USP)

Hiago Vinicius da Silva (IC, ACE/USP)

Patrícia Simone Ferucio Manoel (IC, EP/USP)

Priscilla Uvo Moraes (IC, ACE/USP)

Por ocasião do II Seminário do PHPP II, realizado na FFLCH-USP em dezembro de 2012, esta equipe disponibilizou em CD-ROM e em material apostilado um conjunto que reúne três documentos coletados por José Simões em 2005, durante missão de trabalho de pesquisa na *Biblioteca Nacional de Lisboa* e no *Arquivo Nacional da Torre do Tombo* (Lisboa), com recursos da bolsa de estágio de doutoramento que me foi auferida pela permanência de 12 meses na *Eberhard Universität Tübingen* (CAPES BEX-131105-0). Nesse momento, em nome dos integrantes do Subprojeto *Formação do Corpora do Português Paulista*, disponibilizamos esse material já editado aos pesquisadores do PHPP II, para que possam usá-los em suas análises, enquanto o material não é efetivamente publicado.

Os manuscritos de Frei Gaspar da Madre de Deus (1) “*Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente*” (1780) e (2) a “*Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente*” (1780) e (3) o “*Diário de viagem, que de Villa Bella deMatto-Grosso fis para a Cidade deSaõPaulo pelas ordinarias derrotas de terra, eRios que delle constar no anno de 1788*” de Francisco José de Lacerda e Almeida foram editados com o auxílio de bolsas de

iniciação científica e de extensão universitária conferidas às alunas de graduação do curso de Letras, Patrícia Simone Ferucio Manoel (*Ensinar com Pesquisa* – Pró-Reitoria de Graduação da USP) e Priscilla Uvo Moraes (*Aprender com Cultura e Extensão* – Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP), a quem agradeço imensamente pela dedicação e apuro na edição e revisão dos textos.

Na seção abaixo, (a) historio o processo de seleção e coleta desses materiais a partir de critérios de Tradições Discursivas e Linguística de Corpus e (b) descrevo brevemente as potencialidades de pesquisa desse material.

1.1.1 A relevância dos gêneros *memória histórica* e *diário de viagem* para a análise diacrônica do PB

Em Simões (2007), em um capítulo que versa sobre critérios de seleção, coleta e edição de materiais relevantes para a constituição de corpora diacrônicos do português brasileiro (PB), argumentei que a constituição dos gêneros textuais é fruto de adaptações e inovações de outros gêneros. A partir das considerações de Koch (1997), defendi que o *avviso* da tradição epistolar italiana dividiu-se em *notícia* e *romance epistolar*. Destes surgiram os *diários de navegação* ao final do século XV e a partir do XVI, dando conta aos monarcas dos novos descobrimentos. Na tradição portuguesa, das *cartas notícia* e dos *diários*, como é o caso da *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500) e do *Diário de Viagem de Pero Lopes* (1530), chegamos às *notícias práticas*, relatos escritos por bandeirantes e outros desbravadores, que registravam a progressão de suas viagens e seus feitos, numa mescla entre *carta* e *diário*. Paralelamente, à medida que se constituía uma nova identidade luso-brasileira, foi preciso registrar a diacronia dos fatos históricos que demarcavam eventos e feitos significativos da história do Brasil. Nesse momento surgem as *memórias históricas*, algumas ufanistas, como a de Frei Gaspar da Madre de Deus (1797), outras mais críticas, como a *Dissertação* de Marcelino Pereira Cleto (1781).

A edição das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente* de Frei Gaspar (1797) foi vilmente plagiada por Manuel Cardoso de Abreu, que ardidamente registrou em seu manuscrito a data de 1796, anterior em um ano à data de publicação do livro de Frei Gaspar, para tentar atribuir o plágio ao verdadeiro autor: “*Não fôra a iniciativa dos irmãos Arouche e a modéstia do velho monge teria permitido que se consumasse inaudito atentado, o mais indecorosos [sic] caso de sic vos non vobis*” (Taunay, 1975 [1920]:19). Os irmãos Arouche fizeram com que fosse publicada em Lisboa. Isso se deu tardiamente, uma vez que o religioso fosse avesso ao alarde e não se preocupava em publicar suas obras, tendo-se perdido muito de seus escritos por esse motivo.

O plágio de Manuel Cardoso de Abreu, oferecido a Luz Pinto de Souza Coutinho, com o título adulterado para *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, envolve outra figura histórica do Brasil, Marcelino Pereira Cleto, o Juiz da Alfândega e Juiz de Fora da Vila de Santos, posteriormente ouvidor no Rio de Janeiro, ninguém menos que o escrivo da Devassa de Minas Gerais, responsável pelo processo movido contra o Tiradentes e membro da Relação da Bahia. Em correspondência à Rainha D. Maria I, Cleto dá conta da situação da Capitania de São Paulo, com base em informações de Manuel Cardoso de Abreu, ali chamado de Manoel de Abreu Fialho¹:

¹ Em um estudo sobre os autores coloniais publicado no Verena II dos Anais do Museu Paulista (1925), A. Taunay reconhece Manoel de Abreu Fialho como sendo o Manoel Cardoso de Abreu. A troca do nome era comum nesse século, ora identificando-se o sobrenome do pai, ora o da mãe. Na Genealogia Paulista de Silva Leme (1903-1905, Vol III, p. 237) consta: “*Joanna Maria casada em*

Esta no | ticia nos Comunicou, peSsoa de muita verdade | que tranzitando pella Provincia de Paraguay | desde o anno demil sete centos sincoenta esinco | Se Recolheu agora neste demil sete centos seten | ta eito, a esta Cidade deSaõ Paulo Sua pa | tria, e este he Manoel deAbreu Fialho a quem conhecemos, ja detempo das escolas, edosprimei | ros Rudimentos da Gramatica Latina desde o anno de mil sete Centos evinte e seis. Saõ | Paulo nove de Setembro demil sete Centos se | tenta e oito annos. (Carta de Marcelino Pereira Cleto à Rainha D. Maria I, de 9 de setembro de 1778, ANTT, Papéis do Brasil, COD. 13, MF 1997)

Este trecho da carta prova ao mesmo tempo a nacionalidade brasileira de Manuel Cardoso de Abreu e a possível identidade brasileira também de Marcelino Pereira Cleto, uma vez que na carta cita a ligação de amizade entre os dois desde o período da alfabetização. O certo é que o próprio Marcelino Pereira Cleto escreveu sua *Dissertação da Capitania de São Paulo* já em 1781², publicada em 1977 na Coleção Paulística (CLETO 1977/1781) ao lado do *Divertimento Admirável* do próprio Manuel Cardoso de Abreu (1977). Uma edição cuidadosa dos manuscritos de Marcelino Pereira Cleto, incluído o rascunho de 1781 depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa talvez pudesse trazer luz ao percurso desse plágio e desvendar se a abundância de memórias histórias escritas por esses três autores envolve um plágio de Cleto do próprio plágio de Cardoso de Abreu. Para o estudo da Lingüística Brasileira, a contraposição desses documentos pode revelar interessantes recursos de paráfrase e reformulação para uma época de que temos tão pouca documentação dessa natureza. Os trechos da *Memoria Historica da Capitania de São Paulo e de todos os seus memoraveis successos, desde o anno de 1531* de Cardoso de Abreu (1797?)³ e da *Dizertação A respeito da Capitania de S. Paulo eSua decadencia esobre omodo de restabelecella* de Marcelino Pereira Cleto (1781) servem nesta tese como amostra dessa possível contraposição.

Os manuscritos de Frei Gaspar da Madre de Deus (BNL Códice 11107 e ANTT Avulsos 3-9), disponibilizados através desta edição, representam uma tentativa de restaurar a autoria original da versão impressa das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente* (1797).

1.1.2. Breve descrição de traços linguísticos das memórias e dos diários de viagem

Os manuscritos de *memórias históricas* podem ajudar a reconstituir traços de norma culta do português brasileiro em seu processo de elaboração, no sentido klossiano de Abstandsprache (língua de distanciamento), uma vez que serviram de base para posterior publicação impressa. Entre os traços linguísticos que podem ser ali evidenciados, destaco as seguintes características:

1762 em Mogi-mirim com Ignacio Vieira de Abreu, natural de Santo Antonio do Jaraguá, Meia Ponte, Goiás, f.º de Manoel de Abreu Fialho, de Santo Amaro, e de Theresa de Jesus, de S. Paulo, n. p. de José de Abreu Fialho, de Lisboa, e Izabel Vieira Antunes, de S. Paulo, n. m. de João Rodrigues Nogueira, de Mogi das Cruzes, e de Francisca Moraes Cavalcanti, da mesma vila.”

² (a) *Dissertação da Capitania de São Paulo, Sua decadencia, e modo de restabelece-la* (ANTT, COD. 12, fl. 2-23v), manuscrito autógrafo com rubrica em todas as páginas, datada de Santos a 25 de outubro de 1781 e (b) *Dizertação A respeito da Capitania de S. Paulo eSua decadencia esobre omodo de restabelecella*, datada de Santos a 25 de outubro de 1781, provavelmente um rascunho de (a) (BNL, PBA 686, 546-575).

³ A pesquisadora Renata Ferreira Costa (FFLCH/USP) é responsável pela edição filológica da memória de Manuel Cardoso de Abreu para a sua tese de mestrado (COSTA 2007). Em 2005, encontramos-nos no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo e, durante a seção de fotos que eu fazia do manuscrito, fiquei sabendo da pesquisadora que ela já estava fazendo a edição. Em Simões (2007), editei trechos dessa memória para a análise da diacronia das orações de gerúndio no Português Brasileiro.

1. Embora as *memórias* e os *diários de viagem* tenham se tornado públicos através de sua impressão, até o final do século XIX elas tinham em vista um leitor a quem a obra era oferecida. Porém, é natural supor que eram fruto de uma produção mais controlada e passível de revisões. Além disso, o fato de ser um produto linguisticamente controlado aproxima o documento da norma culta padrão de cada sincronia a ser analisada.

2. As *memórias* e os *diários de viagem* escolhidos para o conjunto de textos de tipologia diferencial do PHPP e do PHPB têm como fio condutor a história da Capitania de São Paulo. A idéia de manter o foco sobre a história do território de São Paulo tem por objetivo a uniformidade na centração tópica a fim de poder controlar melhor o uso de determinados fenômenos linguísticos presentes nesse tipo de texto e auxiliar na análise desses mesmos itens (Cf. Simões 2007 e Kewitz 2007). Além disso, procurei identificar a naturalidade paulista dos dois autores dos documentos de forma a atender as demandas da equipe paulista do PHPB.

Frei Gaspar nasceu em 1715 em Santos:

Gaspar Teixeira de Azevedo (1715-1800). Conhecido como frei Gaspar da Madre de Deus, o cronista era filho de Domingos Teixeira de Azevedo e Ana de Siqueira e Mendonça. Herdeiro de uma família de proprietários de terras, gente rica e de pequena nobreza vinda de Portugal, fazia parte da ordem beneditina desde a juventude, sendo educado no Mosteiro de São Bento na Bahia. Estudante de filosofia e teologia tornou-se doutor em 1749. José Honório Rodrigues destaca que a carreira de Madre de Deus na ordem beneditina foi reveladora de seus méritos pessoais: Abade do mosteiro de São Bento em São Paulo 1752, Definidor 1756, Abade 1763 – domosteiro do Rio de Janeiro –, e, em 1776, Abade provincial, fazendo, como tal, todas as visitas canônicas às cinco abadias, três priorados e seis presidências, que contava a Ordem do Brasil, de Santos à Paraíba. (SILVA 2011)

Francisco José de Lacerda e Almeida nasceu na vila de São Paulo em 1753:

“Aos 22 dias do mês de agosto de 1753 anos, batizou e pôs os Santos óleos com minha licença o Reverendo Cônego Joaquim de Albuquerque Saraiva a *Francisco*, filho de José Antônio de Lacerda e de sua mulher Francisca de Almeida Pais; foram padrinhos Manoel de Oliveira Cardoso e sua mulher d. Manoela Agelica de Castro, todos desta freguezia, de que fiz este assento, que assino. – Manoel José Vaz.” Ata de batismo de Francisco José de Lacerda e Almeida, tirada do livro de assento de batismo da paróquia da Sé, em São Paulo (Cf. BUARQUE DE HOLANDA 1944:X)

Ao final deste volume, reproduzo a introdução da edição dos *Diários de Viagem* de Francisco José de Lacerda e Almeida publicada e prefaciada em 1944 por Sérgio Buarque de Holanda, bem como a primeira página do *Diario de viagem, que de Villa Bella deMatto-Grosso fis para a Cidade deSaõPaulo pelas ordinarias derrotas de terra, eRios que delle constar no anno de 1788* também constante daquele volume.

1.2 Correspondência Passiva de Washington Luís (séc. XIX e séc. XX) e Atas da Câmara de Jundiaí (séc. XVII)

Participantes: Profa. Dra. Verena Kewitz (USP)

Kathlin Carla de Moraes (IC, CNPq [2012] e RUSP [2013])

Rafael Rodrigo Ferreira (IC, ACE/USP)

Cássio de Albuquerque (IC, ACE/USP)

Joyce Mattos (IC, ACE/USP, encerrada em 2013)

1.2.1. Descrição dos documentos

A equipe composta pelos membros acima relacionados, sob a coordenação da Profa. Dra. Verena Kewitz (USP), é responsável pela edição de cartas manuscritas escritas por paulistas entre os séculos XVIII e XX. Além desses documentos, estão em fase de edição as Atas da Câmara de Jundiaí, do século XVII, pela bolsista Kahtlin C. de Moraes.

A edição dos seguintes conjuntos de documentos está em andamento, especificando-se o estado atual do trabalho.

Documentos	Descrição e Estado atual da edição	Responsáveis	
		Edição	Revisão
<i>Correspondência Passiva de Washington Luís (1ª. metade do XX, cartas privadas)</i>	Conjunto de cartas particulares endereçadas a Washington Luís entre 1901 e 1950, escritas por familiares. São mais de 100 cartas distribuídas em mais de 15 remetentes da mesma família, sendo a maioria seus cunhados (irmãos da esposa de W. Luís).	Verena Kewitz	Joyce Mattos e Verena Kewitz Renata F. Costa
	A edição está 80% pronta, faltando a transcrição de cartas de 3 remetentes; está em elaboração a apresentação das cartas, dos remetentes (profissão, naturalidade, grau de parentesco etc.), listagem e numeração das cartas, apresentação das normas de transcrição e revisão final da edição.	Verena Kewitz	--
<i>Correspondência Passiva de Washington Luís – Cartas de Administração Privada, séculos XIX e XX</i>	Conjunto de cartas de Administração Privada recebidas por Washington Luís, desde o início de sua carreira até o exílio em 1930, depositadas no Arquivo do Estado de São Paulo (AESP).	Verena Kewitz Rafael R. Ferreira e Cássio de Albuquerque	Rafael R. Ferreira e Cássio de Albuquerque
	Os documentos estão em fase de seleção para digitalização.		
<i>Atas da Câmara da Vila de Jundiá</i>	9 Livros de Atas da Câmara da Vila de Jundiá, os séculos XVII a XIX, depositados no Museu Solar do Barão de Jundiá, SP. O primeiro livro foi digitalizado e encontra-se em fase de transcrição.	Kathlin Carla de Moraes	Verena Kewitz
<i>Revisão das Cartas Editadas por Simões (2007)</i>	Simões (2007) editou diversos conjuntos de cartas oficiais e particulares dos séculos XVIII a XX, mas esse material carece de revisão e adequação das normas de transcrição. O trabalho foi iniciado em 2012, mas interrompido em 2013, dado o encerramento da bolsa da aluna Joyce Mattos (IC, ACE/USP).	Simões (2007)	Joyce Mattos

1.2.2. Oficina de Paleografia

Em 2012, a Profa. Dra. Verena Kewitz (USP) preparou e ministrou a Oficina de Paleografia, com o objetivo de formar os novos alunos-pesquisadores do Subprojeto *Formação de Corpora do Português Paulista* para o trabalho de transcrição de manuscritos antigos. Participaram

dessa primeira etapa as alunas bolsistas Priscilla Uvo de Moraes (IC, USP) e Joyce Mattos (IC, USP), com carga horária total de 12 horas.

Em 2013, a mesma docente preparou novo material didático para a Oficina de Paleografia, para formar os alunos Kathlin Carlas de Moraes (IC, USP), Rafael Rodrigo Ferreira (IC, USP), Cássio de Albuquerque (IC, USP), Hiago Vinicius da Silva (IC, USP) e Bruna Emanually Santana (IC, USP). O curso está em andamento e terá carga horária total de 15 horas, previsto para completar-se em novembro de 2013.

Essas Oficinas fornecem um panorama da evolução da escrita, considerando os vários tipos caligráficos ao longo da história das línguas românicas, apresentam as *Normas de Edição do Projeto Para a História do Português Brasileiro* (Mattos e Silva 2001 Org.) e dedicam-se à realização de exercícios de transcrição e edição de manuscritos brasileiros, iniciando-se pelo século XX até o século XVI, numa "viagem ao túnel do tempo" (cf. Tarallo 1990), considerando o grau de dificuldade da escrita, a qualidade do papel e da tinta, entre outros aspectos. Todos esses aspectos são trabalhados tendo sempre em mente a edição de manuscritos de interesse para os estudos diacrônicos do Português.

Todos os alunos que iniciam esse trabalho começam pela revisão de material editado por outros alunos já iniciados, como complementação às Oficinas de Paleografia. Paralelamente, os alunos são estimulados a refletirem sobre a história dos textos, a história social do lugar e das pessoas envolvidas na produção de cada manuscrito e outras leituras complementares.

1.3 Testamentos e inventários – sécs. XVI a XX

Participantes: Profa. Dra. Alessandra F. Castilho da Costa (UFRN)

Bibiana Jost Perinazzo (mestranda, UFRN)

Maria da Conceição Barros de Souza (IC, PROPESQ/UFRN.)

Rayara Jayne Pereira de Souza (IC, PIBIC/UFRN)

Fernando Laerty Ferreira da Silva (IC/UFRN)

1.3.1. Descrição dos documentos

O material coletado pelos membros responsáveis desta equipe ligada ao **SubprojetoLinguística de Corpus** tem por objetivo agregar exemplares dos gêneros textuais *testamentos e inventários*. Do ponto de vista metodológico, a seleção desses exemplares de textos toma como base para isso a análise de suas propriedades textuais sintático-discursivas, como é o caso dos juntores aqui descritos. Este procedimento está intimamente ligado com os propósitos de análise de junção empreendidos por Alessandra Castilho da Costa para o *SubprojetoVésperas Brazilianas: uma agenda da sintaxe do português paulista nos primeiros séculos*.

Os documentos descritos nesta seção referem-se à coleta de testamentos e inventários que servem paralelamente à Equipe Vésperas Brazilianas, sob a coordenação da Profa. Dra. Verena Kewitz (USP). Os resultados aqui apresentados indicam essa intersecção e confirmam a validade de escolher documentos históricos a partir de critérios relacionados ao modelo de Tradições Discursivas.

Uma das metodologias propostas por Kabatek (2006) é a análise dos esquemas de junção para a identificação de gêneros textuais e de sua variação interna. Kabatek (2006, p. 529) formula essa hipótese da seguinte maneira:

No nosso projeto, em uma série de trabalhos prévios procuramos determinar a relação entre os juntores que se encontram em um texto e a TD à qual o texto pertence, podendo afirmar, pelo menos segundo os primeiros estudos, que existe uma clara correlação. Esta correlação é por um lado qualitativa, quer dizer que em uma TD de finalidade determinada vai aparecer uma série de nexos que correspondem ao conteúdo expresso nesse texto. Mas a possibilidade de distinguir diferentes TD dá-se ainda muito mais quando se introduz um elemento de *quantidade relativa*, contando o número relativo de juntores que aparecem em um texto. Os dois fatores levaram-nos à seguinte hipótese de trabalho: Os esquemas de junção de um texto (“juntores” que contêm e frequência relativa) são sintomas para determinar a tradição discursiva a que pertence.

A junção é entendida como “o estabelecimento de relações semânticas” (cf. Raible 1992: 31) e pode ser expressa por meio de uma série de diferentes classes morfossintáticas. Para Raible, trata-se principalmente de justaposição de orações, de advérbios/locuções adverbiais juntivos (como *por isso*, *apesar disso*), de conjunções (coordenativas como *mas* e também subordinativas como *porque*, *embora*, etc.), de formas nominais do verbo (como o infinitivo e o gerúndio), de grupos preposicionais (como *por causa de*, *apesar de*), de preposições (como *por*, *sem*, *para*, etc.), entre outros meios. Kabatek (2006) defende a tese de que determinadas técnicas de junção são típicas de determinadas tradições discursivas (a exemplo de conjunções paratáticas em gêneros textuais da concepção discursiva da oralidade). Em outras palavras: determinados modelos linguísticos estão ligados a determinadas tradições discursivas. Do ponto de vista dessa abordagem, separar o que é da tradicionalidade discursiva do que é da tradicionalidade idiomática é um grande desafio para a Linguística Histórica.

Apoiada na hipótese de Kabatek, analisei em trabalho anterior os esquemas de junção da causalidade em testamentos paulistas dos séculos de três cortes diacrônicos:

- 1592 a 1610: 9 testamentos e 4.285 palavras
- 1648 a 1664: 10 testamentos e 4.140 palavras
- 1678 a 1715: 10 testamentos e 3.982 palavras.

Naquele momento, os gráficos da análise da distribuição dos esquemas de junção das relações semânticas de causalidade e de finalidade evidenciavam uma continuidade dos modelos textuais, com o emprego preferencial de esquemas de junção de níveis IV (subordinação), V (construções gerundiais) e VII (preposições simples) na expressão de causalidade e de finalidade. Contudo, a análise qualitativa mostrava diferenças internas nesses grupos de testamentos.

Como afirma Kabatek (2006, p. 523), “a suposta homogeneidade de um “gênero” pode apresentar uma heterogeneidade interna considerável, observável, entre várias possibilidades, identificando sintomas textuais diferentes para cada TD. Essa heterogeneidade interna *sinaliza* diferentes TD, e a indicação dos sintomas deve seguir a interpretação histórica dos dados para chegar a descrever, por exemplo, quais são as diferentes TD concomitantes em um mesmo gênero.” (Kabatek 2006, p. 523).

Em vista dessa heterogeneidade interna ao gênero, nosso objetivo é identificar também os diferentes agrupamentos textuais que apresentam semelhanças familiares que constituem o agrupamento maior do gênero textual testamento.

O procedimento de análise que adotei para a identificação da variação interna nos testamentos constituiu-se dos seguintes passos:

1. Coleta e digitação de testamentos de São Paulo e do Rio Grande do Norte;
2. Identificação da estrutura composicional desses testamentos, segundo a partição analítica da Diplomática (análise qualitativa);
3. Identificação de convergências entre esses testamentos e textos reguladores (análise qualitativa);
4. Identificação de juntores típicos dessas convergências;
5. Análise quantitativa da distribuição desses juntores pelos grupos de testamentos.

Para a análise qualitativa, foi constituído um corpus com 8 testamentos provenientes de São Paulo e do Rio Grande do Norte, como a tabela abaixo ilustra:

Proveniência	Período			
	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Instituto Histórico e Geográfico de Natal	-	Pedro Tavares Romeyro, 1767 ⁴ Joana da Rocha, 1768 ⁵	Anna Araujo Pereira, 1871 ⁶ José Rodrigues Cherem, 1870 ⁷	Antonio Ribeiro de Moraes, 1941 ⁸ Francisca Amelia da Silva, 1941 ⁹
Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo	Afonso João, 1654 ¹⁰ Antão Rodrigues Lopes, 1653 ¹¹	-	-	-
Total	2	2	2	2

Para a análise quantitativa, mantive 5 dos 8 testamentos utilizados na análise qualitativa (Pedro Tavares Romeyro, Joana da Rocha, Ignácio José Cherem, Antonio Ribeiro e Francisca Amelia da Silva) e completei o corpus com outros quinze testamentos. Minha intenção é testar os resultados da análise qualitativa na análise quantitativa.

Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
-------------	--------------	------------	-----------

⁴ Transcrição de Alessandra Castilho Ferreira da Costa.

⁵ Transcrição de Alessandra Castilho Ferreira da Costa.

⁶ Transcrição de Maria da Conceição Barros.

⁷ Transcrição de Maria da Conceição Barros.

⁸ Transcrição de Maria da Conceição Barros.

⁹ Transcrição de Maria da Conceição Barros.

¹⁰ Transcrição publicada pela Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo (1998, p. 23-25).

¹¹ Transcrição publicada pela Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo (1998, p. 44-47).

- Pedro Leme, 1600 - Martim Rodrigues, 1603 - Antonio Gomes Borba, 1645 - Cristóvão da Cunha, 1664 - Miguel Garcia Velho, 1664	- Manoel Gonçalves Durão, 1796 - Manoel Morais, 1798 - Joana da Rocha, 1768 - Victoriano Rodrigues, 1717 - Pedro Tavares Romeyro, 1767	- Felipa Vasconcellos, 1870 - Joaquim Ribeiro Dantas, 1882 - Ruperto Sá, 1816 - Ignacio José Cherem, 1870 - Miguel Ferreira da Rocha, 1862	- Joaquim Avelino Nascimento, 1937 - Francisca Amelia da Silva, 1941 - Antonio Ribeiro Morais, 1941 - Maria Roza Medeiros, 1939 - Teófilo Alves Moraes, 1940
2.320 palavras	7.853 palavras	6.893 palavras	4.671 palavras

Minha consideração da macroestrutura dos testamentos utilizou os subsídios fornecidos pela Diplomática a respeito da organização textual de documentos públicos e privados de caráter histórico. O testamento é identificado como *documento particular*, quer dizer, como registro que tem o fim de conservar um direito individual, tratando-se, portanto, de um texto pertencente à esfera jurídica (cf. Spina 1997, p. 18-19). Como documento jurídico, esse gênero textual atende à definição proposta por Theodor Sickel (apud Spina 1977, p. 19) de *documento diplomático*: “um testemunho escrito de um fato de natureza jurídica, coligido com a observância de certas formas determinadas, destinadas a conferir-lhe fé e dar-lhe força de prova”.

A tabela a seguir ilustra os elementos constitutivos da macroestrutura dos testamentos dos séculos XVII a XIX analisados. A estrutura dos testamentos do século XX é um pouco distinta e veremos a seguir.

A macroestrutura dos testamentos de Antonio Ribeiro de Morais (1941) e de Francisca Amelia da Silva (1941) apresentam algumas rupturas em relação aos testamentos dos séculos 17, 18 e 19. Muitos dos elementos de cunho religioso/soteriológico deixam de ocorrer, a exemplo do *invocatio* e da *arenga* religiosa. Uma alteração relevante é a introdução de partes do *corroboratio* já no protocolo inicial, de modo a assegurar a validade do documento desde seu princípio, com a indicação de que determinadas solenidades externas ao testamento foram obedecidas e de que determinações legais foram cumpridas:

Na *dispositio*, os atos de fala “encomendar a alma” e “fazer pedidos pios”, “encomendar missas” e “ordenar a forma de sepultamento”, que constituem os legados espirituais, deixam de ocorrer e nos testamentos do século XX há apenas o estabelecimento do legado patrimonial e as cláusulas finais.

A macroestrutura do escatocolo modifica-se pouco. Permanecem nos testamentos do século XX as unidades retóricas *subscriptio* e *apprecatio*. O *datatio*, que nos exemplares dos setecentos, oitocentos e novecentos, ocorria antes do *subscriptio*, não foi identificado em nenhum dos dois exemplares, aparecendo apenas no protocolo inicial e na aprovação do testamento, assinada pelo tabelião.

1.3.2. Convergências entre testamentos e manuais de bem morrer

Entre os séculos XVII e XIX no Brasil, a facção de testamentos era prática discursiva comum entre católicos de diferentes estratos sociais e “a redação dos testamentos era feita ou pelo próprio sujeito que testava ou, a seu rogo, por um indivíduo de sua confiança, podendo ser um sacerdote (em geral o confessor), pessoa leiga de confiança (que podia ser um membro de irmandades ou amigo) ou notário”.

Como resultado dessa necessidade comunicativa, há uma proliferação de manuais, conhecidos como manuais de *bem morrer*, a exemplo do *Breve aparelho e modo fácil para ensinar a bem morrer um cristão*, do jesuíta Estevam de Castro, publicado em 1621 em Portugal, do *Mestre da vida que ensina a viver e morrer santamente*, escrito por João Franco e publicado entre 1731 e 1882, e do *Devoto instruído na vida e na morte* (1828), do padre Frei Manoel de Maria Santíssima, publicado em 1784 (cf. Rodrigues & Dilmann 2013, p. 2-4).

Diante dessa demanda comunicativa, os manuais de *bem morrer* cumpriam um papel facilitador da produção textual, já que apresentavam modelos que tornavam a produção do testamento mais simples. Além desse caráter modelar e simplificador, tais manuais desempenhavam também um papel selecionador, pois todo modelo restringe as possibilidades de produção de sentido, bem como de formulação linguística. Ora, é esse caráter modelar, simplificador e restritivo que dá suporte ao conservadorismo de formas textuais e linguísticas, ao passo que a inovação representa sempre uma ruptura com modelos anteriores (sejam textuais ou linguísticos). Essas relações conservadoras que se estabelecem entre os manuais de *bem morrer* e os testamentos brasileiros dos séculos XVII e XVIII, culminando com escolha de determinadas formas linguísticas, são objeto de consideração de historiadores:

A leitura de testamentos dos séculos XVII a meados do XIX nos permite verificar que estes documentos seguiam muitas vezes um padrão e que, dependendo do recorte temporal e espacial, **poderiam existir expressões, frases ou parágrafos que se repetiam idêntica ou semelhantemente em vários deles**¹², em que pesem as especificidades que possam ter, as quais quase sempre estavam vinculadas aos testamentos escritos de próprio punho pelo testador.

Não é novidade para os estudiosos que este padrão era resultante da existência de uma literatura espiritual que, no mundo português, foi editada principalmente nos séculos XVII e XVIII, destinada a instruir os féis nas matérias da fé e na preparação para a morte.

(Rodrigues & Dimann 2003, p. 2.)

Entre os testamentos brasileiros dos séculos 17 a 19 e os manuais de *bem morrer* verificam-se evocações, relações intertextuais e interdiscursivas¹³ que se cristalizam, tornam-se tradicionais e funcionam como fios do tecido textual. A tabela a seguir comprova tais convergências.

É evidente que as convergências verificadas acima não esgotam as possibilidades de relações que se estabelecem entre exemplares de testamentos e os modelos que se difundem na história. É importante frisar que, anteriormente aos manuais de *bem morrer*, o uso do testamento, em Portugal, havia sido recebido do Direito Romano. Diferentes modelos de testamento são encontrados, por exemplo, no *Corpus Iuris Civilis*, também conhecido como Código de Justiniano.

Para o estudo da história da língua, tais relações são relevantes, já que entre os modelos latinos de testamento e os modelos portugueses é estabelecida uma relação de reformulação,

¹² Grifo nosso.

¹³ Koch (1997) estabelece diferença entre o conceito de intertextualidade e o de interdiscursividade.

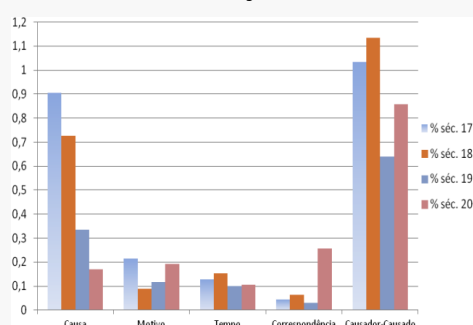
de modo que o modelo latino de testamento, com suas formas linguísticas específicas, tem de ser adaptado à realidade do português europeu (PE). Nesse processo de adaptação, o PE teve de responder, na prática, com seus próprios meios linguísticos, às exigências comunicativas de determinadas TD. O mesmo pode ser dito com relação à reformulação que se observa nos testamentos brasileiros a partir dos modelos portugueses. O avanço de uma variedade linguística em uma nova TD tem de, necessariamente, contar com movimentos de conservação e de inovação. As convergências apontadas dão indícios de como modelos anteriores podem influenciar a adoção e a difusão de determinados fenômenos linguísticos e permitem fazer um inventário inicial de modelos de junção que ocorrem com frequência em uma determinada filiação histórica interna ao gênero testamento.

Unidade Retórica	Técnicas de Integração Sintática	Relações Semânticas	Itens Linguísticos
<i>Invocatio</i>	Grupo preposicional (VI)	Motivo	“em nome da”
<i>Notificatio</i>	Advérbio Juntivo (II)	Correspondência	“na forma seguinte”
<i>Datatio</i>	Grupo preposicional (VI)	Tempo	“no ano de”; “no anno do”; “no ano do”
<i>Arenga</i>	Construção gerundial (V) Preposição simples + Inf.	Modo/Causa Causa	“estando”, “temendo”; “desejando”; “dezejando”; “achando” “por”
<i>Dispositio</i>	Papel actancial (VIII)	Causador-causado	“declaro que”, “declara que”, “declarou que”
<i>Corroboratio</i>	Preposição Simples + Inf. Subordinação (IV)	Causa Causa	“por” “por quanto”; “porquanto”
<i>Escatocolo</i>	Grupo preposicional (VI)	Motivo	“a rogo do”; “arogo do”; “arogo da”; “a rogo de”

Esse inventário de juntores típicos que testamentos que obedeciam o modelo do Breve Aparelho foi analisado nos grupos de testamentos com o fim de identificar um agrupamento mais específico interno ao gênero. Buscava-se observar se o modelo proposto pelo Breve Aparelho podeser identificado por meio da análise da junção.

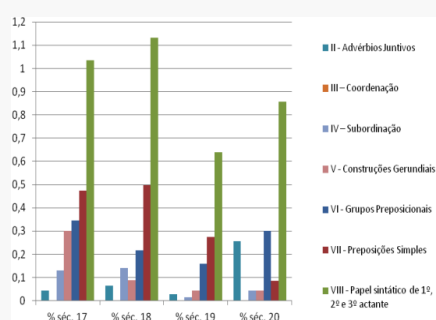
Os resultados da análise da distribuição das relações semânticas pelos grupos de testamentos mostra que é possível observar maiores semelhanças entre os dados dos séculos 17e 18 na expressão de causalidade, por exemplo. Isso ocorre, porque a expressão de causalidade nos testamentos ocorre em grande parte na arenga de cunho religioso que se torna menos presente nos dados do século 19 e deixa de ocorrer nos dados dos séculos 20.

Resultado 3: Relações semânticas



Também a análise dos graus de integração sintática aponta para uma maior semelhança familiar entre os dados dos séculos 17 e 18. Observa-se uma ruptura com relação aos elementos linguísticos analisados nos dados do século 19 e, especialmente, do século 20.

Resultado 4: Graus de integração sintática



Da análise apresentada, conclui-se que a análise de esquemas de junção pode apontar sintomas de uma filiação histórica e, por isso, pode ajudar na identificação de TD e de agrupamentos internos ao gênero.

Contudo, creio que pode ser útil fazer uma análise preliminar de textos reguladores que estabelecem relações interdiscursivas com os exemplares de um determinado gênero e influenciam a adoção de determinadas formas linguísticas. Os manuais de bem morrer desempenharam um papel no processo de elaboração do português, já que fornecem modelos da prática testamentária com tendências à escrituralidade. Por isso, pretendo continuar a investigar as possíveis relações que se estabelecem entre outros manuais, tais como o *Devoto Instruído* e o *Mestre da vida*.

Mas cabe, ainda, investigar de que maneira as preferências por determinados esquemas de junção podem ter sido determinadas, por exemplo, por modelos latinos. Essa busca pela gênese de fórmulas latinas e portuguesas pode contribuir à História do PB.

2. Síntese dos principais resultados das pesquisas

Os materiais coletados até o momento confirmam que é válida a preocupação técnica de organizar um *corpus* devidamente equilibrado pela distribuição de gêneros e seus subgêneros e pela quantidade de texto. Essa metodologia apoiou-se nos pressupostos teóricos do modelo

de Tradições Discursivas, que alia o estudo das tipologias textuais à análise de fenômenos gramaticais específicos. Com base nas contribuições da Linguística de Texto para a análise das memórias históricas, estabeleceu-se uma interface entre os estudos linguísticos e os trabalhos de história social. A exemplo do que se tem feito nos estudos de Linguística Histórica, observamos que a análise da história do gênero vai além dos limites da língua particular e que é necessário investigar a gênese dos textos e sua relação com outras línguas e tradições culturais. Notamos, ainda, que as mudanças na organização social ajudam os linguistas a compreenderem mudanças nos processos comunicativos. Para linguistas, as memórias são, portanto, uma fonte importante de pesquisa, que comprovam que a análise da história social ajuda a compreender as mudanças internas da língua, além de possibilitar a análise do uso ideológico da linguagem.

Os materiais coletados em (2.1), das memórias e diários de viagem, já demonstraram grande potencialidade para a investigação acerca da constituição da norma culta no Brasil a partir do séc. XVIII, período em que os textos produzidos no Brasil começam a se tornar cada vez mais independentes dos modelos textuais portugueses. O mesmo foi atestado pelo trabalho realizado pela equipe que coletou as cartas pessoais (2.2) e os testamentos paulistas (2.3).

As pesquisas desenvolvidas neste Subprojeto estão associadas a duas correntes teóricas que se entrecruzam nos estudos, de um lado os achados dos pesquisadores das *Tradições Discursivas*, e, de outro, os estudos ligados à *Linguística de Corpus*. O objetivo principal da equipe é o de reunir corpora relevantes para as pesquisas dos demais Subprojetos do Projeto Temático de Equipe PHPP II. Nesse sentido, vê-se que parte do material por nós compilado já foi utilizado como fonte de pesquisa por outras equipes, como é o caso da doutoranda Gilcéia de Menezes da Silva, do Subprojeto *Vesperas Brasileiras*, que investigou o fenômeno *Construções Denominativas na História da Língua Portuguesa* no primeiro conjunto de memórias históricas (2.1), bem como o próprio trabalho de Castilho da Costa (2013) sobre junção para o Subprojeto *Vesperas Brasileiras* também conta com o material por ela mesma editado, conforme descrito em (2.3).

Em suma, assim como já ficou atestado em SIMÕES (2012), verificamos que “a análise da história do gênero vai além dos limites da língua particular e que é necessário investigar a gênese dos textos e sua relação com outras línguas e tradições culturais”. É importante também levar em conta as mudanças na organização social, pois isso nos permite compreender as mudanças que se dão nos processos comunicativos. Para linguistas, as memórias históricas e os testamentos, embora seja textos povoados de fórmulas modelares, são, contudo, uma fonte importante de pesquisa, que comprovam que a análise da história social ajuda a compreender as mudanças internas da língua, além de possibilitar a análise do uso ideológico da linguagem. Em contrapartida, verificou-se que as cartas editadas pelo grupo da Profa. Verena Kewitz são portadoras dessas mudanças num plano mais pessoal, intermediário entre a norma culta e a norma cotidiana do final do séc. XIX e início do séc. XX, apontando aí a rota de mudança que perpassou a língua portuguesa entre o período no qual nos concentramos nesta primeira etapa.

O quadro abaixo demonstra resumidamente o avanço na coleta e edição de corpora empreendido pelos pesquisadores deste Subprojeto, indicando-se nele o ano de coleta:

Material a ser coletado em arquivos	Responsável pela coleta e edição do material	Ano
A. CORPUS COMUM MÍNIMO – MANUSCRITOS		
1. Testamentos e inventários – sécs. XVI a XIX	Profa. Dra. Alessandra F. Castilho da Costa (UFRN)	2013: 5 documentos coletados

		2014: edição de 5 documentos
2. Processos-crime – sécs. XVI a XIX	Prof. Dr. José da Silva Simões (USP)	
3. Atas da Câmara – sécs. XVI a XIX	Prof. Dr. José da Silva Simões (USP) Profa. Dra. Verena Kewitz e Kathlin Carlas de Moraes	2013: atas de Jundiaí coletadas 2014: edição das atas de Jundiaí
4. Cartas (oficiais, de administração privada e particulares) – sécs. XVI a XX	Profa. Dra. Verena Kewitz (USP)	2013: coleta e edição – mais de 100 cartas (Correspond. passiva de Washington Luis) 2014: edição de docs. séc. XVIII (SIMÕES 2007) e séc. XX (Corresp. passiva de Washington Luis)
B. CORPUS COMUM MÍNIMO – IMPRESSOS		
5. Textos de jornais dos sécs. XIX e XX: notícias, cartas de redatores/editoriais, cartas de leitores, anúncios etc.	Profa. Dra. Alessandra F. Castilho da Costa (UFRN)	2013: coletado 2014: publicação
C. CORPUS COMUM DIFERENCIAL		
6. Memórias históricas e diários – sécs. XVI a XVIII	Prof. Dr. José da Silva Simões (USP)	2013: 5 documentos 2014: 9 documentos
7. Entremeses e outros textos teatrais – a partir do séc. XVI	Prof. Dr. José da Silva Simões (USP)	
8. Inquéritos orais (falantes de níveis socioculturais diversos) – séc. XX	Edição do volume de <i>Inquéritos Oraís do Português Popular Paulista</i> compilados pela Profa. Dra. Angela Rodrigues Responsável pela publicação: Prof. Dr. José da Silva Simões, pela Comissão de Publicação do PHPP	2013: coletado 2014: publicação

Referências bibliográficas

1. Do conjunto de Memórias Históricas e Diários de Viagem do século VIII

Manuscritos

CLETO, Marcelino Pereira (178?). “*Fundação da Capitania de São Amaro no tempo do Governo de Pedro Lopes de Souza, contendas que houverão sobre os seus limites, e como passou para a Coroa*” – Ilha de São Vicente (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa - ANNT – Papéis do Brasil Códice 13 - MF 1997). In: José da Silva Simões et al. (2013, Orgs.). *Projeto História do Português Paulista: Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem*. FFLCH-USP, CD-ROM.

CLETO, Marcelino Pereira (1781). “Dizertação A respeito da Capitania de São Paulo e sua Cadência sobre o modo de restabelece-la”. – Santos (Biblioteca Nacional de Lisboa – PBA)

686 Códice 12). In: José da Silva Simões et al. (2013, Orgs.). *Projeto História do Português Paulista: Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem*. FFLCH-USP, CD-ROM.

LACERDA E ALMEIDA, Francisco José de(1788). *Diario de viagem, que de Villa Bella deMatto-Grosso fis para a Cidade deSaõPaulo pelas ordinarias derrotas de terra, eRios que delle constar no anno de 1788*. Biblioteca Nacional de Lisboa – BNL PBA Códice 642.

MADRE DE DEUS, Gaspar da, frei (1780). *Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo / Lisboa – Códice 9, Avulsos, 3-9.

MADRE DE DEUS, Gaspar da, frei (1780). *Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente*. Biblioteca Nacional de Lisboa – BNL Códice 11107.

Outras referências

SIMÕES, José da Silva (2007). *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no Português Brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutorado.

2. Do conjunto de Correspondência Passiva de Washington Luís (séc. XIX e séc. XX) e Atas da Câmara de Jundiá (séc. XVII)

MATTOS E SILVA, R. Virgínia (2001 Org.) *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. II, Tomo II. São Paulo: Humanitas.

SIMÕES, José da S. (2007) *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. São Paulo, FFLCH/USP. Tese de doutoramento, 2 volumes.

TARALLO, Fernando (1990) *Tempos linguísticos*. São Paulo: Ática.

3. Do conjunto Testamentos e inventários – sécs. XVI a XX

BIBER, Douglas. "Spoken and written textual dimensions in English: resolving the contradictory findings". In: *Language*, 62, 384-414, 1986.

KABATEK, Johannes (2001): ¿Cómo investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: Jacob, Daniel & Kabatek, Johannes (Hrg.): *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica: descripción gramatical-pragmática histórica-metodología*. Frankfurt am Main: Vervuert , 97-132.

KABATEK, Johannes (2004): [Tradições discursivas e mudança lingüística](#). In: Tânia Lobo (ed.): *Para a História do Português Brasileiro VI*, Salvador: EDUFBA, 505-527.

KABATEK, Johannes; OBRIST, Philipp; VINCIS, Valentina.: "Clause-linkage techniques as a symptom of discourse traditions: methodological issues and evidence from Romance languages" in: Heidrun Dorgeloh; Anja Wanner (Hgg.): *Syntactic Variation and Genre*. Berlin/New York: De Gruyter, 2010,

KOCH, Peter (1997): Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: Barbara Frank/Thomas Hays/Doris Tophinke (Hrsg.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr 1997 (ScriptOralia, 99), 43-79.

RAIBLE, Wolfgang (1992): *Junktion. Eine Dimension der Sprache und ihre Realisierungsformen zwischen Aggregation und Integration*. Heidelberg (Winter) (Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften. Phil.-hist.-. Klasse, Jg. 1992, Bericht 2.

Subprojeto Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos médio e clássico

Coordenador: Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto

Consultora : Profa. Dra. Esperança Cardeira (FL – Univ. de Lisboa, Portugal).

Equipe: Prof. Dr. Phablo Roberto Marchis Fachin (USP); Profa. Dra. Renata Ferreira Costa (USP); Profa. Dra. Vanessa Martins do Monte (USP); Dra. Lucimara Leite (PD – USP); Ana Cláudia Ataíde Almeida Mota (PG-DO, USP); Elizangela Nivardo Dias (PG-DO, USP); Renata Ferreira Munhoz (PG-DO, USP); Luana Batista de Souza (PG-DO, USP); Amanda Valéria Oliveira Monteiro (PG-ME, USP); Maria Fernanda Brito Rezende (G-IC – USP); Letícia Feiteira (G-IC – USP); Ana Cláudia Zatorre (G-IC – USP); Isabella Coelho e Estela Izepe (G-IC – USP).

Introdução

Este Subprojeto pretende apresentar a edição e o estudo de textos manuscritos paulistas, lavrados nos séculos XVI e XVII. Além da transcrição propriamente dita, examinam-se os textos quanto ao aspecto diplomático, codicológico, paleográfico e linguístico, buscando-se ampliar o conhecimento de características referentes à própria elaboração dos textos, considerando-se a sua materialidade, escrita, autoria e contexto histórico. O enfoque maior ou menor nos tópicos acima referidos pode variar de acordo com os objetivos das pesquisas desenvolvidas no âmbito deste projeto. Para a segunda metade do século XV e primeira metade do século XVI, editam-se documentos em português, lavrados de preferência em Portugal, a fim de suprir a inexistência ou a raridade de documentos escritos em terras paulistas à época. Para esse período, consideram-se também documentos impressos nos séculos XV e primeira metade do XVI. São ainda compreendidos pelo projeto a edição e o estudo de documentos do século XVIII, quando são objeto de pesquisas individuais de membros da equipe. Os estudos desenvolvidos por este projeto limitam-se, portanto, aos períodos médio e clássico do português, com um único enfoque principal, que é o trabalho filológico.¹⁴

As pesquisas atualmente desenvolvidas no âmbito do projeto dividem-se em trabalho de equipe e em projetos individuais relacionados ao objetivo deste projeto, como se explica a seguir. Há em processo a constituição e transcrição de *corpus* dos séculos XV e XVI, trabalho em que colaboram todos os membros da equipe. Todos os pesquisadores deste projeto pertencem ao Grupo de Estudos Filológicos, coordenado por Sílvio de Almeida Toledo Neto.

Além do trabalho em equipe, cada pesquisador tem trabalhos individuais, como projetos, teses, dissertações e iniciações científicas, que incluem, na sua maior parte, a edição de *corpus*.

O centro para o qual convergem todas as pesquisas realizadas pelo grupo é o trabalho filológico. A Filologia define-se a partir de um conjunto de disciplinas que têm como objetivo reproduzir ou reconstruir textos do passado, identificando e definindo as suas coordenadas sincrônicas e diacrônicas, linguísticas e situacionais (Xavier e Mateus, 1990, s. v. *filologia*).¹⁵ Com base nesse centro comum, cada pesquisa pode desenvolver-se mais na direção das disciplinas filológicas com que tem afinidade, dada a natureza do problema estudado. Podem

¹⁴Cardeira (2006, p. 86) explicita os limites do português médio e do português clássico: séculos XV a XVI e séculos XVI a XVIII, respectivamente.

¹⁵As principais disciplinas filológicas são a Paleografia, a Codicologia, a Diplomática, a Bibliografia Material e a Crítica Textual. “... [E]ssas disciplinas ... são entre si solidárias por visarem um objecto comum, que também é complexo: o texto e a sua escrita. Para designar esse conjunto de disciplinas, e a atitude que impregna o proceder individual de cada uma, não há termo mais apropriado que ‘Filologia’.” (Castro, 1997, p. 604).

entrar aqui também estudos de História da Língua Portuguesa, desenvolvidos por alguns pesquisadores deste projeto. Na maior parte das pesquisas desenvolvidas no âmbito deste projeto, parte-se da transcrição de fontes manuscritas ou impressas.¹⁶

1. Objetivos cumpridos

Conforme previsto no projeto, em 2012, iniciaram-se o levantamento e a digitalização de textos manuscritos dos séculos XV e XVI. Fez-se uma seleção de documentos, com base no material disponível em arquivos portugueses e brasileiros. A seleção baseou-se em três critérios: a) diferentes espécies documentais, em distribuição equilibrada o quanto possível por espécie; b) preservação do suporte e legibilidade; c) disponibilidade do fac-símile.¹⁷

Foram pesquisados principalmente os acervos do Arquivo do Estado de São Paulo, em São Paulo, e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. A equipe levantou diversas espécies documentais, como: alvará, bula, caderno, carta, certidão, contrato, inventário, ordem, procuração, rol e testamento. Após uma primeira seleção, iniciou-se a transcrição, com todas as dificuldades que apresenta. No momento, aproximadamente cinquenta dos documentos selecionados encontram-se transcritos. Há que se observar que, conforme o andamento dos trabalhos, a equipe poderá decidir acrescentar, suprimir ou substituir materiais já selecionados do corpus até agora constituído.

Acrescentam-se a esse acervo os conjuntos documentais recolhidos e preparados, ou em preparação, no âmbito dos trabalhos individuais dos pesquisadores do grupo. Das pesquisas individuais trata-se com maior atenção no item 3.

2. Síntese dos principais resultados das pesquisas

Todas as pesquisas desenvolvidas neste projeto baseiam-se na transcrição de *corpus* principalmente manuscrito e, em menor número, impresso. As transcrições são sempre conservadoras (semidiplomáticas), porque têm como um de seus propósitos preservar traços gráfico-linguísticos do modelo, a fim de permitir que o material sirva de base para os estudos filológicos e linguísticos.

Conforme referido no item 2, um dos resultados alcançados é a constituição de um *corpus* de documentação manuscrita, de variadas espécies, recolhida pela equipe em arquivos nacionais e internacionais. Aproximadamente a metade do que foi recolhido já se encontra transcrito.

Além do trabalho coletivo, há também trabalhos individuais, desenvolvidos por docentes da Área de Filologia e Língua Portuguesa e também como teses, dissertações e iniciações científicas.

Sílvio de Almeida Toledo Neto tem publicado em periódicos e livros, em âmbito nacional e internacional, resultados de suas pesquisas sobre obras dos séculos XV e XVI, com as quais tem trabalhado, como, por exemplo, a *Regra de São Bento*, a *Demanda do Santo Graal* e a *Vita Christi*. Os trabalhos são identificados na segunda parte deste relatório.

¹⁶ No caso dos textos impressos, há trabalhos sobre incunábulos e pós-incunábulos. Sobre incunábulos e pós-incunábulos portugueses, v. Jústén, 2009.

¹⁷ O terceiro critério aplica-se especificamente ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, uma vez que a pesquisa foi feita com base no acervo digital disponível em sua base de dados online.

Phablo Roberto Marchis Fachin dá andamento ao seu projeto de pesquisa junto à Área de Filologia e Língua Portuguesa. O seu projeto visa a conhecer e esclarecer a situação linguística do português em documentação manuscrita produzida no Brasil, mais especificamente na capitania de São Paulo.

Objetiva-se, com este plano, contribuir de forma concreta com os estudos sobre a história do nosso idioma. O material utilizado para a realização de pesquisas com base neste plano compõe-se basicamente de documentação manuscrita em língua portuguesa, pertencente, principalmente, à administração pública do Brasil colonial e/ou textos editados de forma fidedigna que conservam o estado de língua presente nos textos originais.

Renata Ferreira Costa e Vanessa Martins do Monte têm publicado trabalhos sobre documentação manuscrita do séc. XVIII, muitas vezes com a transcrição das fontes analisadas.

O resultado final do trabalho de Lucimara Leite, em estágio de pós-doutorado supervisionado por Sílvio de Almeida Toledo Neto e financiado pela Capes, será a edição conservadora do *Espelho de Cristina*, de Germão de Campos, 1518, e o estudo de variação entre testemunhos quinhentistas impressos da obra.

As teses defendidas ou em andamento de pesquisadores do projeto trazem resultados importantes para o estudo filológico e linguístico dos períodos estudados. *Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)* é a tese de doutorado de Vanessa Martins do Monte. Foi aprovada em 2013. O objetivo da tese é analisar, partindo de uma perspectiva filológica, um conjunto de cartas manuscritas, lavradas durante a década de 1765 a 1775, na capitania de São Paulo. Ao final do trabalho filológico, publica-se a edição semidiplomática dos 137 fólios que compõem o *corpus*, acompanhada dos fac-símiles. As formas de tratamento (FT's) em língua portuguesa têm sido objeto de vários estudos, sincrônicos e diacrônicos: parte busca explicar de que maneira se deu a inclusão do pronome *você*, advindo da forma nominal *vossa mercê*, no sistema de tratamentos brasileiro. A teoria do Poder e da Solidariedade, desenvolvida por Brown e Gilman, e a análise das relações epistolares a partir das classificações em simétrica e assimétrica são comumente utilizadas em trabalhos recentes. No presente estudo, a análise das FT's comprova que a forma mais frequentemente empregada é *vossa mercê* e chega-se à conclusão de que tal forma, diferentemente do que se verifica em outras pesquisas, não é utilizada preferencialmente nas relações assimétricas descendentes.

O recurso da adjetivação no discurso de correspondências oficiais recebidas pelo Morgado de Mateus é o título da tese de doutorado, em andamento, de Renata Ferreira Munhoz. Esta tese emprega a função substantiva da Filologia como ponto de partida, ao apresentar a transcrição semidiplomática de 98 manuscritos setecentistas ainda não publicados. Esses documentos oficiais da Coroa Portuguesa foram enviados pelo Rei Dom José, pelo Conde de Oeiras (posteriormente, o Marquês de Pombal) e por dois Secretários do Reino ao Governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo, o Morgado de Mateus, no período de 1765 a 1775. Com base nas demais funções filológicas, a adjetiva e a transcendente, analisam-se os dados linguísticos e históricos que constituem o discurso político veiculado no *corpus*. Tendo em vista a compreensão de como se construía a ideologia que legitimava o poder e a hegemonia no governo monárquico, empregaram-se pressupostos teóricos atuais da Análise do Discurso.

Forais manuelinos: edição e estudo comparativo, tese de doutorado em andamento, de Ana Cláudia Ataíde Almeida Mota. Neste trabalho, preparam-se a edição e o estudo descritivo e comparativo de aspectos filológicos e linguísticos de forais manuelinos lavrados em Portugal

no início do século XVI. O foral é um documento pelo qual o rei - ou outra autoridade secular ou eclesiástica - se compromete a ceder a propriedade de um território a uma comunidade, e no qual se estabelecem tributos a serem pagos em contrapartida. Durante a formação de Portugal, a dotação de forais a vilas foi importante para fixar as populações nas terras recém-conquistadas, fornecendo-lhes bases administrativas. Quando D. Manuel sobe ao trono, em 1495, promove a reforma dos forais antigos, produzindo os chamados *forais novos*.

Processos de divórcio matrimonial na São Paulo Colonial (1700 a 1822): edição e estudo, tese de doutorado em andamento, de Elizangela Nivardo Dias. O *corpus* deste estudo compõe-se de processos de divórcio matrimonial em São Paulo Colonial, no período de 1700 a 1822. São, no total, 86 processos manuscritos, depositados no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Transcrevem-se os textos, para em seguida analisarem-se as suas coordenadas sincrônicas e diacrônicas, situacionais e linguísticas, por meio da aplicação da metodologia de disciplinas filológicas e afins.

Documentos seiscentistas: testamentos do Arquivo Histórico Municipal Félix Guisard Filho - Taubaté (1651-1700), dissertação de mestrado, em andamento, de Amanda Valéria de Oliveira Monteiro. A proposta desta dissertação é a edição semidiplomática de documentos do século XVII (1651-1700), selecionados a partir da massa documental de Inventários e Testamentos, conservados no Arquivo Histórico Municipal de Taubaté Felix Guisard Filho. São 37 testamentos, em edição dirigida para os estudos filológicos, linguísticos, históricos e culturais do período colonial brasileiro. Apresenta-se o estudo histórico da vila de São Francisco das Chagas de Taubaté no século XVII, época em que foram escritos os testamentos, e o estudo filológico, que contempla a análise paleográfica e codicológica dos manuscritos. Segue-se a edição semidiplomática dos testamentos, acompanhada do fac-símile. Relatório de Qualificação aprovado em 2013.

A tradição da História do mui nobre Vespasiano (Lisboa, BN, Inc. 571), pesquisa de Iniciação Científica de Maria Fernanda Britto Rezende. O principal objetivo deste trabalho de Iniciação Científica é estudar aspectos filológicos e linguísticos da *Historia do mui nobre Vespasiano Imperador de Roma*, obra de autoria desconhecida, cuja primeira edição foi impressa por Valentim Fernandes, em 1496. Acredita-se que a tradução portuguesa tenha sido feita em uma data próxima à de sua publicação, dentro dos limites do *português médio*, momento de transição entre o português arcaico e o moderno (final do século XIV - início do século XVI). Trabalho subsidiado por bolsa do CNPq, com relatório final entregue e aprovado.

Entre 2012 e 2013, começaremos projetos de iniciação científica seguintes: *Manuscritos da escravidão: edição e estudo*, por Letícia Feiteira. O projeto visa à transcrição e estudo filológico de documentos manuscritos dos sécs. XVIII e XIX, referentes à escravidão. A preocupação está voltada para a depreensão de hábitos gráficos da época nas espécies documentais examinadas. Estela Izeppa desenvolve projeto que tem como objetivo a edição e o estudo de fontes do incunábulo intitulado *Regimento proueytoso contra ha pestenença*. Ana Cláudia Zatorre tem participado ativamente do projeto de transcrições e desenvolve o seguinte projeto: *Demanda do Santo Graal: cotejo de testemunhos*. Isabella Coelho desenvolve o seguinte projeto: *Transcrição e análise do Manual dos Inquisidores em Lisboa*. O projeto tem como objetivo fazer a transcrição do texto integral da obra manuscrita intitulada *Manual dos Inquisidores*, depositada no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa. Analisa também alguns aspectos gráficos e morfológicos do texto.

Resultados parciais das pesquisas acima referidas e de pesquisas dos demais membros do projeto têm sido apresentados em eventos científicos nacionais e internacionais, assim como

têm sido publicados no país e no exterior, conforme consta no item que refere à produção deste projeto.

4. Atividade de coleta de *corpus*

Todos os trabalhos desenvolvidos neste projeto e descritos acima baseiam-se em coleta de corpus documental e contêm a transcrição de material muitas vezes inédito. Faz-se uma apresentação sintética dos materiais em preparação cuja elaboração encontra-se já concluída ou mais adiantada:

Para os séculos XV e XVI: *corpus* em preparação por todos os membros deste projeto, que compõem o Grupo de Estudos Filológicos. Estudos individuais com incunábulos e pós-incunábulos, em nível de iniciação científica. A transcrição em andamento para o *corpus* de forais manuelinos para a tese de Ana Cláudia Mota. O trabalho de pós-doutorado de Lucimara Leite, que resultará na edição conservadora do *Espelho de Cristina*, impresso por Germão de Campos em 1518.

Para o século XVII: 37 testamentos seiscentistas, em 3.337 linhas de texto transcrito, *corpus* da dissertação em andamento de Amanda Monteiro, já aprovado em exame de qualificação.

Para o século XVIII: Cartas de circulação pública (81 docs., 137 fols.), na tese defendida por Vanessa Martins do Monte; Correspondência passiva do Morgado de Mateus (98 docs., c. 4500 l.), *corpus* da tese em andamento de Renata Munhoz. No livro *Por rumos da agulha*, ora no prelo, há 75 documentos, correspondendo a 3612 linhas de texto transcrito.

Referências bibliográficas

- CARDEIRA, Esperança. *História do português*. Lisboa: Caminho, 2006.
- CASTRO, Ivo. Filologia. *Biblos*. Verbo, 1997, p. 602-609.
- CONTINI, Gianfranco. *Breviario di ecdotica*. Milano / Napoli: Riccardo Riccardi Editore, 1986.
- JÚSTEN, Helga Maria. **Incunábulos e post-incunábulos portugueses (ca. 1488 – 1518)**. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2009.
- XAVIER, Maria Francisca, MATEUS, Maria Helena. **Dicionário de termos linguísticos**. Lisboa: Cosmos, 1990.

3. HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE SÃO PAULO

PROJETO DE HISTÓRIA DO PORTUGUÊS PAULISTA
(PHPP II - PROJETO CAIPIRA II)
Projeto Temático – FAPESP – Processo 11/51787-5

Pesquisadora Responsável

Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (UNESP/São José do Rio Preto)

Subcoordenador

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP)

Instituição Sede

UNESP/São José do Rio Preto

Coordenadores de Subprojetos

Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho (USP, UNICAMP)
Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (UNESP/Rio Preto)
Prof. Dr. José da Silva Simões (USP)
Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP)
Profa. Dra. Maria Aparecida C. R. Torres Moraes (USP)
Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes (USP)
Profa. Dra. Maria Lúcia C. V. Oliveira Andrade (USP)
Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi (UNESP/ Rio Preto)
Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP)
Profa. Dra. Verena Kewitz (USP)

Consultores

Prof. Dr. Ian Roberts (Cambridge University-UK)
Profa. Dra. Ana Maria Martins (Universidade de Lisboa).
Profa. Dra. Esperança Cardeira (Universidade de Lisboa)
Prof. Dr. Johannes Kabatek (Universidade de Tübingen)
Prof. Dr. Carlos de Almeida Prado Bacelar (USP)
Prof. Dr. Augusto Soares da Silva (Universidade Católica Portuguesa)
Profa. Dra. Mary Kato (UNICAMP)
Prof. Dr. Rodolfo Ilari (UNICAMP)
Profa. Dra. Maria Luiza Braga (UFRJ)
Prof. Dr. Alan Baxter (UFBA)

Período de vigência do Projeto

01/12/2012 a 30/11/2017

Período coberto pelo Relatório

01/12/2012 a 30/11¹2017

I. OBJETIVOS DO PROJETO

Após a conclusão, em 2011, do Projeto Temático História do Português Paulista – PHPP, Projeto Caipira (FAPESP – Processo 2006/5594-0), então coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, iniciou-se esta segunda edição desse Projeto, o PHPP II. Nesta edição atual, o PHPP II, constituído por dez Subprojetos situados na Área da Linguística Histórica do Português, tem dois objetivos centrais:

- (a) coletar, organizar e disponibilizar *corpora* diacrônicos do Português Paulista, de modo a apoiar pesquisas sobre essa variedade;
- (b) analisar tais *corpora* em três eixos:
 - (i) estudo da variação e mudança gramatical, dos ângulos funcionalista – cognitivista e gerativista, com ênfase nas classes de palavras e nas construções sintáticas;
 - (ii) estudo da formação da variedade culta e da difusão da variedade popular na região do Médio Tietê, paralelamente ao traçado sócio-histórico do Português Paulista;
 - (iii) estudo de gêneros discursivos e de processos de construção textual, respectivamente sob as perspectivas crítico-discursiva e textual-interativa.

É propósito do PHPP promover um diálogo entre teorias linguísticas, indispensáveis nas pesquisas contemporâneas da Linguística Histórica, para darem conta da complexidade dos fenômenos a serem pesquisados. Assim, o Projeto contempla as dimensões gramatical, semântica e textual-discursiva como constitutivas das categorias da língua em uso.

Quanto ao primeiro objetivo, é responsabilidade de todos os Subprojetos envolverem-se na atividade de coleta de *corpora* do Português Paulista, com destaque para dois: o de *Formação de corpora do Português Paulista*, coordenado pelo Prof. Dr. José da Silva Simões, e o de *Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos médio e clássico*, coordenado pelo Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto.

Para o cumprimento do segundo objetivo, foram organizados oito Subprojetos, assim distribuídos pelos três eixos de investigação:

1. Variação e mudança gramatical

- *Vésperas Brasileiras: uma agenda para os estudos sintáticos do Português Paulista nos primeiros séculos*, coordenado pela Profa. Dra. Verena Kewitz.
- *Diacronia da concordância e de algumas classes de palavras no Português Paulista na perspectiva funcionalista-cognitivista*, coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho.
- *Tipologia e história das construções gramaticais em perspectiva funcional*, coordenado pela Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin.
- *Gramáticas paulistas na história do português brasileiro*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Aparecida Torres de Moraes.

2. Constituição da variedade culta do Português Paulista e expansão da popular pelo Médio Tietê

- *Retrato sociolinguístico da variedade culta paulistana (da década de 50 do século XX ao século XXI)*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes.
- *História e variedade do português paulista às margens do Anhembi*, coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

Na proposta inicial do PHPP, estava previsto, neste item, o Subprojeto *Retrato sociolinguístico da cidade de São Paulo no começo do século XXI: a variedade popular*, coordenado pela Profa. Dra. Ângela Cecília de Souza Rodrigues. Esse Subprojeto foi desativado, a pedido da Coordenadora, por motivos pessoais e por problemas para a viabilização de coleta de dados na periferia de São Paulo, que exporia os alunos pesquisadores a situações perigosas de violência urbana.

3. Gêneros discursivos e processos de construção textual

- *Gêneros jornalísticos impressos: historicidade, constituição e mudança em uma perspectiva crítico-discursiva*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade.

- *Processos de construção textual: uma abordagem diacrônica*, coordenado pela Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran.

Cada Subprojeto comporta objetivos específicos, que serão expostos nos respectivos relatórios, no item II.3.

O PHPP integra-se, enquanto equipe regional paulista, ao Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), que reúne mais doze equipes de outros Estados. Vários pesquisadores do PHPP estão comprometidos com a realização do objetivo do PHPB de publicação da obra coletiva *Para a História do Português Brasileiro*, cujo editor é o Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, pesquisador do PHPP.

II. RELATÓRIO DAS REALIZAÇÕES NO PERÍODO

II.1. SEMINÁRIOS

No Projeto do PHPP II, foram previstas duas modalidades de Seminários: (i) Seminários anuais, internos ao Projeto, para apresentação e discussão das pesquisas em andamento, com o propósito de promover intercâmbio entre os Subprojetos e uma contínua avaliação do desenvolvimento dos trabalhos; (ii) Seminários com especialistas brasileiros ou estrangeiros, incluindo palestras e cursos sobre temas de interesse para o PHPP, bem como atendimento específico de Subprojetos, para orientação e debate de pesquisas. Esta segunda modalidade será iniciada em 2014.

Da primeira modalidade foram realizados três Seminários.

O I Seminário do PHPP II foi no Prédio de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no dia 21 de agosto de 2012, antes da aprovação pela Fapesp do Projeto Temático. O Seminário concentrou-se na discussão não só dos planos de pesquisa constantes da proposta do Projeto Temático submetida à FAPESP, como também das principais atividades desenvolvidas pelos Subprojetos no primeiro semestre de 2012, apresentadas pelos Coordenadores dos Subprojetos. Esse seminário foi importante para impulsionar a continuidade do Projeto, no período entre o término do Temático do PHPP I e o início do do PHPP II. Foi seguida a programação abaixo.

PROGRAMAÇÃO

Dia 21 – das 8:00 às 12:00 horas

1. *Formação de corpora do Português Paulista* – Prof. Dr. José da Silva Simões (USP)
2. *Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos médio e clássico* – Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP)
3. *Vésperas Brasileiras: uma agenda para os estudos sintáticos do Português Paulista nos primeiros séculos* – Profa. Dra. Verena Kewitz (USP)
4. *Gramáticas paulistas na história do português brasileiro* – Profa. Dra. Maria Aparecida Torres Morais (USP)

Dia 21 – das 14:00 às 18:00 horas

5. *Retrato sociolinguístico da variedade culta paulistana (da década de 50 do século XX ao século XXI)* – Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes (USP)
6. *História e variedade do português paulista às margens do Anhembi* – Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP)
7. *Gêneros jornalísticos impressos: historicidade, constituição e mudança em uma perspectiva crítico-discursiva* – Profa. Dra. Maria Lúcia C. V. de Oliveira Andrade (USP)
8. *Processos de construção textual: uma abordagem diacrônica* – Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (UNESP/ São José do Rio Preto)
9. Reunião dos Coordenadores de subprojetos para planejamento das próximas atividades do PHPP II.

O II Seminário do PHPP II foi realizado nos dias 10 e 11 de dezembro de 2012, na sala 260 do Prédio de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Reuniu pesquisadores dos Subprojetos que integram o PHPP II, com o objetivo específico de discussão dos resultados das pesquisas desenvolvidas no ano de 2012, no âmbito de cada Subprojeto. A critério de cada Coordenador, ele próprio fez o relatório das pesquisas de seu grupo e/ou delegou a palavra aos membros de sua equipe, para que apresentassem seus trabalhos. Foi cumprida a seguinte programação.

PROGRAMAÇÃO

Dia 10/12/12

1. Subprojeto *Formação de corpora do Português Paulista*, coordenado pelo Prof. Dr. José da Silva Simões (USP)

- *Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem: Francisco José de Lacerda e Almeida (1788), Frei Gaspar da Madre de Deus (1780a e 1780b)* – José da Silva Simões
- *Edição da Correspondência Passiva de Washington Luiz - 1.ª metade do século XX* – Verena Kewitz
- *Edição de cartas dos séculos XVI a XVIII* – Joyce Mattos
- *História social e documentação produzida em Jundiá: uma contribuição aos estudos diacrônicos do Português Paulista* - Kathlin Carla de Moraes

2. Subprojeto *Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos médio e clássico*, coordenado pelo Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP)

- *Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos Médio e Clássico: resultados parciais para 2012* – Trabalho da equipe, apresentado pelo Coordenador.

3. Subprojeto *Vésperas Brazilianas: uma agenda para os estudos sintáticos do Português Paulista nos primeiros séculos*, coordenado pela Profa. Dra. Verena Kewitz (USP)

- *Vésperas Brazilianas: uma agenda para os estudos sintáticos do Português Paulista nos primeiros séculos* – Verena Kewitz e Maria Clara Paixão de Sousa
- *As construções de semântica denominativa na história da língua portuguesa* – Gilcélia de Menezes da Silva
- *A concordância nominal e verbal no Português Médio* – Célia Maria Moraes de Castilho e Ataliba Teixeira de Castilho.

4. Subprojeto *Diacronia da concordância e de algumas classes de palavras no Português Paulista na perspectiva funcionalista-cognitivista*, coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho (USP)

- *A concordância* - Ataliba Teixeira de Castilho, Célia Maria Moraes de Castilho e Edilaine Buin Barbosa

5. Subprojeto *Tipologia e história das construções gramaticais em perspectiva funcional*, coordenado pela Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin (UNESP/São José do Rio Preto)

- *Tipologia e história das construções paratáticas em perspectiva funcional* - Sanderleia Roberta Longhin
- *Tipologia e história das construções hipotáticas em perspectiva funcional* – Lúcia Regiane Lopes-Damásio
- *Tipologia e história de construções de infinitivo em perspectiva funcional*, Angélica Rodrigues

Dia 11/12/12

6. Subprojeto *História e variedade do português paulista às margens do Anhembi*, coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP)

- *As versões dos manuscritos e impressos e dos falantes* – Trabalho da equipe, apresentado pelo Coordenador.

7. Subprojeto *Gêneros jornalísticos impressos: historicidade, constituição e mudança em uma perspectiva crítico-discursiva*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Lúcia C. V. Oliveira Andrade (USP)

- *Persuasão e constituição de consensos na mídia impressa paulista: o noticiário sobre as eleições* - Fábio Fernando Lima

- *Negociação interpessoal e dinamismo acional em tradições discursivas pós-modernas: um estudo dos editoriais laudatórios da imprensa paulistana de bairro* – Paulo Roberto Gonçalves Segundo
- *Constituição e mudança do gênero anúncio de emprego – sob a perspectiva crítico-discursiva* – Kelly Cristina de Oliveira
- *Cartas da editora em revistas femininas paulistas do século XIX: marcas de envolvimento* – Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

8. Subprojeto *Processos de construção textual: uma abordagem diacrônica*, coordenado pela Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (UNESP/São José do Rio Preto)

- *A organização tópica de Cartas de Leitores de jornais oitocentistas de São Paulo* - Eduardo Penhavel e Alessandra Regina Guerra
- *O processo de parentetização em Cartas de Leitores de jornais oitocentistas de São Paulo* - Valéria Vendrame Ferrari
- *O processo de referência em Cartas de Leitores de jornais oitocentistas de São Paulo*, de autoria de Marcos Rogério Cintra e Maria Angélica de Oliveira Penha
- *O processo de repetição em Cartas de Leitores de jornais oitocentistas de São Paulo* - Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran

O III Seminário do PHPP II foi realizado nos dias 13 a 15 de agosto de 2013, na sala 260 do Prédio de Letras da FFLCH/USP, com o objetivo de discussão e intercâmbio dos resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito dos Subprojetos, durante a vigência do primeiro ano do Projeto Temático. Os Coordenadores de Subprojetos e pesquisadores de suas equipes expuseram os trabalhos, debatidos pelos presentes. Este relatório resulta desse Seminário. Foi cumprida a programação abaixo.

PROGRAMAÇÃO

Dia 13/08/13

1. Subprojeto *Formação de corpora do Português Paulista*, coordenado pelo Prof. Dr. José da Silva Simões (USP)

- *Edição de Memórias Históricas de Marcelino Pereira Cleto (178? e 1781)* - José da Silva Simões
- *Edição de corpora paulista: cartas da 1ª metade do XX* – Verena Kewitz
- *Documentação produzida em Jundiaí: contribuição à formação de corpora paulistas*- Kathlin Carla de Moraes
- *Cartas Oficiais e de Administração Privada de Militares de São Paulo (XVIII-XIX) e Cartas de Washington Luís (XX)* – Joyce Mattos

2. Subprojeto *Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos médio e clássico*, coordenado pelo Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP)

- Trabalho da equipe, apresentado pelo Coordenador
- 3. Subprojeto *Vésperas Brasileanas: uma agenda para os estudos sintáticos do Português Paulista nos primeiros séculos*, coordenado pela Profa. Dra. Verena Kewitz (USP)**
- *A Sintaxe da Ordem no Português Médio: consequências para os estudos sobre a diacronia do Português Brasileiro* Maria Clara Paixão de Sousa
- *Aspectos da Concordância Verbal no Português Médio* – Maria Célia Moraes de Castilho e Ataliba Teixeira de Castilho
- *Observações sobre as construções denominativas no manuscrito autógrafo da BNL de Frei Gaspar da Madre de Deus* - Gilcélia de Menezes Silva
- 4. Subprojeto *Retrato sociolinguístico da variedade culta paulistana (da década de 50 do século XX ao século XXI)*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes (USP)**
- *Retrato sociolinguístico da variedade culta paulistana* – Trabalho da equipe, apresentado pela Coordenadora e por Patrícia de Jesus Carvalhinho

Dia 14/08/2013

- 5. Subprojeto *Tipologia e história das construções gramaticais em perspectiva funcional*, coordenado pela Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin (UNESP/São José do Rio Preto)**
- *Tipologia e história das construções em perspectiva construcional* – Angélica Rodrigues
- *Tipologia e história das construções paratáticas* – Sanderléia Longhin-Thomasi
- *Tipologia e história das construções paratáticas e hipotáticas* - Sanderléia Longhin-Thomasi e Lúcia Lopes-Damásio
- 6. Subprojeto *Diacronia da concordância e de algumas classes de palavras no Português Paulista na perspectiva funcionalista-cognitivista*, coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho (USP)**
- *A concordância* - Ataliba Teixeira de Castilho, Célia Maria Moraes de Castilho e Edilaine Buin Barbosa, Bruno Maroneze, Flávia Orci Fernandes e Marcel Caldeira.
- 7. Subprojeto *História e variedade do português paulista às margens do Anhembi*, coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP)**
- *Estudo do vocabulário do samba rural paulista* – Manoel Mourivaldo Santiago Almeida e Mário S. Frugieue
- *Aspectos da prosódia do português caipira* – Waldemar Ferreira Netto e Rosicleide Rodrigues Garcia
- 8. Reunião dos Coordenadores de Subprojetos para planejamento da próxima etapa de desenvolvimento do Projeto Temático**

Dia 15/08/2013

9. Subprojeto *Gêneros jornalísticos impressos: historicidade, constituição e mudança em uma perspectiva crítico-discursiva*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Lúcia C. V. Oliveira Andrade (USP)

- *Persuasão e constituição de consensos na mídia impressa paulista: o noticiário sobre as eleições (séculos XIX, XX e XXI)* – Fabio Fernando Lima
- *Jornal Correio Paulistano: A linguagem dos anúncios de emprego do séculos XX como instrumento de desigualdade e submissão da classe trabalhadora em formação*- Kelly Cristina de Oliveira
- *A inclusão do leitor no texto: um estudo da construção do discurso exortativo constituído em cartas de redatores e jornais paulistas do século XIX e XX* – Rafaela Baracat Ribeiro
- *A mobilização da voz do leitor na imprensa de bairro paulista: um estudo dos padrões representacionais e acionais* - Paulo Roberto Gonçalves Segundo
- *Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo* – Iran Ferreira de Melo
- *Um estudo comparativo entre as ideologias veiculadas pelos jornais “Folha de S. Paulo” e “Diário de S. Paulo: o aparecimento da nova classe média como potencial leitora suscitou novas estratégias discursivas para refletir a ideologia de cada grupo editorial?*
 - Paula de Souza Gonçalves Morasco
- *Haitianos no Brasil: o discurso jornalístico à luz da Análise Crítica do Discurso* - Milton Francisco da Silva
- *Mídia, ideologia e referenciação: uma análise crítica do discurso do gênero noticioso na mídia impressa paulista sobre o tema do aborto* - Breno Wilson Medeiros
- *Jornalismo paulista do século XIX: a voz das mulheres em “A Família”* - Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

10. Subprojeto *Processos de construção textual: uma abordagem diacrônica*, coordenado pela Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (UNESP/São José do Rio Preto)

- *Articulaçãotópica em Cartas de Leitores de jornais paulistas oitocentistas: marcas formais*
 - Eduardo Penhavel e Alessandra Regina Guerra
- *Materialização linguística do processo de parentetização em Cartas de Leitores de jornais paulistas oitocentistas* – Valéria Vendrame Ferrari e Joceli Stassi-Sé
- *Materialização lingüística do processo de repetição em Cartas de Leitores de jornais paulistas oitocentistas* – Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran

Os três seminários realizados foram de grande importância para a continuidade dos trabalhos do PHPP II. A implementação desse tipo de Seminário no PHPP II possibilitou contribuições entre os Subprojetos.

II.2. COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

Outra iniciativa importante do PHPP II foi a constituição da Comissão de Publicação, responsável por dar prosseguimento às duas Séries de Publicações do PHPP, criadas na gestão anterior. A Série Estudos, que já teve três volumes publicados durante o PHPP I, difunde trabalhos elaborados no âmbito dos Subprojetos e textos de consultores e convidados para os Seminários. No momento está em curso a preparação do volume IV dessa Série, sob organização da Profa. Dra. Verena Kewitz e da Profa. Dra. Sanderléia Longhin. A Série *Corpora* disponibiliza material coletado pelo Projeto, referente ao Português Paulista.

A Comissão de Publicação é formada pelo Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP), na Presidência, pelo Prof. Dr. José da Silva Simões (USP) e pelas Profas. Dras. Sanderléia Longhin (UNESP/Rio Preto) e Patrícia de Jesus Carvalhinho (USP). Destacam-se duas tarefas realizadas por essa Comissão: o estabelecimento de normas para a publicação das duas Séries e a formação de uma Comissão Científica para a Série Estudos, integrada por membros externos ao PHPP II, com a responsabilidade de avaliação dos textos submetidos para publicação nessa Série. A partir do volume IV da Série Estudos, portanto, só serão publicados os textos aprovados pelos pareceristas.

A Comissão Científica é formada pelos seguintes especialistas: Áurea Zavam (UFCE - Coordenadora do PHPB/CE), Denilda Moura (UFAL - Coordenadora do PHPB/AL), Dinah Callou (UFRJ - Coordenadora do PHPB/RJ), Ediene Pena Ferreira (UFPA - Coordenadora do PHPB/PA), Elias Alves de Andrade (UFMT - Coordenador do PHPB/MT), Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC - Coordenadora do PHPB/SC), Marco Antônio Martins (UFRN - Coordenador do PHPB/RN), Roseane Nicolau (UEPB - Coordenadora do PHPB/PB), Tânia Lobo (UFBA - Coordenadora do PHPB/BA), Valéria Gomes (UFRPE - Coordenadora do PHPB/PE), Vanderci Aguilera (UEL - Coordenadora do PHPB/PR), Mariângela Rios (UFRJ), Evani Viotti (USP), Erotilde Goreti Pezatti (UNESP/Rio Preto), Maria Alice Tavares (UFRN), Edair Görski (UFSC) e Fábio Montanheiro.

4. MUDANÇA GRAMATICAL DO PORTUGUÊS PAULISTA (Projeto Temático – FAPESP, Processo 11/51787-5)

O estudo da mudança gramatical do Português Paulista, no interior deste projeto temático de equipe, tem tomado várias direções, como se vê a seguir.

Subprojeto *Vésperas Brasileanas: uma agenda da sintaxe do português paulista nos primeiros séculos*

Coordenadora: Profa. Dra. Verena Kewitz (USP)

Equipe: Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa (USP); Gilcéia de Menezes da Silva (PG-DO, USP); Prof. Dr. Ataliba T. de Castilho (USP/Unicamp); Profa. Dra. Célia M. Moraes de Castilho (PD, USP); Prof. Dr. José da Silva Simões (USP); Profa. Dra. Alessandra F. Castilho da Costa (UFRN)

Introdução

O Português Arcaico está, em vários aspectos, bem descrito (cf. Mattos e Silva 1989, 2006), assim como o Português Brasileiro atual, sobretudo na variedade falada (cf. Jubran & Koch Orgs. 2006). No que se refere à formação do Português Brasileiro (doravante, PB), embora vários estudos apontem o século XIX como a fase de grandes mudanças do PB em relação ao Português Europeu (cf. Roberts & Kato 1993, Tarallo 1994), a datação do início do PB ainda não é ponto pacífico na literatura. Como sugere F. Tarallo, as mudanças registradas nos textos oitocentistas podem refletir processos gramaticais iniciados em um período anterior, uma vez que antes do século XIX *“as circunstâncias sociais podem não ter sido suficientemente satisfatórias para que a pena brasileira começasse a escorrer sua própria tinta”* (Tarallo 1993:99). Por outro lado, o estado da língua portuguesa nos séculos XVI a XVIII em Portugal é ainda objeto de pesquisas. Estudos recentes têm mostrado que a sintaxe do próprio Português Europeu (doravante, PE) sofre mudanças importantes na virada do século XVIII, fazendo surgir neste ponto uma gramática distinta daquela que se depreende dos textos seiscentistas, quinhentistas e quatrocentistas (Paixão de Sousa 2004, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa 2006). Paralelamente, Cardeira (2005) apresenta um trabalho minucioso sobre o português dos anos 1450-1505, apontando essa fase da língua como um momento de transição, *“em que coexistem antigas e recentes tradições linguísticas”* (Cardeira 2005: 30), que vem sendo chamado de *Português Médio*, ou nas palavras de Castro (2008, 2012), *“o meio caminho entre o PA e o Português Clássico”*. Reforça-se, assim, a relevância da investigação em torno do período de base do PB, já sugerida nas perguntas pioneiras levantadas por Ribeiro (1998), *“A mudança sintática do PB é mudança em relação a que gramática?”* e por Moraes de Castilho (2001), *“Seria quatrocentista o português implantado no Brasil?”*

Essa proposta precisa ser posicionada diante do cenário mais geral da literatura sobre as origens do PB, no qual identificam-se pelo menos duas tendências principais. A primeira vê o PB como resultado de um processo de crioulização. Os estudos que defendem essa hipótese afirmam que o PB sofreu influências gramaticais das línguas indígenas e africanas, formando-se, assim, falares crioulos que se difundiram pelo país. Autores como Silva Neto (1963) acreditavam que as diferenças entre PB e PE estariam numa base crioula, sobretudo pelo contato entre africanos e portugueses. Guy (1989), por exemplo, exclui desse processo os falares indígenas, já que o contato com os portugueses sempre foi menos intenso que com os africanos escravizados. Outros autores, como Baxter & Lucchesi (1997), Lucchesi, Baxter & Silva (2009) seguem a essa posição, com estudos em fonologia e sintaxe. A segunda vertente

vê o PB como continuação do Português Arcaico. Também conhecida como deriva, essa hipótese propõe que a variedade brasileira tem suas bases na fase arcaica do português. Além dos conhecidos estudos empreendidos por Naro & Scherre (1993, 2007) sobre as regras de concordância verbal e nominal, outros estudos vem sendo realizados nessa linha. Destacam-se os trabalhos de Moraes de Castilho (2001, 2004, 2005) que propõe uma base quatrocentista para o PB, a partir de dados de fenômenos sintáticos, especialmente o que vem chamando de redobramento. Como bem coloca Castilho (2010:191):

Argumentando que a base do PB não pode ser o PE seiscentista – que ainda não existia, quando teve início o povoamento do território –, ela relaciona várias características sintáticas, comumente atribuídas à emergência de uma gramática do PB, que entretanto são amplamente documentáveis no séc. XV. Construções de tópico (como em *O menino, ele acabou de chegar*), duplicação de clíticos de que resultariam alterações no quadro pronominal, (como em *eu não te falei pra você?*), possessivos duplicados (como em *leve o seu livro dele*, que explicam a utilização de *dele* como possessivo da terceira pessoa, especializando-se *seu* como possessivo da segunda pessoa) e outros fatos sintáticos demonstram uma vez mais que a pergunta não é por que o PB ficou como ficou, e sim por que o PE tomou um rumo inesperado, afastando-se do Português Arcaico e do PB.

Seguindo a proposta de Moraes de Castilho (2001), consideramos que, quando os primeiros portugueses aqui desembarcaram, traziam uma sintaxe adquirida antes de 1500. Para que possamos analisar que fenômenos se conservaram e se inovaram no Brasil, ou seja, para chegarmos às nossas "Vésperas Brasileiras", é preciso antes verificar como elas se apresentam no século XV. De fato, o período de três séculos delimitado na nossa investigação compreende as fases apontadas por diversos autores como pontos de inflexão na história da língua portuguesa. Em síntese, nas palavras de Moraes de Castilho (2001: 58-59):

A língua que se apresenta em textos quatrocentistas mostra uma quantidade enorme de variantes, o que caracteriza uma época em ebulição, **em que se documentam muitas tentativas de solução para uma mesma estrutura sintática** (...). Essas muitas variantes talvez mostrem que estavam em curso alterações profundas na língua (...). A língua dos textos quinhentistas já é diferente, (...) mais regrada, não havendo tantas variantes. A modalidade escrita do português quinhentista, como se sabe, passou por um processo de normatização. (grifos nossos)

Uma investigação nessa linha, portanto, permite compreender a formação do PB a partir do estudo de suas bases, ou seja, da variedade trazida para cá e do modo como ela foi se modificando ou se conservando. Para tanto, é preciso levar em conta os caminhos percorridos pelas duas variedades, portuguesa e brasileira, nos séculos XVI e XVII, a partir do momento em que elas começam a divergir: o século XV. Segundo Cardeira (2005: 292),

(...) é neste período que se definem **selecções e mutações que irão conferir ao português uma determinada personalidade**: é a elaboração do português do século XV que permitirá a sua gramaticalização a partir do século seguinte. Assim, o português médio, mais do que um «período de transição», pode definir-se com um «período crítico», crucial na história da língua portuguesa. (grifos nossos)

O estudo de Cardeira (2005) levou em conta alguns fenômenos fonológicos e morfológicos, tais como os encontros vocálicos *-eo, -ea > -eio, -eia*; sequências nasalizadas em contexto final (convergência de *-om, -am* em *-ão*); síncope de *-d-* no morfema número-pessoal; realização do participio em *-udo > -ido*; sistema dos pronomes possessivos *ma, ta, sa > minha,*

tua, sua, entre outros. Em linhas gerais, a autora constata que a mudança, em alguns casos, já estava em curso antes do século XV, e em outros, apresentava ainda um momento de transição ou competição, comprovando a coexistência de formas conservadoras e inovadoras.

Esses achados e a reflexão de Castro (2009) trazida ao Projeto Caipira (fase I) motivaram a agenda de estudos sintáticos do presente subprojeto, paralelamente às pesquisas de Moraes de Castilho, que desde pelo menos 2001, vem se dedicando ao estudo sintático desse período. Mas deve-se lembrar que Mattos e Silva (2006) já apontava o XV como o período de transição entre formas em variação, como a valência verbal, vários dos fenômenos de variação, como presença ou ausência de preposição em *renunciar a SN ~ renunciar SN*; projeção de OD ou OI com o verbo perguntar (*Perguntaron-no que demandava ~ Perguntou-lhe que faria*), variação entre preposições (*confiar de SN ~ confiar em SN*), aplicação ou não aplicação da regra de concordância (*morreo o lobo e a raposa ~ morreron todos*), dentre outros.

Esses fenômenos correspondem às manifestações do *Princípio de Projeção* (Castilho 2010), que, no campo da Sintaxe, referem-se à transitividade, colocação e concordância, que formam as bases da agenda de sintaxe deste subprojeto, que pode ser assim articulada:

(I) *O Princípio de Projeção e a transitividade*: várias teorias discorrem sobre a definição e aplicação do termo *transitividade*, mas independente da abordagem, pode-se dizer que esta "é uma propriedade da sentença, e não do verbo que a constrói" (Castilho 2010: 263); com isso, conclui-se que a transitividade de um verbo se dá pela escolha que o falante faz na sentença. Incluem-se nesse quesito a questão do caso gramatical, dos argumentos e adjuntos (ou constituintes argumentais e não-argumentais, respectivamente) e dos preenchimento dos lugares argumentais.

(II) *O Princípio de Projeção e a colocação*: as regularidades na ordem dos constituintes da sentença demonstram que há regras variáveis (SV ~ VS) e regras categóricas (Artigo + Nome) em relação ao núcleo. Compreendem, neste campo, as construções de tópico como *Fulano ele foi embora*, *Banana eu gosto* etc. (cf. Castilho 2010: 279).

(III) *O Princípio de Projeção e a concordância*: seja nominal, seja verbal, a concordância é projetada quando estabelece semelhança morfológica entre os termos *dominante* e *dominado*, ou como propõe Moraes de Castilho (2011: 07), *ativador* e *receptor*, respectivamente. O ativador compartilha com o receptor as mesmas marcas flexionais.

(IV) *O Princípio de Projeção e articulação de sentenças complexas*: tem-se duas ou mais sentenças quando há mais de um verbo, como em *O aluno falou e o professor saiu*, *O aluno disse que o professor tinha saído* e *O professor saiu porque o aluno falou*. Castilho (2010: 337-345) propõe que se levem em conta os seguintes aspectos para a análise das sentenças complexas: (i) forma de ligação das sentenças; (ii) grau de integração entre as sentenças; (iii) tipologia das sentenças; (iv) gramaticalização de conjunções, entre outros aspectos.

1. Desenvolvimento das pesquisas

Sem a intenção de esgotar todas as possibilidades de manifestação do Princípio de Projeção na Sintaxe, os itens I-IV acima dão conta dos primeiros passos a serem dados para a sintaxe dos séculos XV a XVII na busca pelas nossas origens. Nossa agenda de sintaxe conta os fenômenos distribuídos em: (2.1) *Estrutura argumental e valência verbal*; (2.2) *A sintaxe das preposições nos séculos XV a XVII*; (2.3) *Concordância nominal e verbal* e (2.4) *Estratégias de junção*. São apresentados, além dos pesquisadores responsáveis por cada item, os objetivos

iniciais e os primeiros resultados. Ressalta-se, no entanto, que um desses estudos foi realizado em conjunto, que se apresenta no item 2.1.3 abaixo.

1.1 Estrutura argumental e valência verbal

Maria Clara Paixão de Sousa e Gilcélia de Menezes da Silva

A flexibilidade das valências verbais tem sido um aspecto bastante abordado em estudos recentes sobre o PB (Negrão & Viotti, 2009; Perini, 2010). Conforme aponta Paixão de Sousa (2008a), tais estudos tomam por base o PE atual para classificar essa característica como uma inovação do PB – comparam-se, por exemplo, construções como "*Maria casou*", "*Pedro casou a filha com o vizinho*"; "*A porta abriu*", "*A porta fechou*" (PB) com "*Maria casou-se*", "*A porta abriu-se*", "*A porta fechou-se*" (PE). Entretanto, os padrões de valência registrados em textos portugueses dos séculos XVI e XVII não equivalem aos do PE moderno, como mostra um estudo preliminar sobre os padrões de diátese de cerca de 300 verbos em textos deste período (por exemplo, "*casar*", para o qual se registra o uso bitransitivo, "*X casar Y com Z*"; ou "*abrir*" e "*fechar*", para os quais se registra a valência reduzida "*X abriu*", "*X fechou*"): Paixão de Sousa (2008b).

Buscando ampliar esse levantamento inicial e aprofundar a análise proposta em Paixão de Sousa (2009), são levados em conta os contrastes e as semelhanças entre os padrões de valência verbal no PB e no PE, comparando-se aos padrões encontrados no Português Médio, tomando-os como reveladores de uma mudança no padrão de realização do sujeito. Um exemplo emblemático é construção "*Dona Urraca casou com o conde D. Reimão de Tolosa*", na qual "*D. Urraca*" é um tópico (com papel de tema) e o sujeito é nulo (com papel de agente, referente a "*O rei*") – padrão que não se registra no PB, por conta da tendência para o preenchimento lexical do sujeito nessa gramática, um processo amplamente estudado na literatura. Aqui, entretanto, esse processo é analisado à luz dos padrões de valência verbal no Português Médio, cuja flexibilidade estaria na raiz da mudança. Como primeiros resultados desta pesquisa, destacam-se: *A sintaxe da ordem no Português Médio* (2.1.1), *As Construções Denominativas na História da Língua Portuguesa* (2.1.2) e *Estudo sobre a valência verbal no Português Médio* (2.1.3).

1.2 Sintaxe da ordem no Português Médio

Maria Clara Paixão de Sousa

Foi apresentado no *III Seminário do Projeto de História do Português Paulista* o trabalho intitulado "A sintaxe da ordem no Português Médio: consequências para os estudos sobre a diacronia do Português Brasileiro", no qual se discutiu um recente estudo sobre a ordem de palavras em textos portugueses dos séculos XV a XIX (Galves & Paixão de Sousa, em curso¹⁸), da perspectiva de seus impactos sobre a diacronia da estrutura argumental. Como se destacou na ocasião, os resultados de Galves & Paixão de Sousa (em curso) confirmam as pesquisas preliminares de Paixão de Sousa (2009) quanto à propriedade de proeminência à esquerda no Português Médio; e é com base nessa propriedade que os padrões de valência verbal precisam ser estudados nos textos desse período. Destacaram-se, também, as dificuldades que esse aspecto coloca para o estudo da sintaxe: a proeminência à esquerda é uma propriedade sintática inteiramente dependente de fatores discursivos, ou por outras palavras pode ser motivada por fatores discursivos. Assim, o cuidado com o tipo de texto escolhido e sua reflexão para o estudo sintático ganham, nesse campo, importância central. A análise feita

¹⁸ Esta pesquisa baseou-se no *Corpus Tycho Brahe* e relaciona-se ao Projeto Temático *A Língua Portuguesa no Tempo e no Espaço* (Fapesp Porc. N.º 12/06078-9), além do presente Subprojeto *Vésperas Brasileiras*.

até aqui permite afirmar que a posição à esquerda do verbo, no Português Médio, é o lugar de proeminência discursiva. Assim, estruturas do tipo [SV] são um subtipo de {XV}, em que {X} é um constituinte discursivamente importante e em destaque (foco ou tópico). Logo, nos textos do Português Médio, {XVS} não representa simplesmente uma posposição do sujeito, mas o fronteamento do constituinte {X}, estando o sujeito em lugar não-marcado. Quando o Sujeito e o Tópico não coincidem (i.e., não são representados pelo mesmo constituinte), a ordem prevalecente será a de Tópico-Comentário, como em (1):

(1)[Maria Monteiro]-TOP **tinha** [uma sua filha]-SUJ muitas verrugas nas mãos.

Seguindo esse raciocínio, no trabalho "*As Crônicas Históricas Portuguesas como fontes para Estudos da Língua*", elaborado em conjunto com as mestrandas Elena Lombardo e Bruna B. de Miranda (USP) e a doutoranda Gilcélia de Menezes (USP)¹⁹, procuramos apontar as características textuais que fazem das crônicas um material de importância ímpar para a história do português. Nas próximas etapas, pretende-se aprofundar a análise desse material, com foco especial no modelo das Tradições Discursivas.

Saliente-se, por fim, que temos, na linha de estudos da estrutura argumental, duas pesquisas de alunos em andamento: a pesquisa de Doutorado de Gilcélia de Menezes da Silva (iniciada em 2011), conforme descrito em 2.1.2 abaixo, e a pesquisa de Iniciação Científica de Letícia Monho (iniciada em setembro de 2013), com o tema *Expansão da Classe de Verbos de Alternância Causativa: Um Estudo Sincrônico no PB*. Esse último estudo poderá fornecer o contraponto sincrônico para a análise da estrutura argumental e da valência de alguns verbos presentes no Português Médio que vimos elaborando (cf. item 2.1.3 abaixo).

1.3As Construções Denominativas na História da Língua Portuguesa

Gilcélia de Menezes da Silva

Esta pesquisa de doutorado tem por objetivo efetuar um levantamento histórico detalhado das construções denominativas do Português e sua descrição gramatical, analisando a estrutura argumental, as relações sintáticas e semânticas presentes neste tipo de construção. Além disso, pretende-se investigar quais as mudanças sofridas por essas estruturas ao longo da história do Português. Esta pesquisa se insere, dentre os objetivos específicos de pesquisa do Subprojeto *Vésperas Brasileiras*, nos estudos de valência verbal da variedade paulista nos primeiros séculos.

Até o presente momento, desenvolveu-se, para esta pesquisa, um trabalho de ampliação do *corpus* através de um conjunto de três textos do século XVIII sobre a Capitania de Santo Amaro, São Vicente e São Paulo, editados pela equipe do Subprojeto *Formação de Corpora do Português Paulista*, coordenado pelo Prof. Dr. José da Silva da Simões (USP), composta por Patricia S. F. Manoel e Priscilla U. Moraes. Os textos mencionados são:

- *Dissertação sobre as Capitánias de Santo Amaro e São Vicente*, manuscrito autógrafo de Frei Gaspar da Madre de Deus (1780), depositado na BNL
- *Dizertação a respeito da Capitania de São Paulo e sua decadência* de Marcelino Pereira Cleto, Santos, 1781.
- *Papeis Varios* Do Doutor Antonio Pereira d'Almeida Silva e Sequeira.

¹⁹ Trabalho apresentado no Seminário do Mini-Enapol de Historiografia Linguística, realizado na Universidade de São Paulo, em setembro de 2013.

O trabalho envolve um levantamento das estruturas de denominação presentes nestes textos e de classificação das mesmas por predicador. Em seguida, se faz uma descrição e análise da estrutura argumental presente nas denominativas, com intuito de compreender os aspectos gramaticais dessas estruturas no português do século XVIII. O trabalho de classificação das estruturas denominativas no texto intitulado *Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente* de Frei Gaspar da Madre de Deus (1780) está concluído. Foram classificadas, neste texto, 83 sentenças denominativas com os seguintes predicadores: APELIDAR, ASSINALAR, CHAMAR, DAR (NOME), DEMARCAR (COM NOME), DENOMINAR, DENOTAR, DIZER/HAVER (NOME), NOMEAR, PÔR (NOME), TOMAR (NOME). A análise da estrutura argumental desses predicadores denominativos no manuscrito do Frei Gaspar da Madre de Deus está em fase de conclusão. No entanto, como o trabalho de descrição das estruturas denominativas no manuscrito trouxe à tona algumas observações interessantes, estas foram apresentadas no III Seminário do PHPP II realizado em agosto de 2013, na comunicação intitulada *Observações sobre as construções denominativas no manuscrito autógrafo da BNL de Frei Gaspar da Madre de Deus - Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente de 1780*. Além disso, está sendo preparado um texto com os resultados apresentados no referido Seminário, que fará parte do próximo volume da Série Estudos do Projeto Temático.

1.4 Estudo sobre valência verbal no Português Médio

Verena Kewitz e Maria Clara Paixão de Sousa

Partindo da descrição apresentada por Mattos e Silva (2006) para a variação linguística presente em textos do Português Arcaico até pelo menos o século XV, procuramos verificar a valência de alguns verbos em textos quatrocentistas, como nos exemplos abaixo²⁰:

(1) Confiar (de ~ em)

(1a) *Não queiras **cõfiar** dos amigos* (Mattos e Silva 2006)

(1b) ... e quando Dom Eguas viu a criança tão formosa, e com tal aleijão, houve muita grande dó dela, .e **confiandoem** Deus, que lhe poderia dar saúde, (CTB-G009)

(2) Duvidar (de ~ em)

(2a) ...per que **duvydemde** tal volta, attem o cavallo na mão e desvyemsse ao través, (CIPM-S15 LC)

(2b) *Rrazões contra esto d'algũs que hi estavom, **duvidando** muito em este casamento* (Tarallo 1991)

(3) Cuidar (SN ~ em ~ de)

(3a) *Pensa e **cuidao** presente* (Mattos e Silva 2006)

(3b) ***Cuidanos** beneficios* (Mattos e Silva 2006)

(3c) *e quando se o Conde Dom Fernando viu preso, **cuidou** logo de ser morto, e fez homenagem ao Príncipe de nunca mais entrar em Portugal* (CTB-G009)

(4) Misturar (com ~ a)

(4a) *A impureza ou çugidade se causa quando algũa cousa se **mesturacõ** outras mais viis e baixas.* (CIPM-1504 Cat)

(4b) *se deos cessasse e nom **mesturasse**algũas amarguras aas bem-aventuranças do mundo, esquecelloyamos.* (CIPM-1437/1438 LC)

(5) Tomar (de ~ Dativo)

²⁰ Este estudo preliminar foi publicado em Paixão de Sousa & Kewitz (2011). Os dados apresentados nos exemplos (1) a (6) a seguir provêm dos seguintes *corpora*: textos marcados com a sigla CTB: <http://www.tycho.iel.unicamp.br>; textos marcados com a sigla CIPM (*Corpus Informatizado do Português Medieval*): <http://cipm.fcsh.unl.pt>; além dos dados retirados de Tarallo (1991 Org.) e Mattos e Silva (2006).

(5a) *E esto he mesmo de qual quer que **toma**algũa coussa dos rromeyros e peregrinos que morrem, (CIPM-1488 S)*

(5b) *E duas ou tres carapucas vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouuese./ nom curaram de **lhetomar** nada...(CIPM-1500 CPVC)*

Os exemplos (1) a (3) foram classificados como variáveis no Português Médio, tendo o PB escolhido uma das valências, no caso *confiar em SN*, *duvidar de SN* e *cuidar de SN*, considerando os usos atuais desses verbos. Os exemplos (4) e (5) ilustram variação no Português Médio e sua manutenção no PB atual. Nessa primeira etapa da pesquisa, buscamos verificar que verbos apresentavam pelo menos duas valências e quais as suas projeções encontradas, considerando presença ou ausência de preposições e tipo de argumento interno. Pudemos notar, entre outros aspectos, que certos verbos e suas projeções estavam atrelados ao tipo de texto em que os dados se apresentavam, por exemplo, se em textos religiosos, crônicas de reis etc. Além disso, alguns verbos proporcionam uma leitura específica da cena descrita a depender de suas projeções, a exemplo de *topar*:

(6a) *E aa quarta feira segujmte pola manhaam **topamosaves** a que chamam fura buchos. (CIPM-1500 CPVC)*

(6b) *E quando de justa veher, o melhor geito he teer a mão queda a par do rostro, com o cotovello alto, e aguardalla que venha **toparna lança** como se a de soobraço tevesse, e entrante aa ponta della dar onde quer ferir, carregando com o corpo. (CIPM-1437/1438 LEBC)*

(6c) ***Topeicom** aquele carana rua ~ **Topeiaquele** carana rua.*

Ainda nesse estudo preliminar, verificamos os usos do verbo *gostar*, classificados como variáveis: *gostar SN* ~ *gostar de SN*. No entanto, ao analisar mais detalhadamente os dados em determinados tipos de texto do século XV, observou-se que as duas valências de *gostar* não configuram o mesmo 'estado de coisas' ou a mesma cena, ou seja, apresentam sentidos distintos, ainda que relacionados. Vejam-se os exemplos abaixo²¹:

(7) *E esto he sinal de fastidio, [asy como faz o estamogo efastiado], que **gosta muytas cousas** e nom recebe o que lhe faz mester de nehua dellas. (Orto do Esposo, XIV/XV)*

(8) *E da molher que passa de #XII ãnos que no çumo de hua maçaam ou semelhante comer no dia em que mais largo come se mantem, nom **gostando carne, pescado, ovos, leite nem outra boa vyanda**, mas com tam pouca, como dicto he, sem vynho se mantem em soo beber d'auga simprez, que he incridyvel. (Leal Conselheiro, XV)*

(9) *Mas se entram em pecado e entram em luxúria como ante, em vão se trabalham, ca ja mais **dele** nom **gostarám**, ante receberám i muitas desonras e perdas, porque se chamarám cavaleiros da demanda do Graal, (Demanda do Santo Graal, XV)*

(10) *... trouueran lhes vinho per hũa taça . poseran lhe asy a boca tam malaues E nom gostaram **dele** nada nem o quiseram mais (Carta de Pero Vaz de Caminha, XV)*

Não foram encontrados muitos dados com o verbo *gostar* com ambas as projeções (SN ou *de-SN*) em diversos textos do século XV. Mas pudemos observar que *gostar* + SN aparece quase categoricamente num contexto em que são descritos os cinco sentidos: *visão*, *olfato*, *audição*, *tato* e *paladar*, este último representado ora pelo Substantivo *gosto*, ora pelo verbo. Veja-se o exemplo abaixo, com a representação dos cinco sentidos pelos seus respectivos verbos:

²¹ Todos os dados de textos do século XV, nesta seção, foram coletados do *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM), disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus>.

(11) E se uir que se non sabe confessar leuelhe este modo que se segue. Primeyramête apregũte polos sete pecados mortaaes que som estes: Soberba. Emueia. Ira. Accidia. Auareza. Luxuria. Gargãtuice de muito comer e beber. Item uaase logo aos cinco semtidos que som estes: **Veer. Ouuir. Gostar. Cheyrar. Palpar.** Item depouys desto quaase aos .x. mandamẽtos da ley que som estes: Amar a Deus sobre todas as cousas. (Tratado de Confissõ, Cap. 1.º, XV)

Na continuidade da pesquisa sobre a valência deste e de outros verbos em textos quatrocentistas, pretendemos descrever seus usos quanto à variação, sua atuação em diferentes tipos de texto, sua estrutura sintagmática, estendendo essa análise a textos dos séculos XVI e XVII do PB e do PE.

2. A sintaxe das preposições nos séculos XV a XVII

Verena Kewitz

A projeção das preposições está vinculada à estrutura argumental da sentença especificada no item anterior. A pesquisa em torno desses itens foi realizada, até o momento, no âmbito da valência verbal, ou seja, nos verbos que projetam preposições, sobretudo na função sintática de argumento. Seguindo a análise empreendida com o verbo *gostar*, apresentada acima, foi feita a coleta de dados com o verbo *falar* projetando diferentes preposições. O objetivo foi verificar se as mesmas construções usadas hoje aparecem nos textos do século XV e XVI. Como a coleta encontra-se em andamento, ainda não é possível apresentar resultados, apenas uma amostragem, conforme se vê nos exemplos abaixo (coletados do CIPM):

(1) E qual quer dellas nom faça per longo spaço, se nom como requiere o que el mostrar querer correger. \$ Doutra maneira se faz, yndo **fallandoemalgũa storiacom** peessoa que nom seja de gram conta, por apertar a besta das pernas, ... [LEBC, Cap.4, XV]

(2) Porem bem sey que algũa leitura nom pode a todos igualmente prazer, ca teem sobr'ello tanta deferença como no gosto das viandas e ouuir dos soon. E a que despraz a algũs, por lhe parecer scura, outros a julgam por symprezmente feita. E **aosquefalla contra seu** proposito e maneira de viver, pouco dello se contentom. [Leal Conselheiro, Indice, 4r., XV]

(3) E nom som de creer os que destes feitos pouco souberem, ou husam per o contraio. Ca pois nom costumam de tal guisa, nunca **sobr'ello poderóm fallar** ou conselhar; por que certo he que os mais dos homẽes algũas vezes ham aazos e recebem conselhos pera tomar vidas que lhes mais praz, ... [LEBC, Livro 3-1, Cap.21, 107v., XV]

(4) Ca, posto que tu nõ ayas a *fala* da boca corporal, sabe por certo que a alma ha outra *fala* dedentro secreta, muyto mais doce e mais blanda que a defora. E con esta *falla* de dentro diz Sam Jeronimo que o homẽ justo, quando lhe falece homẽes **cõ que fale**, ãtom **fala cõ Deus**. E per esta *fala* dedentro **falla** o homẽ **cõ a Uirgem gloriosae cõ os angiose cõ o seu proprio angioe cõ qualquer sancto ou sancta** que lhe praz, e **fala cõ quaesquer seus amigos** que espera que som ãna gloria celestial. E bem parece que qualquer mudo ou mÿguado da *fala* pode **falar dentro ã ssy**, ca diz Sam Paulo: Cantade ao Senhor Deus ãno[s] uossos corações! E pois que asy he que o mudo pode **falar cõ tanta multidõ de sanctose cõ pessoas tam dignas**, nõ deue curar de **falar aos** mais poucos enõ dignos homẽes deste mÿdo, sse deleyta ãnas cousas debaixo. E bem assy certamẽte qualquer homẽ tanto se desjũta e arreda do amor celestial, quanto sse deleyta ãnas cousas debaixo. E bem assy certamẽte qualquer homẽ tanto mais he enbargado de **falar dedentro ã sua aalma cõ os santos**, quanto se deleita **falando con as** creaturas terreaes debayxo. [Orto do Esposo, Livro 4, Cap.22, 74v-75r, XIV/XV]

(5) aquele em nos asy estamdo ajumtaua | aqueles que aly ficaram e ajnda chamaua | outros. / este andando asy antreles **falando** | lhes acenou cõ odedo perao altar e depois mostrou |

odedo perao ceo coma que lhes dizia alguu[m]a | cousa debem e nos asy otomamos. [*Carta de Pero Vaz de Caminha*, p.17, XV]

(6) E vemdo el rey de Bisnaga a vontade dos d el rey de Delly, que era não partir d ally sem dar fim aos que demtro na fortalleza comsyguo tinha, **fez hũa falla a todos**, pomdo lhe diante a destroyção que el rey dos de Dely em seus reynos feito tinha, [*Crônica dos Reis de Bisnaga*, Tit.1, XVI]

(7) e de dia e de noute sempre estão no paço, e o mesmo rey quoamdo vay fora leva a par de sy escrivãees, que escrevem o que elrey **falla**, e as merces que faz, e **com quem** **fallou**, e **sobre que**, e o que detreminou, [*Crônica dos Reis de Bisnaga*, Tit.22, XVI]

(8) Ho mayor privado que tem he hũu velho que se chama Temersea; este mamda toda sua casa, e a este fazem todos os gramdes senhores como a elrey, e depois que elrey **falla com estes homẽes no que lheapraz**, então mamda que entrem os senhores e capitãees que a porta estão, e então entrão a lhe fazer çalema, e tanto que entrão, e lhe fazem a sallemas, e poem se ao longo das paredes longe d elle, e não **fallão hũs com outros**, nem comem betre diante d elle, e metem as mãos nas mangas das cabayas, e põem no chão os olhos; e se elrey quer **fallar com alguemhe** por segumda pessoa, e então **aquelle a que** elrey **quer fallar** ergue os olhos, e respomde ao que lhe pergunta, ... [*Crônica dos Reis de Bisnaga*, Tit.24, XVI]

A análise desses e outros dados do verbo *falar* em textos dos séculos XV e XVI está em andamento, mas pode-se observar a conservação das estruturas *falar* + PESSOA e *falar* + OBJETO/ASSUNTO. O primeiro caso projeta as preposições *com* e *a*, e o segundo projeta as preposições *sobre*, *em* e *de* com sentidos semelhantes, além do uso de *contra*. Talvez a diferença maior entre essas ocorrências do XV e XVI e o uso atual com o verbo *falar* esteja no uso da preposição *para* + PESSOA, no lugar da preposição *a*. Num estudo preliminar (Kewitz 2011), verifiquei a distribuição das preposições *a*, *pera*, *em*, *de* e *com* em alguns textos do século XV, constatando-se apenas 8% de uso de *pera* projetada por verbos e sempre combinada a SN [–humano]. Parte da análise da valência dos verbos *gostar* e *falar* em textos dos séculos XV e XVI foi submetida por Verena Kewitz e Maria Clara Paixão de Sousa e aprovada na forma de resumo ao *Romanistentag 2013 (Congresso Alemão de Romanistas)*, realizado em Würzburg, Alemanha, de 22 a 25 de setembro de 2013. Por razões técnicas, entretanto, não pudemos comparecer ao evento, mas daremos continuidade a essa análise que deverá ser debatida em eventos futuros.

Além da análise das preposições relacionadas à valência de determinados verbos, estão em fase de coleta as expressões espaciais representadas por diversas preposições simples e complexas em textos do século XV.

3. Estratégias de junção

José da Silva Simões e Alessandra F. Castilho da Costa

A pesquisa sobre as estratégias de junção tem como objetivo aliar a descrição e análise sintática à perspectiva textual do modelo de Tradições Discursivas (doravante, TDs), pois quando lidamos com a história da língua, recorremos a textos de sincronias passadas dos mais variados tipos: Simões & Kewitz (2009, 2006). Assim, a análise das mudanças estruturais deve caminhar paralelamente à história dos textos, emparelhando os subsistemas da Gramática e do Discurso, sem que se estabeleçam relações hierárquicas. O ponto de partida é verificar os graus de *agregação* e *integração* (Raible 1992) e de *proximidade* e *distância* (Koch & Oesterriecher 1990/2006) presentes nos textos, verificando, sempre que possível, movimentos da escrita que apontem para a oralidade conceptual.

Num estudo sobre o espanhol medieval, Pons Rodríguez (2008) aplicou o modelo de junção proposto por Raible (1992) a fim de identificar que estratégias eram mais utilizadas. Num texto do século XIII, a autora verificou que nele se revelava um uso majoritário de técnicas de junção do pólo da agregação como o uso de justaposições simples de frases, junção mediante referência anafórica e elevado uso de coordenação (principalmente o conector "e"). Em contraposição, uma amostra do século XV de um texto do tipo *tratado* com conteúdo hagiográfico evidenciou que a dimensão de junção desse texto apresentava maior grau de integração, com maior número de subordinadas, uso de construções absolutas com gerúndio e particípio passado e uso de nominalizações introduzidas por preposições ou grupos preposicionais. Por essa análise conjunta destes e de outros textos escritos num período de 200 anos, a autora mostrou que certos usos sintáticos estão condicionados à tarefa comunicativa que estes textos desempenhavam. Seu texto traça um desenho histórico cuidadoso da tradição cultural de divulgação das vidas de santos através de distintos gêneros textuais. Se de um lado os processos de *repetição* de uma tradição advinda ainda de escritos traduzidos do latim conservavam determinadas práticas linguísticas, a *interferência* efetuada em outras TDs, cuja finalidade maior era a argumentação em torno do discurso moral, promovia mudanças internas dentro das próprias TDs e favoreciam a mudança linguística dos elementos constitutivos do espanhol como língua particular. A autora identificou, portanto, que na produção destes textos estavam em jogo os pólos da *distância* e da *proximidade* comunicativas (cf. Koch & Oesterreicher 1990).

Hipotetizamos que o mesmo deve ter se passado com os textos portugueses do século XV e séculos subsequentes, ou pelo menos que resultados semelhantes aos de Rodrigues possam ser encontrados. Os documentos de administração pública, como inventários, testamentos, atas de câmara, diários de viagem etc., podem parecer formulaicos num primeiro momento. No entanto, como bem coloca Maia (1986: 950),

o valor de documentos da esfera pública, como os documentos notariais dos primeiros séculos do português escrito, pode ser bastante variável, uma vez que cada documento deixa transparecer, em diferentes proporções, certos traços da linguagem falada, de acordo com determinadas circunstâncias que podem influenciar, de modo mais ou menos acentuado, a maneira como cada notário escreve. Podem considerar-se factores verdadeiramente decisivos a educação e o grau de cultura do notário ou do escriba e a época em que o documento foi escrito.

O primeiro passo da nossa pesquisa se deu com as estruturas de junção da causalidade em testamentos produzidos entre os séculos XIII e XIX, partindo da premissa de que todo modelo textual de uma dada época atualiza modelos textuais anteriores e de que tais modelos textuais ou TD, como complexos de regras com caráter histórico, apresentam uma mistura de elementos constantes e modificáveis (cf. Koch 1997). Para tanto, foram selecionados seis testamentos dos séculos XIII a XIX, divididos em portugueses e brasileiros, a saber²²: (i) Testamento de D. Afonso II, de 1214; (ii) Testamento de D. Dinis, de 1322; (iii) testamento de D. Fernando, de 1437; (iv) Testamento de Pedro Tavares Romeiro, de 1767; (v) Testamento de Joana da Rocha de 1768; (vi) Testamento de Ruberto de Sá Bezerra, de 1816. Os três

²² Os dados dos testamentos portugueses são apresentados na coletânea *Provas de Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, de Antonio Caetano de Souza, que contém cartas, bulas, testamentos, entre outros documentos, tirados dos Arquivos da Torre do Tombo, da Casa de Bragança e de mosteiros de Portugal. Os testamentos brasileiros foram coletados do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Natal, RN). Parte deste estudo insere-se nas pesquisas do PHPB, equipe RN.

últimos são documentos brasileiros de naturais de Natal-RN e foram considerados aqui a título de comparação com o modelo dos três primeiros, portugueses.

O gênero testamento é caracterizado em sua linguagem não somente pela exposição e instrução acerca da última vontade do testador referente à distribuição de seus bens, mas também é tipicamente marcado por atos de fala de justificativa dessa instrução, o que motiva a expressão de causalidade. As seguintes questões norteiam nossa análise: (a) que traços sintáticos podem auxiliar a classificação de juntores de causalidade em nosso *corpus*? (b) Quais os recursos que o gênero *testamento* atualiza preferencialmente na expressão de causalidade do ponto de vista diacrônico? e (c) Como a identificação e a classificação desses recursos podem contribuir para os estudos de história da língua? Apresentamos a seguir alguns dos exemplos coletados nos testamentos e como pretendemos encaminhar sua análise:

(1) [...] e mando que estes Testamenteiros todos per conselho, e mandado da dita Raynha Donna Izabel minha mulher paguem este meu Testamento [...] **ca** ella tenho por bem, que seja a principal, e mayoral Testamenteira [...] (Testamento de D. Diniz, 1322)

(2) [...] os Canones, e Doutores da | Igreja de Deos defendem asperamente e mandão que per nehuã cou- | za espiritual se leve presso temporal , [...] e **por tanto** mando que saibaõ todos aquelles, a que | eu levei depois que tive carrego do Mestrado Daviz Chancellaria de | alguns Priorados e raçoens, e aquello que for achado, que levei seja | tornado a aquelles a que o mandei pagar. (Testamento de D. Fernando, 1437²³)

(3) Sou cazado | com Donna Anna Ferreyra da Sylva, e não tendo filhos | vivos della, ou descendentes legítimos que sejaõ meos herdey-|ros necessários, como taobem não tendo querentes que | o sejaõ, e **por isso** nomeyo einstituo por minha universal | herdeyra a mesma minha mulher Donna Anna Ferrey-|ra da Sylva. (Testamento de Pedro Tavares Romeyro, 1767²⁴)

(4) [...] rogo | Sejaõ muy Intercessores quando minha alma deste mundo partir, *para que* vá gozar da Bemaventuranssa, *para que* foi creada; **porque** como verda-|deira christã protesto viver, e morrer em aSanta Fê Catolica, e crer| oque tem, e crê a Santa Madre Igreja de Roma, em cuja Fê espero | Salvar *aminha* alma. (Testamento de Joana da Rocha 1768²⁵)

(5) Declaro [visto] esta ser aminha |ultima vontade [torno a rogar aos meus testamenteiros que **pelo** amor de deos queiram | Aceitar este meu testamento edar inteira | satisfação as minhas dsepozição [...]. (Testamento de Ruberto de Sá Bezerra, 1816²⁶)

Estes e outros dados serão classificados quanto às estratégias de junção, tais como advérbios juntivos, conjunções coordenativas e subordinativas, locuções prepositivas e preposições simples. Em outras palavras, verificaremos que estratégias estão presentes em cada testamento, se há diferenças sintáticas, semânticas e discursivas entre seus usos em cada texto. Soma-se a essa análise, a coleta de dados em testamentos paulistas, para verificar as mesmas estratégias de junção de causalidade quanto a possíveis diferenças e semelhanças.

Referências bibliográficas

BAXTER, Alan & LUCCHESI, Dante (1997) A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, N.º Especial.

²³ Transcrição de Bibiana J.Perinazzo. Fonte: *Provas de História Genealógica da Casa Real Portuguesa*.

²⁴ Coleta e transcrição de Alessandra Castilho Ferreira da Costa.

²⁵ Coleta e transcrição de Alessandra Castilho Ferreira da Costa.

²⁶ Coleta e transcrição de Bibiana J.Perinazzo.

CARDEIRA, Esperança Maria da Cruz Marreiros (2005). *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

CASTILHO, Ataliba T. de (2010) *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.

CASTILHO, Ataliba T. de; MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2012) Perspectiva multissistêmica da concordância no português brasileiro. Em: Santiago-Almeida/Lima-Hernandes (Orgs.) *História do Português Paulista*. Vol.III. Campinas, IEL/Publicações, FAPESP.

CASTRO, Ivo. (2012) Vésperas Brazilianas. In Santiago-Almeida/Lima-Hernandes (Orgs.) *História do Português Paulista*, Vol.III, Série Estudos. Campinas: IEL/Publicações, FAPESP, p.45-72.

CASTRO, Ivo. (2009) Vésperas Brazilianas: Preâmbulo ao X Seminário do Projeto de História do Português Paulista, Ms. [Publicado em Santiago-Almeida/Lima-Hernandes (2012 Orgs.).

CASTRO, Ivo. (2008) *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri.

CIPM. *Corpus Informatizado do Português Medieval*. Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus>.

CORPUS TYCHO-BRAHE. Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br>.

GALVES, Charlotte & PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (em curso) The loss of verb-second in the history of Portuguese: subject position, clitic-placement and prosody. Submetido para publicação no *Journal of Historical Syntax*, maio de 2013.

GALVES, Charlotte / NAMIUTI, Cristiane / PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2006) Novas perspectivas para antigas questões: A periodização do português revisitada. In: A.Endruschat, R. Kemmler, B. Schäfer-Prie. (Orgs.). *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchrone und diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr*. Tübingen: Calepinus Verlag.

GUY, Gregory (1989) On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese. In: G. Guy, *Estudios sobre el Español de América y Lingüística Afroamericana*. Bogotá: Instituto Caro e Cuervom, 227- 245.

HORA, Dermeval da; ESPÍNOLA, Lucienne C. (2004). O paralelismo linguístico e sua atuação no processo variável da concordância verbo-sujeito. *Revista da ABRALIN* vol. III, números 1-2: 217-241.

JUBRAN, Clélia & KOCH, Ingedore (2006 Orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Vol.I: A construção do texto falado*. Campinas, Ed. da Unicamp.

KEWITZ, Verena (2011) Vésperas brasileiras: para um estudo das preposições no Português Brasileiro nos primeiros séculos. Comunicação apresentada no *VII Congresso Internacional da Abralín*, Curitiba-PR, 9 a 12 de fevereiro de 2011.

KOCH & OESTERREICHER (1990/2007) Oralidad y escrituralidad a la luz de la teoría del lenguaje. In: Koch & Oesterreicher, *Lengua hablada en la romanía*. Madrid: Gredos.

KOCH, Peter (1997) Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und zu ihrer Dynamik. In Frank, B./HAYE, T./ Tophinke, D. (Orgs.) *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, p.43-79 (ScriptOralia, 99).

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da (2009). A concordância verbal. Em: D. Lucchesi; A. Baxter; I. Ribeiro (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, pp. 331-371.

MAIA, Clarinda (1986) *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*, Coimbra, INIC.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006) *Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989) *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2011) Inventários e testamentos como documentos linguísticos. *Filologia e Linguística Portuguesa* 13 (1) p. 269-286.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2009a) Estrutura discursiva dos Inventários e Testamentos de São Paulo (sécs. XVI-XVII). Em A. T. de Castilho (Org. 2009) *História do Português Paulista*, Vol. 1, Série Estudos. Campinas, IEL/Publicações/FAPESP, p. 665-698.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2009b) A concordância nos Inventários do séc. XVII. Em A. T. de Castilho (Org. 2009) *História do Português Paulista*, Vol. 1, Série Estudos. Campinas, IEL/Publicações/FAPESP, p. 333-350.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2006) Primeiras histórias sobre a diacronia do dequeísmo: o clítico locativo *en* e o dequeísmo das orações relativas no PM. Em T. Lobo / I. Ribeiro / Z. Carneiro / N. Almeida (Orgs. 2006) *Para a História do Português Brasileiro*. Vol VI. Salvador: EDUFBA..

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria.(2005) *O Processo de redobramento sintático no Português medieval*. O redobramento pronominal e a formação das perífrases de estar+ *ndo* / *-r*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de doutoramento.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria.(2004a) Diacronia do dequeísmo: o clítico locativo medieval *en* e o dequeísmo nas orações relativas. *Linguística* 15/16: 123-160.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2004b) Locativos, fóricos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de *ende/en* e *porende/porém*. *Filologia e Linguística Portuguesa* 6: 53-100.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2001). Seria quatrocentista a base do Português Brasileiro? Em: Mattos e Silva, R.V. (Org., 2001) *Para a História do Português Brasileiro*, Vol. II, Tomo 1, São Paulo: Humanitas.

NARO, Anthny & SCHERRE, M. Marta (2007) *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola.

NEGRÃO, Esmeralda & VIOTI, Evani (2009) Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: J. L. Fiorin & M. Petter (Orgs.), *África no Brasil: A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 179-203.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2009) A Língua Portuguesa, 1400 a 1600: Aspectos de História e Gramática. Projeto de Pesquisa.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2008a) "... e em nascendo o sol torna a abrir, e quando se põe torna a fechar ...":o Português Brasileiro e o Português Clássico interessam comparar?. Comunicação ao Workshop Variação e gramática: diacronia e aquisição. Campinas, 26.02.08.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2008b) Valências Verbais no Português Clássico. Relatório de Pesquisa de Pós-doutorado.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2004) *Língua barroca: sintaxe e história do português nos seiscentos*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, tese de doutorado.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara & KEWITZ, Verena (2011) Vésperas Brasileiras: uma agenda para os estudos sintáticos do Português Brasileiro nos primeiros séculos. *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos*, Vol. 15-1. Braga, Universidade Católica Portuguesa.

PERINI, Mario (2010) *Estudos de Gramática Descritiva: As Valências Verbais*. São Paulo: Parábola.

PONS RODRÍGUEZ, Lola (2008) El peso de la tradición discursiva en un proceso de textualización. Un ejemplo en la Edad Media castellana, en J. Kabatek (ed.): *Sintaxis histórica del español. Nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas* Madrid / Frankfurt: Vervuert /Iberoamericana, 197-224.

RAIBLE, Wolfgang (1992) *Junktion. Eine Dimension der Sprache und ihre Realisierungsformen zwischen Aggregation und Integration*. Heidelberg (Winter) (Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften. Phil.-hist.-. Klasse, Jg. 1992, Bericht 2.

RIBEIRO, Ilza (1998) A mudança sintática do PB é mudança em relação a que gramática? In: Ataliba T. de Castilho (Org.), *Para a história do português brasileiro.Primeiras idéias*, vol. I. Humanitas: São Paulo, 101-119.

ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (1993 Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp.

SCHERRE, Marta M. Pereira (1988). *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de doutorado.

SCHERRE, Marta M. Pereira; NARO, Anthony J. (2005). Passado e presente na concordância de número em português: evidências do português europeu moderno. Em: G. Massini-Cagliari et alii (Orgs.). *Estudos de Linguística Histórica do Português*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora; LEFCL, pp. 31-71, 2005.

SILVA NETO, Serafim (1963) *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 3.ª ed.

SIMÕES, José da S. & KEWITZ, Verena (2009) Normas linguísticas, história social, contatos linguísticos e tradições discursivas: transformando encruzilhadas em novos caminhos para a constituição de *corpora* diacrônicos. Em Castilho, A.T. de (org.) *História do Português Paulista*. Vol. I, Série Estudos. Campinas, Publicações/IEL, FAPESP.

SIMÕES, José da S. & KEWITZ, Verena (2006) Traços linguístico-discursivos em *corpora* do Português Brasileiro. In *Estudos Linguísticos XXXV*. São Carlos, UFSCar. Disponível em www.gel.org.br.

TARALLO, Fernando (1994) *Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2.ª ed.

TARALLO, Fernando (1993) Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: Ian Roberts & Mary Kato (Orgs.), *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.

TARALLO, Fernando (1991 Org.) *Corpus Diacrônico: volume III: Século XV*. São Paulo, FFLCH-USP, fotocopiado.

Subprojeto *Diacronia da concordância e de algumas classes de palavras no Português Paulista numa perspectiva funcionalista*.

Coordenador: Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho (USP, UNICAMP)

Equipe: Profa. Dra. Célia Maria Moraes de Castilho; Profa. Dra. Edilaine Buin-Barbosa (UFGD); Bruno Maroneze (UFGD); Flávia Orci Fernandes (PG-DO, UNICAMP) Marcel Caldeira (PG-DO, UNICAMP).

Introdução

São objetivos deste Subprojeto estudar a diacronia da concordância nominal e verbal, e das seguintes classes de palavras: verbos auxiliares, verbos seriais, marcadores do tema textual.

A fundamentação teórica deste subprojeto tem duas vertentes:

(1) A primeira delas, intitulada “abordagem multissistêmica da língua”, vem sendo desenvolvida pelo pesquisador principal, a partir da observação dos resultados do Projeto NURC/SP, do Projeto de Gramática do Português Falado e do Projeto para a História do Português Brasileiro: Castilho (2003, 2004, 2007, 2010). Segundo essa abordagem, que se orienta pelas ciências dos domínios complexos, as línguas naturais são um conjunto de quatro sistemas configurados por categorias próprias (Léxico, Semântica, Discurso e Gramática), ordenados por um dispositivo sociocognitivo. A concordância e as classes de palavras, portanto, têm uma dimensão lexical, gramatical, semântica e discursiva.

(2) A segunda vertente fundamenta-se no processo do redobrimento sintático, presente no português arcaico, de que decorreram no português brasileiro a construção de tópico, as

alterações no quadro dos pronomes, a formação do dequeísmo: Moraes de Castilho (1998/2001, 2004, 2005a,b).

1. Objetivos cumpridos

Ataliba T. de Castilho, Célia Maria Moraes de Castilho e Edilaine Buin-Barbosa deram continuidade às pesquisas sobre a diacronia da concordância, de que redigiram a primeira versão em 2013, texto de 44 páginas. Esse texto foi apresentado e debatido no II Seminário do Projeto Caipira II, 2013. Está em preparação uma nova versão, que será apresentada ao *IX Seminário Nacional do Projeto para a História do Português Brasileiro*, previsto para 14 a 18 de outubro de 2013, na Universidade Federal de Alagoas.

A segunda autora publicou em 2013 o livro *Fundamentos sintáticos do português brasileiro*, e redigiu a primeira versão do capítulo “Os judeus na implantação do português em São Paulo”, valendo-se de argumentação sintática.

Edilaine Buin-Barbosa assumiu seu cargo de professora na Universidade Federal da Grande Dourados, onde continuará a desenvolver pesquisas sobre a discursivização da concordância.

Fábio Izaltino de Laura defendeu na Unicamp, em 2013, sua tese de doutoramento intitulada *Abordagem multissistêmica da marcação de tema no português paulista*, desligando-se do grupo. Com isso, o tópico “marcadores de tema textual” ficou concluído. Orientador: Ataliba T. de Castilho.

Flávia Orci Fernandes defendeu na Unicamp, em 2013, sua dissertação de mestrado intitulada *Sintatização e semanticização das construções andar, continuar, ficar, viver + gerúndio na história do português paulista*. Com isso, o tópico “verbos auxiliares” ficou concluído. Orientador: Ataliba T. de Castilho. Admitida em 2013 no doutorado, essa pesquisadora trabalhará no tema gramaticalização da concordância.

Esses trabalhos fundamentaram-se na abordagem multissistêmica da linguagem, com aplicação à sua diacronia. As atividades de Célia Maria Moraes de Castilho exploraram o problema do redobrimento sintático, examinando suas contribuições para a história do português de São Paulo.

2. Síntese dos principais resultados das pesquisas

O estudo da diacronia da concordância no português brasileiro experimentou vários avanços, concentrando-se os trabalhos na semanticização, discursivização e gramaticalização dessa relação sintática, com ênfase em documentos dos séculos XVI, XVII, XIX e XX. Preliminarmente, definiu-se a concordância como uma relação sintática em que um ativador transfere para um receptor seus traços de gênero, número e pessoa, com base em que se podem identificar três regras de concordância: a concordância plena, em que o ativador tem sucesso em sua transferência de traços, a concordância por reanálise, em que o ativador integra a periferia da estrutura sintática, e a concordância zero, quando essa relação sintática desaparece dos dados. A concordância por reanálise e a concordância zero mostraram até aqui um número crescente de ocorrências, o que parece indiciar que essa relação está em processo de mudança, podendo até mesmo desaparecer da língua portuguesa.

O estudo dos marcadores textuais, desenvolvido por Fábio Izaltino Laura, concentrou-se nas propriedades lexicais (= como os marcadores representam as categorias cognitivas), discursivas (= papel dos marcadores na introdução de tópicos e sub-tópicos do texto) e semânticas (= categorias de referência e de apresentação). Foram estudados os seguintes marcadores: *quanto a*, *sobre*, *a respeito de*, *a propósito de*, *relativamente a*, *no que toca a*, *por falar em* e *passando a*, *voltando a*. O corpus investigado foi levantado pelos pesquisadores do Projeto de História do Português de São Paulo.

O estudo dos verbos auxiliares, desenvolvido por Flávia Orci Fernandes, concentrou-se em documentos dos séculos XVIII a XX, focalizando a expressão do aspecto verbal por meio das perífrases estudadas.

Referências bibliográficas

- CASTILHO, Ataliba T. de (2003). Proposta funcionalista de mudança lingüística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. Em: T. Lobo; I. Ribeiro; Z. Carneiro; N. Almeida (Orgs.) *Para a História do Português Brasileiro*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, vol. VI, tomo 1: 223-296, 2006.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2004). O problema da gramaticalização das preposições no Projeto para a História do Português Brasileiro. *Estudos Lingüísticos* 33: 2004, cd-rom.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2007). Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova Lingüística Histórica. Em: A.T. de Castilho; M.A. Torres Moraes; R.E.V. Lopes; S.M.L. Cyrino (Orgs. 2007) *História, aquisição e mudança*. Homenagem a May Kato. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, pp. 329-360, 2007.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2010 a). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (1998 / 2001). Seria quatrocentista a base do Português Brasileiro? Em: Mattos e Silva (Org.). *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas / Fapesp, 2001, tomo 1: pp. 57-90.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2004a). Diacronia do dequeísmo: o clítico locativo medieval *en* e o dequeísmo nas orações relativas. *Linguística* 15/16: 123-160, 2003/2004.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2004b). Locativos, fóricos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de *ende/en* e *porende/porem*. *Filologia e Linguística Portuguesa* 6: 53-100, 2004.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2005a). *O Processo de redobramento sintático no Português medieval. O redobramento pronominal e a formação das perífrases de estar+ndo /-r*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de doutoramento, 2005.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2005b). As raízes do dequeísmo. Em Lidia Rodríguez Alfano (Org. 2005). *Actas del XIV Congreso de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, vol. I, Monterrey, México, cd-rom, 2005.

Subprojeto *Tipologia e história das construções gramaticais em perspectiva funcional*

Coordenadora: Profa. Dra. Sanderléia R. Longhin-Thomazi (UNESP/Rio Preto)

Equipe: Profa. Dra. Angélica Rodrigues (UNESP/Ar); Profa. Dra. Lúcia R. Lopes-Damásio (UFMT); Fabrício Amorim (PG-DO, UNESP/Rio Preto, Bolsa Capes); Milena Mello (PG-ME, UNESP/Rio Preto, Bolsa Capes); Ana Rúbia Tuão (PG-ME, UNESP/Rio Preto, Bolsa Capes); Patrícia Oréfice (PG-ME, UNESP/Rio Preto, Bolsa Capes); Luci Maso (PG-ME, UNESP/Rio Preto); Flávia Cambi (G-UNESP/Rio Preto, IC, Bolsa FAPESP); Diego Minucelli (G-UNESP/Rio Preto, IC); Amanda Miotto (G-UNESP/Rio Preto, IC PIBIC); Gabriela Lombardi (G-UNESP/Rio Preto, IC PIBIC); Patrícia Senna (G-UNESP/Rio Preto, IC); Marina Lara (G-UNESP/Rio Preto, IC); Rafael Colucci (G-UNESP/Rio Preto, IC).

Introdução

O subprojeto *Tipologia e história das construções gramaticais em perspectiva funcional* reúne pesquisas que visam investigar, a partir de uma concepção funcionalista de linguagem, aspectos de forma, significado e história de construções complexas de junção. Trata-se, mais especificamente, da investigação de construções de dimensões variáveis, representativas de modos de composição paratáticos e hierárquicos. O termo *construção* é entendido por nós como uma unidade convencional baseada no emparelhamento entre forma e significado.

As pesquisas são conduzidas num quadro teórico que alia o modelo hallidayano de composição de construções complexas (Halliday, 1985; Martin et al. 1997) aos pressupostos da gramaticalização (Heine, 2003; Heine e Kuteva, 2007; Kortmann, 1997) e aos pressupostos da gramática de construções (Goldberg, 1995).

Assumindo a correlação entre tipo e frequência de construções gramaticais e a(s) Tradição(ões) Discursiva(s) em que os textos se inserem (Kabatek, 2006), nossas pesquisas tomam como *corpus* amostras de textos de diferentes tipos, produzidas em diferentes sincronias do português, para o alcance dos seguintes objetivos: (i) descrever as construções em termos do pareamento entre forma e significado; (ii) investigar em que medida os mecanismos interpretativos colocados em jogo pelas construções ajudam a explicar a preponderância em certas tradições discursivas, bem como a predisposição maior ou menor à mudança; e, (iii) comparar as construções paratáticas e hierárquicas, nas diferentes sincronias do português, buscando apreender as transformações sofridas, em paralelo com as transformações possivelmente experimentadas pelas tradições, em razão da emergência de novas condições de produção para os textos.

Quanto ao estatuto teórico-metodológico dos dados de escrita enquanto fontes para a investigação de fenômenos de descrição e mudança linguística, nossa perspectiva distancia-se de uma concepção compartimentada de fala e escrita, e aproxima-se de uma concepção fortemente relacionada com a circulação dos escreventes pelas práticas sociais, nos moldes de Koch e Oesterreicher (2007) e de Street (2006). Dessa forma, reconhecemos uma indissociabilidade entre essas duas modalidades de enunciação, fato que licencia a apreensão

no registro escrito de características da oralidade e, portanto, de características do tão pretendido vernáculo, o que permite flagrar aspectos mudança linguística.

O Quadro 01 abaixo relaciona os participantes deste Subprojeto e os respectivos projetos de pesquisa. O Quadro distingue, no topo, a Coordenadora e as pesquisadoras associadas e, na sequência, os pesquisadores em formação, os graduandos e pós-graduandos que desenvolvem pesquisas em diferentes níveis. Fica clara a coerência temática nos projetos desenvolvidos: estão em foco as investigações que articulam junção, gramaticalização e Tradição Discursiva (TD, daqui em diante).

Pesquisador	Status	Projeto
Sanderléia R. L. Thomazi	Pesquisadora principal	Tipologia e história das construções paratáticas
Lúcia R. Lopes-Damásio	Pesquisadora associada	Tipologia e história das construções hipotáticas
Angélica Rodrigues	Pesquisadora associada	Tipologia e história de construções em perspectiva construcional
Fabrcio Amorim	Doutorando (Capes)	Gramaticalização de juntores causais
Milena Mello	Mestranda (Capes)	Parataxe e história
Ana Rúbia Tuão	Mestranda (Capes)	Junção e tradição discursiva
Patrícia Oréfica	Mestranda (Capes)	Construções de movimento com propósito
Luci Maso	Mestranda	Junção e mudança linguística
Flávia Cambi	IC (Fapesp)	Gramaticalização de juntores paratáticos
Diego Minucelli	IC -	Gramaticalização de juntores perifrásticos
Amanda Miotto	IC (PIBIC)	Gramaticalização do jutor <i>agora</i>
Gabriela Lombardi	IC (PIBIC)	Gramaticalização do jutor <i>enquanto</i>
Patrícia Senna	IC -	Aspectos de junção em diferentes TDs
Marina Lara	IC -	Gramaticalização de construções deônticas em PB
Rafael Colucci	IC -	Construções verbais paratáticas

Quadro 01: Pesquisadores e respectivos projetos

No primeiro ano de vigência do projeto, priorizamos três vias investigação. Em uma delas, a Profa. Angélica Rodrigues pesquisou tipos de construções deônticas e de construções paratáticas verbais do português brasileiro (PB). Em outra via, a Profa. Sanderléia Longhin-Thomazi investigou as construções paratáticas justapostas e, na terceira, as Profas. Sanderléia e Lúcia Lopes-Damásio investigaram um tipo de oração relativa que tem a particularidade de codificar informação circunstancial. Conforme relacionado na parte de Produção Científica deste relatório, dentre os produtos dessas pesquisas destacamos artigos em periódicos, capítulos de livro, além das várias apresentações em eventos.

A seguir, apresentamos uma descrição dessa primeira etapa de trabalho, sintetizando os resultados obtidos e os objetivos alcançados.

1. Tipologia e história de construções em perspectiva construcional

Angélica Rodrigues

1.1. Gramaticalização de construções deônticas no PB

Neste trabalho, assumindo uma perspectiva teórica que associa Gramaticalização e Gramática das Construções, Rodrigues analisa as construções do tipo FICAR DE + INFINITIVO como instância de modalidade deôntica no português, conforme (01):

(01) Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! missa do galo" - Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que **ficou de ir** acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus. - Já serão horas? perguntei. - Naturalmente - Missa do galo! - repetiram de fora, batendo. - Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus até amanhã. (CP: Machado de Assis, Missa do Galo)

Da perspectiva estrutural, a autora defende um processo de construcionalização que compreende a alteração das propriedades estruturais do verbo *ficar*, que passa a funcionar como um verbo auxiliar/modal numa construção perifrástica. Para ela, nessa construção, fundem-se dois eventos de modo que o evento 1 remete a uma cena de interação em que os participantes (o falante pode estar ou não aí incluído) estabelecem um acordo, que pode ser real ou virtual, podendo se cumprir ou não. Contudo, a construção aponta ainda para outro evento, evento 2, expresso no V2, verbo principal, que tem projeção futura em relação ao evento 1. Desse modo, o evento 1 gera uma consequência que é uma *obrigação* (modalidade deôntica).

Para a ocorrência em (01), a autora concebe o evento 1 como aquele em que o sujeito (você) e outro indivíduo (ou mais de um) estabeleceram um acordo sobre quem deveria se responsabilizar por acordar o outro. Esse acordo gerou uma obrigação para o sujeito, que no contexto podemos ver que não foi cumprida. A fonte da obrigação é o acordo, que passa a exercer uma força sobre o sujeito na forma de uma obrigação.

1.2. Gramaticalização de construções verbais paratáticas

Neste trabalho, Rodrigues busca evidências diacrônicas acerca da emergência e desenvolvimento de construções verbais paratáticas (CVPs, daqui em diante) do tipo exemplificado em (02). As CVPs formam-se a partir de uma sequência mínima de dois verbos, V1 e V2, em que V1 e V2 partilham sujeito, flexões modo-temporais e número-pessoais. V1 é quase sempre *ir*, *pegar*, *agarrar*, *chegar*, *virar* e *vir*. V2, por sua vez, representa uma classe relativamente aberta.

(02) (...) depois eu também eu arrumei um rapaz que ele não queria nada, sabe? só queria me explorar, me explorar, explorar eu e minha mãe, sabe? aí, eu... [(inint)]

E- [Aí o que que] você] fez?

F- Aí, **eu peguei e falei com ele** que não dava mais. (AC)

Considerando propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas das CVPs e das construções coordenadas, Rodrigues trabalha com a hipótese de derivação entre as construções. Prioriza estudo do verbo *pegar*, em dados de fala contemporânea, por conta de dois fatores principais. Em primeiro lugar, devido à alta frequência de uso desse verbo nas CVPs na sincronia atual, o que permitirá a observação da evolução dessa frequência em diferentes estágios da língua portuguesa. Em segundo lugar, por causa da ambiguidade estrutural já observada sincronicamente em enunciados como (3) abaixo:

(03) E: E o que mais? Mas era muito dinheiro. Que mais que você ia fazer com o resto dois?

F: O resto do dinheiro **eu pegava e botava na caderneta de poupança** (AC)

A partir da análise de casos como (03), Rodrigues prevê a existência de um tipo de estrutura intermediária, resultante de um processo gradual de mudança, cuja natureza cria espaço para a emergência de construções ambíguas em que, nos casos *compegar*, não há como afirmar categoricamente se estamos diante de uma CVP ou de uma construção coordenada em que os verbos (*pegar* e *botar*) das duas orações compartilham o mesmo objeto (*o resto do dinheiro*). Desse modo, uma vez que a alteração das propriedades sintáticas representa uma forte evidência de gramaticalização, observar os contextos que favoreceram a decategorização de *pegar*, que nas CVPs deixa de subcategorizar complemento interno

(objeto direto), constitui tarefa fundamental para apreender os processos de mudança que levaram à emergência desse padrão construcional no português.

1.3. Construções com verbo 'agarrar'

Neste trabalho, Rodrigues descreve as construções com o verbo *agarrar* em textos orais e escritos do PB. Identifica diferentes padrões funcionais – verbo *pleno*, verbo *serial*, verbo *auxiliar*, que indiciam diferentes estágios de gramaticalização, conforme explicitamos abaixo:

PADRÃO 1: [V_{Agarrar} + Nome]

São construções transitivas que se formam por uma sequência verbo-nome e codificam, prototipicamente, a mudança física e perceptível de locação do objeto. Contudo, quando o objeto apresenta um valor semântico mais abstrato, a mudança de locação é metafórica, por isso, essas construções foram divididas em canônicas e não canônicas, respectivamente:

Canônica: **Verbo Pleno**

(04) Cristina apareceu-lhe em pijama e saudou-o fraternalmente: " Bom dia, mano " Ele correspondeu, fixando-a com uma intenção crítica no olhar. Estava frio, ela não achava? Cristina **agarrou** uma torrada e levou-a à boca, trincando-a com apetite.

Não-canônica: **Verbo suporte**

(05) Os rebeldes haviam dado uma " pausa " até domingo, esperando que ele renunciasse. Mas o presidente ainda parece **agarrar-se** à esperança de conseguir um possível acordo com os adversários. ACREDITAR EM ALGO

(06) Ocorria então que, mesmo furiosa, a mãe espertamente **agarrava** a chance para dizer o que desejava. APROVEITAR A CHANCE

(07) No medo da morte, me **agarrei** com a santa e fui atendida. VALER-SE

(08) Num aguento mais comer pão integral, **garrei** um nojo. ADQUIRIR UM HÁBITO

PADRÃO 2: [V1_{agarrar} (e) V2_{fin}] **Verbo Serial**

São construções paratáticas que se formam a partir de dois verbos, V1 e V2, ambos flexionados, podendo ou não ser conectados pela conjunção *e*. Apresentam uma função focalizadora, uma vez que o V1 funciona como marcador de foco, enfatizando o evento descrito pelo V2.

(09) Inf. ele era rico né... e eu era pobre, aí eu **garrei** vendi lá... vendi lá e mudei pra aqui... eu já tinha casado... já tava... já tinha meus filhos.

PADRÃO 3: [V1_{agarrar} (a) V2_{inf}] **Verbo auxiliar**

São construções subordinadas formadas também por dois verbos, porém, nelas, o V1 é um verbo auxiliar que apresenta as flexões modo-temporais e número-pessoais, enquanto o V2 é o verbo principal que mantém a forma nominal de infinitivo. Essa construção codifica o início da ação expressa no V2, V1, nesse caso, é um auxiliar de aspecto inceptivo.

(10) A gente também servia a comida; e ela ia levar o leite e vinha e, claro, **agarrava-se** a trabalhar: ou ia à erva ou a cavar ou, pronto, a trabalhar.

Rodrigues conclui que a ocorrência do verbo *agarrar* nas três construções é habilitada por meio da metáfora do movimento. O verbo interage com as construções de modo que o movimento é codificado de formas diferentes em cada uma delas. Nas transitivas, o movimento causa a mudança de locação do objeto; nas paratáticas, o movimento é metafórico e gera o deslocamento da atenção para a ação expressa pelo V2 e, nas subordinadas, o movimento, também metafórico, codifica o início da ação expressa pelo segundo verbo.

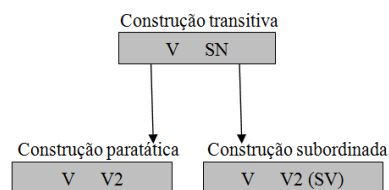


Figura 2: Representação da rede de herança entre as construções com *agarrar*

2. Tipologia e história das construções paratáticas

Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi

Neste trabalho, Longhin-Thomazi analisa as construções paratáticas justapostas, conforme (01) a (03), em uma amostra de textos dos séculos XIX e XX, contemplando o pareamento entre forma e significado, com o propósito de reconhecer nos modos paratáticos de composição os correlatos formais que sustentam os mecanismos interpretativos colocados em jogo por essas construções, sobretudo na ausência de juntor convencional (Renkema, 2004; Taboada, 2009).

(01) Deu-me vontade de rasgar aquella maldita carta e engullir os pedacinhos. Não fiz tal, pu-la no mesmo lugar. (19SL) CONTRASTE

(02) O médico precisa ser barrigudo: infunde respeito, confiança! A barriga impressiona. (20TQC, 1º ato) CAUSA

(03) Faça o que eu lhe digo.... não se ha de arrepender por isso. (19SL) CONDIÇÃO

Em outras palavras, o propósito maior é levantar argumentos para sustentar que uma teoria da junção deve considerar conjuntamente informações de diferentes níveis de análise, já que a presença de juntor – seja de tipo conjuncional, preposicional ou adverbial - é só uma face da construção.

A natureza e os limites da parataxe não são claros na literatura linguística, visto que a parataxe é tradicionalmente referida a vários tipos de construções paritárias, como justaposições, coordenações, correlações e inserções parentéticas (cf. Béguelin, 2010; Dargnat; Jayez, 2010). Trata-se de construções que estão na fronteira fluida entre maior e menor dependência sintática e, em alguns casos, são desprovidas de juntor segmental.

A autora assume neste trabalho um distanciamento com respeito às teses já tão debatidas que consistem em atribuir simplicidade à parataxe e complexidade à hipotaxe, e em sustentar que entre elas haveria uma passagem progressiva, da composição menos para a mais complexa, recuperável na filogênese e na ontogênese. Dessas teses derivam generalizações de que a parataxe é a sintaxe da língua falada, da língua das crianças e dos aprendizes, e também das línguas históricas em suas fases pretéritas. À maneira de La Fauci (2010), entendo que a fragilidade dessas afirmações e que o contraste que elas alimentam entre parataxe e hipotaxe se devem, em grande parte, à desconsideração do gênero e à correlação equivocada que se estabelece entre simplicidade e oralidade.

Como *corpus* Longhin-Thomazi utiliza dados provenientes de seis peças teatrais, produzidas nos séculos XIX e XX, conforme quadro abaixo. Para cada texto, fez um recorte de 2500 palavras do que resultou um total de 516 ocorrências de paratáticas justapostas.

Peças teatrais	Autor	Período
Sangue limpo	Paulo Eiró	XIX
Amor por anexins	Artur Azevedo	XIX
Uma véspera de reis	Artur Azevedo	XIX
Teatro quase completo	Nelson Rodrigues	XX
Lampião	Raquel de Queiroz	XX
O rei da vela	Oswald de Andrade	XX

O Gráfico 01 abaixo mostra os resultados o levantamento e análise das construções paratáticas nas peças teatrais. As relações de causa, tempo, condição e contraste foram as mais frequentes e serão discutidas a seguir.

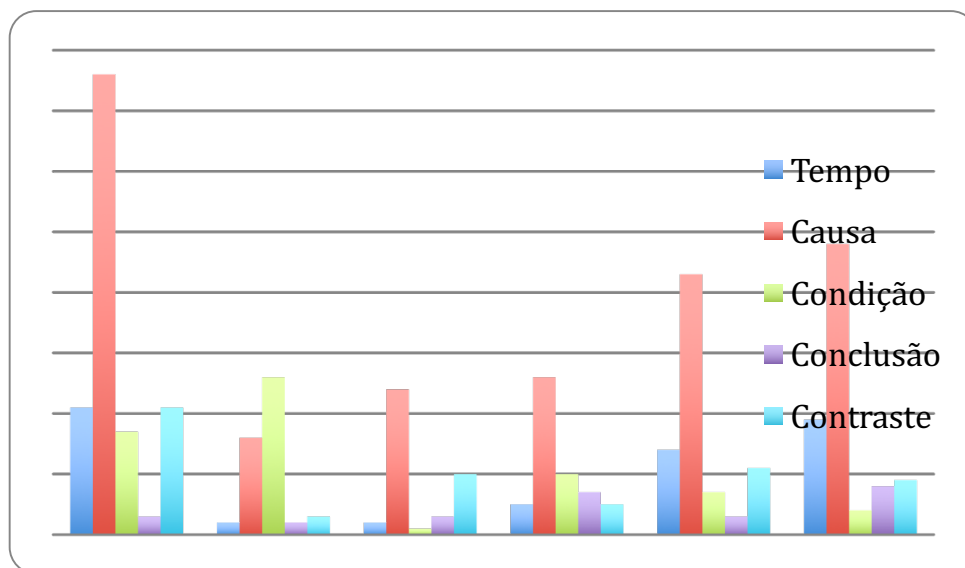


Gráfico 01: relações de sentido nas paratáticas justapostas

As paratáticas temporais, conforme (04) e (05), se especializam em sinalizar *sequencialidade*²⁷: uma relação entre o que vem antes e o que vem depois no tempo, fundada na ordem icônica dos eventos no mundo, que é a base definidora de vários tipos paratáticos. Além da ordem, a informação semântica dos verbos é índice linguístico que ajuda a sustentar a sequencialidade temporal.

(04) E os cães da vizinhança, reparou? Uivaram a noite inteira. *Peguei um chinelo do pé esquerdo, Ø bati três pancadas no chão.* (19SL)

(05) *Queria sahir a furto do palacio, Ø acotovellar desconhecido esta multidão, Ø respirar o incenso da popularidade, Ø ouvir meu nome repetido mil vezes.* (19SL)

Nos moldes de Noordman e Blijzer (2000), entendemos a causalidade como uma categoria fundamental para a representação do conhecimento humano, sobretudo para os processos cognitivos de predição, explicação e compreensão. Trata-se de um domínio altamente polissêmico que na linguagem resulta em construções linguísticas estritamente binárias, que se desdobram na expressão dos sentidos de causa, efeito, razão, explicação, justificativa, motivo e consequência (Paiva, 1992).

A análise dos dados revelou a existência de dois tipos de paratáticas causais, que mostram diferenças não só na configuração sintática, como também no grau de complexidade cognitiva. No primeiro tipo, conforme (06) a (07), a ordem é variável: temos os pares causa-efeito e efeito-causa. Nos casos causa-efeito, a relação de causa deriva de uma relação temporal icônica, mais especificamente da implicação temporal entre eventos do mundo. Possivelmente fatores de ordem pragmática como, por exemplo, o estatuto informacional ajuda a explicar a ordem não icônica.

(06) *Um dia mucama quebrou o espelho grande: Ø sinhá arrancou os olhos de mucama* (19SL)

(07) *Mandei o menino dar uma chegada na bodega da Maria Truca. Ø A gente estava desprevenida de açúcar e fósforo* (20L)

As relações causais expressas nesse primeiro tipo trazem uma representação cognitiva da experiência sócio-física, do mundo real, uma experiência que é cognitivamente mais básica. O trânsito entre as categorias de *tempo* e *causa* revela relações de parentesco semântico e recapitulam tendências em gramaticalização de juntores nas línguas (Kortmann, 1997), em que as relações temporais são mais primitivas e funcionam como ponto de partida para a emergência tanto de relações causais, como condicionais.

O segundo tipo de paratática causal, por sua vez, inclui construções como as de (08) a (10), que envolvem maior complexidade cognitiva:

(08) O estado actual é muito diferente: Ø lusos e brasileiros têm-se extremado. (19SL)

(09) Paguem o que devemos! Ø não quero credores (19SL)

(10) Eu é que não pego nisso. Ø Me repunha só de olhar. (20L)

Apesar de as construções de (08) a (10) preservarem o binarismo, não mais codificam causa e efeito. Aqui, o primeiro membro é um ato de afirmação, sugestão ou ordem, e o segundo membro traz a explicação ou justificativa para o primeiro. Em outras palavras, a relação causal, nesse caso, se dá no nível discursivo, conversacional (Sweetser, 1991)²⁸, conformando-

²⁷ Diferentemente das construções hipotáticas que podem, por exemplo, codificar um universo mais amplo de relações temporais - anterioridade, posterioridade, simultaneidade e contingência - com uma diversidade grande de juntores perifrásticos e não-perifrásticos.

²⁸ Sweetser (1991) argumenta que certas palavras funcionais, sobretudo verbos auxiliares e conjunções, podem receber diferentes interpretações, a depender do uso em diferentes domínios ou contextos pragmáticos. Ela reconhece três domínios dentro dos quais a palavra mostra polissemia: os domínios do conteúdo (ou sócio-físico), epistêmico (ou do raciocínio lógico) e conversacional (ou dos atos de fala). Para o nexos de causa do inglês (*because*), Sweetser distingue a relação de causalidade de um evento no mundo real, a causa de uma crença ou conclusão, e a causa de um ato de fala realizado.

se a um esquema explicativo, em que a ordem é absolutamente rígida, já que uma explicação depende sempre de um movimento anafórico de 'olhar para trás'. Segundo a análise apresentada, o modo de construção paratático dá conta de codificar tanto as relações de causa entre fatos do mundo, como aquelas entre momentos de uma argumentação, respectivamente, construções que sinalizam menor e maior complexidade cognitiva.

As paratáticas justapostas contrastivas, conforme ocorrências de (11) a (13), se sustentam no paralelismo estrutural, na oposição entre os itens lexicais (*fácil/difícil*; *homem/menino*) que preenchem as lacunas paralelas e/ou na negativa explícita (*não*).

(11) Todas casam errado! Fácil encontrar um marido: Ø difícil encontrar um homem! (20TQC)

(12) Não era homem: Ø era um menino (20L)

(13) Quiz vê se dormia um pouco... Ø não pude fechar os olhos (19SL)

Segundo os dados investigados, a leitura condicional se deve em geral ao vínculo semântico de causa e efeito, que resulta da ordem icônica das orações e dos pressupostos envolvidos. Várias condicionais são construídas a partir das relações causais, o que reforça as tantas evidências encontradas na literatura acerca do trânsito entre os domínios de *causa* e de *condição* (Kortmann, 1997). Outro índice diz respeito à morfologia verbal, sobretudo de presente, que ao codificar um tempo habitual permite a inferência de condição.

(14) O doente paga, eu nem pio (20TQC)

(15) A letra está boa. O homem lá entende (20L)

(16) É preciso olhar para o futuro: quem para adiante não olha atrás fica; quem cospe para o ar cai-lhe na cara, e quem boa cama faz nela se deita (19AA)

3. Tipologia e história das construções paratáticas e hipotáticas

Sanderleia Longhin-Thomazi e Lúcia Lopes-Damásio

Neste trabalho, Longhin-Thomazi e Lopes-Damásio investigam um tipo de construção que se situa nos limites fluidos na parataxe e hipotaxe. Trata-se de um tipo de construção complexa que, da perspectiva gramatical, é classificada como subordinada adjetiva explicativa e, da perspectiva linguística, sobretudo funcionalista, é descrita como um tipo de oração relativa menos integrada, com contorno próprio, que se situa no domínio fluido entre hipotaxe e subordinação (Oliveira, 2001), ou ainda como oração que constitui um ato de discurso com função retórica (Camacho; Bechara, 2010; Camacho, *no prelo*).

Mais especificamente, o objetivo das autoras é analisar traços de forma e de sentido de construções como (17) a (19) que, diferentemente daquela em (20), são suscetíveis de interpretação em termos de *contraste*, *causa* e *condição*, respectivamente, leituras que em geral não são referidas nas literaturas gramatical e linguística. Para elas, (20) é uma oração relativa apositiva, que fornece uma informação de fundo, mas (17)-(19) constituem um padrão diferenciado de construção relativa.

(17) Assim devia ser, e o proprio presidente, que conspirava contra ella, parece haver conhecido à ultima hora a inutilidade dos seus esforços combinados. (OESP, n.806, 1877)

(18) A capital da provincia, que estava á prova de salubridade, centro de agglomeração dos fugitivos de Santos e Campinas e de immigrants, não se acha em estado de poder affrontar as epidemias no proximo verão. (OESP, n.4222, 1889)

(19) Um povo que não aspira e não se apaixona é um povo moribundo (OESP, n.5285, 1892)

(20) Novas informações, que conseguimos colher, nos autorizam a chamar a atenção das autoridades policiaes e das repartições fiscaes. (OESP, n.2786, 1884)

A análise é conduzida a partir de dados provenientes de editoriais do jornal A Província de São Paulo, do período de 1875 a 1894, que favoreceram os padrões de ocorrência e as frequências mostradas no Quadro 2. As autoras argumentam em favor da relevância de distinguir as marcas que autorizam as interpretações causal, condicional e contrastiva, o que permitem reconhecer o estatuto do significado dessas construções e mostrar que a função de aposto não se aplica a elas. Isso traz consequências para o paradigma das relativas que, segundo a tipologia apresentada em Camacho (no prelo), prevê, de um lado, as relativas encaixadas, que restringem ou determinam o significado do sintagma nominal e, de outro, as relativas não-encaixadas, que operam como aposto do sintagma nominal.

Padrões semânticos	Frequência
Causa	09/29 (31%)
Contraste	15/29 (52%)
Condição	05/29 (17%)

Quadro 02: padrões semânticos das relativas circunstanciais

As construções que integram o padrão causal apresentam leitura de causa e efeito, invariavelmente nessa ordem. A leitura decorre de uma conjunção de fatores. Um deles é a sequencialidade temporal dos eventos codificados nas orações, aliada às expectativas e esquemas enunciativos do mundo, em que aquilo que vem antes no tempo pode ser interpretado como causa do que vem depois. É o caso, por exemplo, da ocorrência em (21), em que o flagelo da seca teve por efeito a esterilização do trabalho.

(21) A terrível secça que, flagellou aquella província, esterilisou-lhes o trabalho, de modo que procuram hoje no paiz outro onde possam estabelecer-se. (OESP, n.621, 1877)

Ainda que a relação de tempo seja necessária para a leitura de causa, ela não é suficiente. Como mostra (22), a relação de tempo por si só não dá conta da codificação de causa:

(22) Ora esses objectos, que tivemos occasião de ver há poucos dias, acham-se amontoados e espalhados pelo chão de algumas pequenas salas (OESP, n. 5500, 1893)

Assim como (21), as ocorrências tendem a apresentar a morfologia verbal de pretérito, cf. (23) e (24). Acrescente-se a isso a importância dos esquemas enunciativos e discursivos que estão em jogo nas construções causais (Paiva; Braga, 2010). Trata-se, em outras palavras, de padrões ou esquemas de representação do mundo, das experiências humanas, que permitem levantar implicações entre dois fatos ou eventos, implicações do tipo causa e efeito. Por exemplo, em (23), os sentimentos de estima justificam o lamento e o luto frente à perda de um colega; em (24), a função de chefe na câmara legitima a proposta de encaminhamento do projeto; e, em (25), o desconhecimento da questão implica despreparo.

(23) Nós, que também o estimávamos como tal, sentimos ainda o seu passamento porque era elle um dos nossos dedicados consócios e colaborador inteligente. (OESP, n.333, 1876)

(24) O sr. Martinho Campos, que tomou o bastão de chefe na camara, propôz que o projecto fosse a uma commissão especial de 21 membros para dar parecer (OESP, n.1556, 1880)

(25) Entretanto não era uma questão nova e lá se acham muitos que fizeram parte da última legislatura, outros que conhecem as disposições do projecto, a natureza dos serviços, e não podem ignorar o que tem havido acerca da pretensão da Companhia. Só o *leader* que se confessou hospede na questão, podia não estar preparado. (OESP, n.2662, 1882)

Nos dados, o padrão condicional decorre frequentemente da morfologia verbal de presente, que indicia tempo habitual e permite, dessa forma, a implicatura de condição como é o caso, por exemplo, das ocorrências de (26) a (28).

(26) Um povo que não liga importancia á administração do seu municipio é incapaz de tomar interesse pelos negocios de sua nação. (OESP, n.766, 1877)

(27) A nossa policia, que já ante-hontem deportou quatorze d'esses miseraveis, tem decerto para isso a acquiescencia do governo federal, não lhe faltará também o apoio franco e incondicional da opinião publica para curar essa chaga que nos ultimos annos rebentou na nossa sociedade. (OESP, n.5179, 1892)

(28) Uma nação, onde cada cidadão não sabe com quanto concorre para a receita geral, provincial e municipal, que ignora a que ordens de despesas é destinada a sua quota, que não se dá ao trabalho de procurar conhecer a natureza dos serviços e obras que consomem essa receita, não está no caso de se governar livremente. (OESP, n.583, 1877)

No padrão contrastivo, há duas diferentes manobras argumentativas, alimentadas por suas respectivas marcas linguísticas. Um dos padrões de contraste, exemplificado de (29) e (30), é fruto de uma relação de opposição. O paralelismo sintático e os itens lexicais antônimos são as marcas mais salientes do contraste. O segundo padrão contrastivo, conforme (31) e (32), decorre de uma manobra concessiva.

(29) O grande tribuno, que ligára gloriosamente seu nome á terceira Republica, desce ao tumulto quando as mais sérias apprehensões assaltam muitos espiritos creando duvidas no trabalho da organização definida da França republicana. (OESP, n.2339, 1883)

(30) O imperio bragantino, que começou por um crime – o perjurio de Pedro I – e que se firmou por outro crime – a declaração da maioria de Pedro II – agora começa a sua obra de dissolução. (OESP, n.3058, 1885)

(31) Assim devia ser, e o proprio presidente, que conspirava contra ella, parece haver conhecido á ultima hora a inutilidade dos seus esforços combinados. (OESP, n.806, 1877)

(32) E cousa notável! O candidato liberal, que adoptou o programma qualificado pelo sr. presidente do conselho de monstruosidade, é governista e o deputado que promettera estar com o governo para a realisação de suas idéias, é opposicionista. (OESP, n.4298, 1889)

A devida caracterização desses padrões semânticos, com a sistematização das pistas que legitimam os significados e com o exame das ambiguidades, bem como a investigação do estatuto de *que*, da natureza do nome antecedente e de aspectos prosódicos da construção são algumas das próximas tarefas.

Referências bibliográficas

- BEGUELIN, M.J. Noyaux prédicatifs juxtaposés. In: Beguelin, M.J. et al (eds). *La Parataxe. Tome 1: Entre dépendance et intégration*. Berne: Peter Lang, Collection Sciences pour la communication, 2010.
- CAMACHO, R.; BECHARA, E. Construções relativas nas variedades lusófonas. In: MARÇALO, M.J.; Lima-Hernandes, M.C; ESTEVES, E.; FONSECA, M.C; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Eds) *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Universidade de Évora, 2010.
- CAMACHO, R. *Orações relativas no contexto da lusofonia*, 2013, no prelo.
- DARGNAT, M.; JAYEZ, J. La cohésion paratactique: une approche constructionnelle. In: Beguelin, M.J. et al (eds). *La Parataxe. Tome 2: Structures, marquages et exploitation discursive*. Berne: Peter Lang, Collection Sciences pour la communication, 2010.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional Grammar*, London: Edward Arnold, 1985.
- HEINE, B. Grammaticalization. In: Joseph, B.; Janda, R. (eds). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Studies in the evolution of language. New York: Oxford University Press, 2007.
- KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: Lobo, T et al (Orgs.) *Para a história do português brasileiro*. Salvador, EDUFBA, tomo II, 2006.
- KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. *Lingua hablada en la Romania: Espanol, Francés, Italiano*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.
- KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin, NY: Mouton de Gruyter, 1997.
- LA FAUCI, N. Paradoxes de la parataxe. In: Beguelin, M.J. et al (eds). *La Parataxe. Tome 1: Entre dépendance et intégration*. Berne: Peter Lang, Collection Sciences pour la communication, 2010.
- MARTIN, J.R. et al. *Working with functional grammar*. London/NY: Auckland Arnold, 1997.
- NOORDMAN, L.; BLIJZER, F. On the processing of causal relations. In: Couper-Kuhlen, E.; Kortmann, B. (eds). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- OLIVEIRA, M. R. Orações adjetivas em língua portuguesa – uma abordagem pancrônica. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 92-103, 2001.
- PAIVA, M. C. A. de. *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.
- PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. Juxtaposition et coordination: deux formes de parataxe? In: Béguelin, M. J.; Avanzi, M.; Corminboeuf, G. (eds). *La Parataxe. Tome 1: Entre dépendance et intégration*. Berne: Peter Lang, Collection Sciences pour la communication, p. 313-332, 2010.
- RENKEMA, J. Discourse connections. *Introduction to discourse studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.
- STREET, B. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Filologia e Linguística Portuguesa*, vol. 8, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 465-488, 2006.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. In: RENKEMA, J. (ed.) *Discourse, of course: an overview of research in discourse studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

Subprojeto *Gramáticas paulistas na história do português brasileiro*

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Aparecida C. R. Torres de Moraes (USP)

Consultores: Ian Roberts (Cambridge University-UK), Ana Maria Martins (Universidade de Lisboa-Portugal).

Equipe: Dra. Rosane de Andrade Berlinck (UNESP/Araraquara); Ana Regina Vaz Calindro (PG-DO, USP, Bolsa Capes); Gabriella D'Auria de Moraes Gallo (PG-ME, USP); Cassia Y. Yamauchi (ME, USP); Paula de Freitas Denari (ME-USP); Driely Oller Oyama (G-IC, USP, Bolsa RUSP); Darlene da Silva Gomes de Brito (G-IC, UNESP/Araraquara, bolsa PIBIC/CNPq); Sílvia Maria Brandão (G-IC, UNESP/Araraquara, Bolsa PIBIC/CNPq); Carine de Freitas Berto (G-IC, UNESP/Araraquara, Bolsa PIBIC/CNPq)

Introdução

Na versão original deste Subprojeto, constavam da equipe de pesquisadores a Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino e o Prof. Dr. Juanito Avelar, que já no final de 2012 se desligaram do Projeto.

Por sua vez, os temas de pesquisa selecionados, foram listados da seguinte forma:

- a) sistemas pronominais;
- b) sistemas preposicionais;
- c) ordem das palavras em sentenças declarativas e interrogativas;
- d) estruturas causativas;
- e) fenômeno de controle e marcação excepcional de caso;
- f) completivas de infinitivo flexionado;
- g) natureza gramatical dos auxiliares/aspectuais;
- h) comportamento de construções possessivo-existenciais, com ênfase em três aspectos: (i) a colocação de termos locativos, (ii) concordância verbal e posição de sujeito e (iii) a variação entre ter, haver e estar com em expressões de decorrência temporal.

Diante da mudança na composição da equipe, os tópicos de estudo propostos inicialmente foram revistos, assumindo agora a seguinte configuração:

- a) Sistema pronominal: estratégias de pronominalização de objetos indiretos;
- b) Sistema preposicional: preposições introdutoras de complementos verbais ;
- c) Ordem de palavras em sentenças declarativas: posição do sujeito;
- d) Posse externa: alternância dativo/genitiva nas estruturas com verbos dinâmicos e estativos;
- e) Estrutura do DP possessivo: formas pronominais possessivas e genitivas.

Apesar da redução dos tópicos de estudo, os objetivos propostos na versão original do Subprojeto foram mantidos, nos seguintes termos, aqui resumidos:

1. Tomando como suporte empírico um conjunto de textos constantes do *Corpus* deste Projeto Temático, produzidos ao longo dos séculos XIX (segunda metade), XX e XXI, o primeiro objetivo é descrever e analisar fenômenos de variação e mudança sintáticas que revelem

convergências e contrastes entre o português paulista e outras variedades do português brasileiro.

2. O segundo objetivo visa à realização de levantamento, coleta e digitalização de material histórico, disponibilizado em importantes centros de documentação, tanto nas cidades do interior do Estado de São Paulo, em particular, Campinas e Araraquara, como na cidade de São Paulo.

Os objetivos e temas de pesquisa selecionados pela nossa equipe são motivados por um enquadramento teórico que nos fornece o conjunto de pressupostos e hipóteses com os quais fundamentamos as nossas discussões e questões de natureza conceitual e empírica (com tratamento estatístico dos dados). Tais questões, próprias aos fenômenos de variação e mudança sintática, deverão, dessa forma, ser abordadas de forma sistemática.

Assim, a abordagem dos fenômenos de variação e mudança propostos neste Subprojeto será feita dentro de duas vertentes teóricas: a da teoria gerativa, na sua vertente dos princípios e parâmetros (cf. Chomsky, 1981, 1986, 1995, 2000, 2001; Lightfoot, 1979, 1999, 2002, 2006; Roberts, 2007; Kroch, 1989, 1994, 2000), e a teoria da sociolinguística da variação e mudança (cf. Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov 1972, 1994, 2001). O diálogo entre as duas propostas tem levado a interessantes reflexões e resultados de natureza empírica e teórica sob o rótulo de sociolinguística paramétrica (cf. Kato & Tarallo (1986, 2003), Tarallo & Kato (2007).

Outro ponto a ser destacado: a realização dos objetivos propostos neste subprojeto não é tarefa apenas do coordenador e dos pesquisadores associados. Estão também envolvidos alunos bolsistas de Iniciação Científica, mestrandos e doutorandos.

Em particular, serão fundamentais as equipes formadas com alunos da Graduação, as quais irão auxiliar na tarefa de digitalização dos *corpora*.

1. Pesquisadores e respectivos projetos

Como exposto no tem 1., este Subprojeto visa a descrever e analisar vários aspectos gramaticais que caracterizam o dialeto paulista (também denominado caipira), nas suas variedades cultas. O corpus elaborado se constitui de anúncios, cartas de leitores e redatores de jornais do interior e capital e outros documentos, entre os séculos XIX, XX e XXI.

Um cotejamento com os itens a serem investigados no nosso Subprojeto e os trabalhos abaixo listados mostram que estão todos articulados entre si, em sua temática e no quadro teórico e metodológico adotado.

- *Estudos sobre fenômenos em variação e mudança Norma, Variação e Mudança: correlações e embates* - Rosane Berlinck;
- *Estudos sobre a alternância dativa/genitiva em construções possessivas e estrutura interna do DP possessivo* - Maria Aparecida Torres Morais;
- *Gramáticas pronominais no português paulista*, por Maria Aparecida Torres Morais;
- *Composição sintática dos verbos bitransitivos na história do português paulista*. Tese de Doutorado. Doutoranda: Ana Regina Vaz Calindro;
- *A estrutura do DP possessivo na história do português brasileiro: uma perspectiva microparamétrica*. Dissertação de Mestrado. Mestranda Gabriella D'Auria de Morais Gallo;
- *Expressão do objeto indireto no português brasileiro: testemunho linguístico em peças de teatro dos séculos XIX e XX*. Dissertação de Mestrado. Mestranda: Cassia Y. Yamauchi;

- *A realização do objeto indireto nas redações de alunos de Ensino Fundamental*. Dissertação de Mestrado. Mestranda: Paula de Freitas Denari;
- *O português paulista nas cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Trabalho de Iniciação Científica. Graduanda: Driély Oller Oyama.
- *A ordem relativa do sujeito em notas sociais do jornal O Araraquarense (século XX)*. Iniciação Científica. Graduanda: Darlene da Silva Gomes de Brito e Sílvia Maria Brandão. (Curso de Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho;
- *Norma, variação e mudança: preposições em notícias de webjornais paulistas*. Iniciação Científica. Graduanda: Carine de Freitas Berto;
- *Norma, variação e mudança: preposições em webjornais paulistas – refinando a análise*. Iniciação Científica. Graduanda: Carine de Freitas Berto.

2. Objetivos cumpridos

No Projeto original, foi prevista a execução das seguintes tarefas, nos anos de 2012 e 2013:

2012- Organização de equipes formadas por alunos da Graduação e Pós-Graduação. Levantamento e digitalização de material linguístico paulista e paulistano, referentes aos séculos XIX (segunda metade), XX e XXI. Início das leituras referentes aos temas de pesquisa selecionados. Elaboração de cursos e seminários para a discussão dos textos relevantes ao aparato teórico assumido pelo grupo. Redação de artigos, relatórios de IC, dissertações e teses.

2013- Continuidade das tarefas de coleta, digitalização e transcrição de material.

Como exporemos no item 3 abaixo, estamos em andamento com as tarefas acima propostas. Os objetivos que nos propusemos a cumprir estão sendo contemplados tanto na coleta dos dados e organização dos corpora, como na pesquisa dos tópicos selecionados. Estes são discutidos em seminários, cursos de pós-graduação, trabalhos acadêmicos e outras atividades.

3. Síntese dos principais resultados

3.1. Resultados na constituição dos corpora (constituídos e em constituição).

- a) material da Imprensa Negra Paulista (já constituído no Caipira 1- e em fase final de revisão);
- b) material coletado nas Capas dos Jornais da Folha de São Paulo- séc. XX (em fase de digitalização);
- c) material do projeto Fontes históricas – jornais de Araraquara, São Carlos, Rio Claro (coletado, pequena parte transcrito). Abaixo segue um relato mais detalhado das atividades de organização de corpus referentes ao item c.

3.1.1. Contribuição para a construção de *corpora* para o estudo histórico do português paulista – Fontes do interior do Estado

Propôs-se a construção de *corpus* composto por textos característicos do domínio jornalístico, produzidos e publicados em jornais que circularam em cidades do interior paulista, no período de 1880 a 1930. São privilegiadas as produções oriundas das cidades de Araraquara, São Carlos e Rio Claro.

Pretende-se organizar uma base que permita, a médio prazo, a busca eletrônica de dados e informações para pesquisas empíricas sobre processos de variação e mudança no português brasileiro (mas que, sem dúvida, poderá alimentar pesquisas orientadas por outros modelos teóricos e voltadas para outras áreas do conhecimento).

A pesquisa se pauta nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Histórica (em específico da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich, Labov, Herzog 1968; Labov 1972, 1994, 2001)), de teorias sobre Gênero Textual (Bakhtin 1979, Bazerman 2005; Fiorin 2006; Marcuschi 2008) e da Linguística de *Corpus* (Sardinha 2004). A pesquisa resultou na organização de um conjunto rico de materiais dos jornais *O Araraquarense*, *o Correio de São Carlos* e *O Rio Claro*.

Entre os principais resultados já obtidos da pesquisa, destacam-se: a formação de um conjunto inicial de jornais para o período, representativos das localidades; a definição de uma metodologia de trabalho para a coleta de dados, que inclui estratégias de captação de imagens dos jornais e conversão de imagens em textos; um conhecimento mais profundo sobre a natureza dos gêneros textuais, a partir da análise dos textos que circulavam nos jornais selecionados; a definição de categorias relevantes para a descrição, catalogação dos jornais e dos textos ali presentes, com vistas aos estudos de variação e mudança linguística. Segue um quadro que sintetiza a situação atual do *corpus*.

<i>Jornais/ Edições em imagens</i>	<i>Conversões para texto</i>	<i>Estrutura de gêneros</i>	<i>Informações sócio- históricas</i>
<i>O Araraquarense</i> Edições de 26 de novembro de 1911 a 29 de agosto de 1912: 38 exemplares	20 exemplares convertidos em texto	Identificação de gêneros que compõem o jornal. Categorização preliminar dos exemplares.	Contexto sócio-histórico geral (Brasil). Informações específicas obtidas a partir da análise dos exemplares do jornal.
<i>O Correio de São Carlos</i> Edições de : 1918 (julho a novembro), 1919 (janeiro a junho), - 1922 (janeiro a junho), 1926 (janeiro a dezembro): 375 exemplares	Não iniciadas	Identificação de gêneros que compõem o jornal	Contexto sócio-histórico geral (Brasil). Informações específicas obtidas a partir da análise dos exemplares do jornal.
<i>O Rio Claro</i> Edições de novembro de 1900 a maio de 1915: 10 exemplares	Não iniciadas	Identificação de gêneros que compõem o jornal.	Contexto sócio-histórico geral (Brasil). Informações específicas obtidas a partir da análise dos exemplares do jornal.

Um segundo conjunto de dados jornalísticos contempla a capital paulista. Os mesmos serão extraídos do livro "FOLHA DE SÃO PAULO - PRIMEIRA PÁGINA - 90 anos de história nas capas mais importantes da Folha", 7a ed, São Paulo: Publifolha, 2012.

O exemplar é composto pelas 223 capas principais do periódico, no período de 21 de fevereiro de 1921 e 01 de novembro de 1910. A digitalização deste material, em andamento, está sendo realizada dentro do E-dictor, um programa desenvolvido de modo a permitir a etiquetagem automática das palavras em suas respectivas categorias gramaticais. Com isso, é possível ter

acesso imediato aos dados que expressam os fenômenos que se quer analisar.

3.1.2. Síntese das pesquisas em andamento

(1) Estudos sobre fenômenos em variação e mudança. Norma, Variação e Mudança: correlações e embates

Rosane Berlinck

A pesquisa desenvolvida pela Profa. Rosane Berlinck, tem por objetivo geral avaliar o embate entre norma e uso (ou entre *normae normas*) em textos jornalísticos paulistas do início do século XX e do início do século XXI, por meio da análise de dois fenômenos variáveis: *a ordem sujeito-verbo* e *o emprego de preposições em complementos verbais*.

A escolha do texto jornalístico como fonte de dados se deve ao fato de se ter em textos desse domínio um espaço privilegiado para analisar os processos de implementação de mudança. É um texto público, que tanto atua sobre os componentes da situação sócio-histórica ao qual está vinculado, quanto sofre influências dessa situação. Tem, assim, um duplo papel de agente e paciente. Essa dualidade faz dele uma fonte muito rica para avaliar a expressão da norma (linguística) prescritiva - socialmente prestigiada - e, ao mesmo tempo, detectar características inovadoras da(s) norma(s) objetiva(s), que, de tão presentes no uso, começam a ser incorporadas à escrita.

As pesquisas de base empírica têm se beneficiado enormemente dos conceitos e discussões desenvolvidos sobre gêneros textuais e tipificação textual; desse modo leva-se em conta também essa fundamentação, essencial na etapa de seleção das fontes de dados, mas igualmente na interpretação dos processos de variação e mudança (Bakhtin 1992, Fiorin 2006, Bazerman 2005, Marcuschi 2008).

Nesse sentido, considera-se que a natureza heterogênea do jornal, veículo/suporte/hipergênero composto de uma gama de textos que materializam gêneros diferentes, determina que se espere encontrar diferenças em termos de estágios de emergência das construções em estudo segundo o gênero do texto utilizado como fonte de dados.

Entre os principais resultados já obtidos pesquisa, destacamos dois conjuntos de tendências. Primeiramente, no que se refere à correlação da variação com fatores de natureza linguística, aspectos já identificados em estudos anteriores como determinantes para cada um dos fenômenos analisados se mostraram atuantes nos dados dos jornais do início do século XX e do início do século XXI.

Assim, no caso da posição do sujeito, (i) é o tipo sintático-semântico do verbo que leva a uma maior ou menor presença da construção Verbo-Sujeito (associada a contextos monoargumentais), (ii) a posposição ocorre predominantemente com sujeitos nominais 'pesados' e (ii) em construções de voz passiva.

Quanto à alternância de preposições em complementos verbais, também a natureza do verbo é decisiva, mas aparentemente as distinções relevantes combinam aquelas ligadas ao número de argumentos selecionados pelo verbo com diferenças quanto ao sentido veiculado – transferência material ou verbal, movimento com transferência, direção.

Além disso, o emprego de preposições consideradas inovadoras do ponto de vista da norma gramatical vigente (**para, em, até** em oposição a **a**) se associa preferencialmente a complementos com sentido locativo, que com referente animado (humano).

O segundo conjunto de constatações diz respeito às correlações entre a variação e a natureza da fonte de dados. Nesse caso, todos os dados provêm de textos jornalísticos.

No entanto, foram analisados dados colhidos em textos de diferentes gêneros dentro dos jornais. A comparação entre dados oriundos de *artigos de opinião*, de *notícias* e de *notas sociais* confirmou a hipótese de que a permeabilidade à variação pode se manifestar em graus bastante diferentes a depender do gênero-fonte de dados. Destacamos, para ilustrar, o resultado da análise da posição do sujeito em *artigos de opinião* e *notas sociais* do jornal *O Araraquarense* (1911-1912): enquanto observa-se um índice de posposição de 22% nos *artigos de opinião*, as *notas* apresentam 54% de sujeitos pospostos.

(2) Estudo sobre a alternância dativa/genitiva em construções possessivas e estruturainterna do DP possessivo.

Maria Aparecida Torres Morais

No projeto de pós-doutorado intitulado **Dativos de posse no português brasileiro: um estudo comparativo com o português europeu**, em desenvolvimento na University of Southern California (USC), no período de julho/dezembro 2013, Processo Fapesp: 2013/06439-4), a Profa. Maria Aparecida Torres Morais tem como objetivo contribuir para a análise de um dos tópicos de pesquisa do Subprojeto *Gramáticas paulistas na história do português brasileiro*, a saber: mudança na expressão da posse no PB, tanto no aspecto da estrutura sentencial, quanto na estrutura interna do DP possessivo. Os objetivos propostos estão resumidos abaixo:

- 1) Examinar e documentar diacronicamente as construções de posse no PB, com base nos corpora históricos dos séculos XIX-XX disponibilizados no acervo documental do projeto temático de equipe Para a História do Português de São Paulo (Projeto Caipira II);
- 2) Formalizar, dentro do quadro de hipóteses assumido, uma mudança de natureza paramétrica que mostre os diferentes rumos que o PB tomou, tornando-o distinto das outras línguas românicas, em particular, o PE;
- 3) Contribuir para as reflexões sobre mudança sintática, na perspectiva do quadro teórico dos Princípios e Parâmetros, tanto no que se refere à difícil questão da formulação dos parâmetros, quanto no que se refere à dinâmica da mudança nas comunidades de fala;
- 4) Proporcionar novas questões e novas frentes de pesquisa para os estudos sobre aquisição de L2 e contato linguístico. Este segundo aspecto se aperfeiçoa com os estudos contrastivos entre o PB e as variedades do português nos países africanos. Em particular, para o entendimento dos diferentes rumos que cada uma delas toma ao perder a mesma propriedade linguística.

Referências bibliográficas

- CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
CHOMSKY, N. (1986). *Knowledge of languages*. New York. Praeger.

- CHOMSKY, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (2000). Minimalist Inquiries: the Framework. In: Martin, R. D. Michaels, D. & Uriagereka, J. (eds.) *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax. In Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (2001). Derivation by Phase. In: Kenstowicz, M. (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. 1-52. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KROCH, A. (1989). Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. In: Sankoff, D.; Labov, W. & Kroch, A. (eds.). *Language Variation and Change*. vol.1. n.3. 199-244. Cambridge University Press. New York.
- KROCH, A. (1994). Morphosyntactic variation. In: Beals, K. et al. (orgs.). *Parasession on variation and linguistic theory*. Papers from the 30th regional meeting of the Chicago Linguistic Society.
- KROCH, A. (2000). Syntactic Change. In: Baltin, M. & Collins, C. (eds.). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford. Blackwell. 629-7399.
- KATO, M. (1996). Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística, In: I.Duarte e I.Leiria (eds.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol II: p.211-237.
- KATO, M. (2005). A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M.A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J. e LEMOS, A. S. (orgs.) *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho). p. 131-145.
- KATO, M.; TARALLO, F. (1986). Anything you can do in Brazilian Portuguese. In: JAEGGLI, Osvaldo; SILVA-CORVALÁN, Carmen. (eds). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris.
- KATO, M.; TARALLO, F. (2003). The Loss of VS Syntax in Brazilian Portuguese. In SCHLIEBEN-LANGEN, Brigitte; KOCH, Ingedore.V.; JUNGBLUTH, Konstanze. (hrsg) *Dialog zwischen den Schulen*. Münster: Nodus Publikationen.
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. (1994). *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge: Blackwell Publishers.
- LABOV, W. (2001). *Principles of Linguistic Change*. Vol. 2: Social Factors. Oxford: Blackwell Publishers.
- LIGHTFOOT, D. (1979) *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LIGHTFOOT, D. (1999) *The development of language: acquisition, change and evolution*. Oxford. Blackwell.
- LIGHTFOOT, D. (2002) *Syntactic Effects of Morphological Change* (ed.) Oxford. University Press.
- LIGHTFOOT, D. (2006) *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ROBERTS, I. (2007) *Diachronic Syntax*. Oxford: Oxford University Press.
- ROBERTS, I; KATO, M. (orgs. 1993). *Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas. SP: Editora da Unicamp.
- TARALLO, F; KATO, M. (2007). Harmonia trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística. *Preedição* 5. Campinas. (Reeditado in *Diadorim: revista de estudos lingüísticos e literários* 2. p.13-42.
- WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. (1968). Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin. University of Texas Press. p. 97-195.
- TARALLO, F. (1991). Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. In: *Organon*, vol, 18. Porto Alegre: UFRS-Instituto de Letras. p. 11-22.

5. PROJETO DE ESTUDO SOBRE A VARIEDADE CULTA PAULISTANA (DA DÉCADA DE 50 DO SÉCULO XX AO SÉCULO XXI: PRIMEIROS RESULTADOS

Este projeto insere-se na agenda do Projeto para a História do Português Paulista, financiado pela FAPESP (Processo 11/51787-5)

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes (USP)

Equipe: (Quadro no item 3)

Introdução

Na seção 6.3, do Projeto Temático, intitulada *Constituição e expansão das variedades popular e culta do Português Paulista*, há três objetivos gerais. O primeiro deles representa a linha-mestra do projeto *Retrato sociolinguístico da variedade culta paulistana (da década de 50 do século XX ao século XXI)*:

O estudo da variedade culta, associando mudança linguística e aspectos da mudança social, mas redimensionando o peso do fator social com base no reconhecimento de uma universalidade de algumas mudanças – o que leva a repensar mudanças gramaticais pelo viés da teoria da cognição;

Esse objetivo geral tem sido estrategicamente coberto por três frentes de trabalho: Descrição do português culto e sua compreensão num modelo funcionalista de evolução, gramatical (processo de gramaticalização); Relações entre evolução linguística e cognição humana; e Contraste entre variedades.

Em 2010, fechando a primeira edição do projeto então em vigor, também financiado pela Fapesp, a equipe que compunha este subprojeto havia se dado conta de que “algo de fundamental – a cognição humana – poderia nos dar as respostas para algumas das mudanças [linguísticas] de forma mais clara”. E os pesquisadores passaram a olhar mais detidamente para o que era exemplar e seu impacto nas mudanças linguísticas. Sem ainda um respaldo teórico, estávamos já falando em construcionalização. De lá para cá, temos compreendido, com embasamento teórico da Linguística Baseada no Uso (LBU), a gramaticalização de construções.

Passamos a partir de então a relacionar os postulados teóricos de Givón para o surgimento da complexidade nas línguas ao que constatávamos na língua portuguesa. Olhávamos basicamente para alguns princípios norteadores da entrada de experienciamentos humanos mais recorrentes para a representação gramatical. Vejamos as correspondências que estabelecemos à ocasião: singularidade e continuidade, velocidade e consciência, atenção e automatismo, e atenção difusa, enraizamento/leveza e prática fora do contexto. Resultados dessa aplicação podem ser recolhidos das análises desenvolvidas nos estudos das três frentes de investigação anteriormente explicitadas.

1. Ajustes necessários ao Subprojeto: amostras de língua falada

No projeto originalmente aprovado, estava prevista a Constituição de amostra de língua falada período 1950-1969 além da análise dos dados recolhidos nessa amostra. Ocorre que, no processo de constituição das amostras da década de 50, até o momento não localizamos amostras de língua falada. Embora tivéssemos localizado amostras de transcrições de escutas

telefônicas pelas equipes que atuam no acervo DEOPS, as gravações correspondentes não foram localizadas.

Diante dessa dificuldade, apostamos nas transcrições das escutas telefônicas decorrentes dessas investigações, por hipotetizarmos que a matriz desse material possa ter se extraviado ou ter sido descartada no passado devido ao estado de conservação do material. Por outro lado, mesmo as transcrições daquelas conversas trazem seus problemas para nós metodológicos: numa simples leitura, verificamos que não se levou em conta qualquer critério uniformizador para a tarefa de transcrever, o que nos impede de saber em que medida o que está ali pode corresponder, de fato, ao que foi conversado.

Concluimos as amostras de língua falada do século XXI, constituídas numa amostragem pareada com a amostra constituída pelo projeto NURC-SP com vistas a desenvolver estudos comparativos. Essas amostragens foram compostas pelo contato com os falantes do próprio NURC, que foram reentrevistados. Um outro problema verificado foi a ausência de algumas células, ou porque não localizamos o entrevistado originalmente gravado na década de 70 ou porque esses já faleceram. Nesses casos, adotamos o método da composição de amostras por tempo aparente. Essas entrevistas já se encontram transcritas e estão disponibilizadas em volume próprio no site www.mgp.fflch.usp.br

Também identificamos alguns materiais em acervos próprios da USP, porém esses materiais encontram-se em péssima situação de conservação, e dois importantes documentos, que não sabemos se estão íntegros ainda, estão registrados em suporte de vinil. Estamos em contato com o Arquivo responsável para nos ceder esse material e verificarmos se a amostra gravada está em condições de estudo. Ocorre que, há anos, não há qualquer equipamento na USP que permita ouvir a gravação feita. Estamos em processo de aquisição de equipamento para esse fim. Portanto, dependemos da aquisição de equipamento apropriado para que façamos a conversão desse material para uma mídia mais atual.

2. Recursos humanos

No momento atual, contamos com uma equipe de dois professores doutores, cinco doutorandos, dois mestrandos e dois alunos de iniciação científica:

Pesquisadores		Nível de treinamento	Andamento	Tema
Elisângela Sartin		D	Qualificação: 2013 Em andamento Bolsista Governo do Estado de SP	Construções de propósito no português, no espanhol do Rio da Prata e no português de Fronteira.
Lídia Spaziani		D	Qualificação: 2014 Em andamento	Construções avaliativas de exclusão
André Rauber	Luiz	D	Qualificação: 2011 Estágio em Portugal: 2012-2013 Defesa prevista: dezembro/2013 Em andamento	Construções distributivas no português formal do Brasil e de Portugal e estudo translinguístico no italiano, no espanhol e no inglês.

Marcello Ribeiro	D	Qualificação: 2012 Defesa prevista: 2014 Em andamento	Processos de correlação no português escrito formal do PB
Renata Barbosa Vicente	D	Qualificação: 2012 Defesa prevista: dezembro/2013 Em andamento	Construções intersubjetivas apresentacionais no português formal escrito do PB: a categoria de espaço
Mariana Kuhlmann	IC	Em andamento: 2013-2014 Bolsista FFLCH Intercâmbio Alemanha: 2013	Referência e metáfora na produção oral Contato com laboratório de cognição
Alexandre Yuri Ribeiro Guerra	IC	Em andamento: 2013-2014	Metáfora e inferência
Priscilla Nogueira	M	Em andamento Bolsista Fapesp	Gramaticalização de construções aproximativas

O quadro inicial de pesquisadores sofreu alteração em decorrência de conclusão de projetos. Os trabalhos concluídos foram os seguintes:

Pesquisadores	Nível de treinamento	Data	Tema pesquisado e teoria
Cristina Lopomo Defendi	D	Qualificação: 2012 Defesa: março/2013	Gramaticalização das construções conclusivas - LBU
Anna Karolina Miranda Oliveira	M	Qualificação: 2011 Defesa: 2012	Referencialidade da construção "o mesmo" - LBU
Wellington Santos da Silva	IC	Concluído: 2012	Construções aproximativas
Elaine Cristina Silva Santos	D	Qualificação: 2012 Defesa: set/2013 concluído	As construções de dúvida no português formal escrito de São Paulo e de Aracaju
Mariana Kuhlmann	IC	Concluído: jul/2012 Intercâmbio Alemanha: 2013	Construções irrealis e subjuntivo. Contato com laboratório de cognição
Alexandre Yuri Ribeiro Guerra	IC	Concluído: 2012	Construções interjeitivas

Havia, no último relato, algumas bolsas vacantes que foram preenchidas da seguinte maneira:

Pesquisadores	Nível de treinamento	Situação	Tema pesquisado e teoria
Meng Yin Bi (bolsa CNPq)	M	Qualificação: 2013 Defesa: 2014	Intersubjetividade na língua falada de culta de São Paulo e contraste em interlínguas do português.
Flaviana Veríssimo (bolsa FFLCH)	IC	Conclusão: 2013-2014	As repetições e as ecolalias: funções e usos

Joice Moreli (bolsa FFLCH)	IC	Conclusão: 2012-2013	Contexto e inferência: extensão e sentido
Andrea Hiromi Mano (bolsa PIBIC)	IC	Conclusão: 2013-2014	Atenção conjunta e polidez no português, no coreano e no chinês

3. Atividades realizadas

Durante o período de 2012 a 2013, realizamos algumas das atividades previstas no plano inicial do Subprojeto. As tarefas previstas eram:

1. Encontro anual de estudos (3 dias dedicados à leitura e discussão de textos fundamentais ao encaminhamento dos trabalhos)
2. Encontro anual de compartilhamento de resultados (3 dias de apresentação de trabalhos, debatidos por professores convidados, na Universidade) - VIII Encontro Anual do Grupo de Pesquisa
3. Encontro com outros subprojetos do Projeto Temático História do Português de São Paulo.
4. Encontro Anual com membros do Projeto História do Português do Brasil.

As tarefas efetivamente realizadas foram:

a) Participação na organização e em atividades do *II Congresso Internacional de Linguística Histórica – uma homenagem a Ataliba Castilho*, ocorrido entre 07 e 10.02.2012. Todos os membros do projeto apresentaram seus trabalhos. Uma mesa-redonda mais diretamente se relacionava com os problemas metodológicos enfrentados durante o desenvolvimento do projeto, o da constituição da amostra de língua falada de períodos do século passado. Trata-se da seguinte atividade: MESA REDONDA: O PAPEL DA LÍNGUA FALADA COMO CONTRIBUTO AO ESTUDO LINGÜÍSTICO NOS SÉCULOS XX E XXI, coordenada pela Profa. Dra. Jussara Abraçado (UFF). Nela, os pesquisadores envolvidos levaram soluções teórico-metodológicas interessantes para uma abordagem menos estanque da língua falada. Uma primeira proposta tratava **do estatuto do falado e do escrito para a pesquisa em mudança linguística** desenvolvida pela Profa. Dra. Angélica Rodrigues (UNESP-Araraquara) e Profa. Dra. Sanderleia R. Longhin-Thomazi (UNESP/S.J. do Rio Preto). Elas discutiram, assumindo o pressuposto de a fala espontânea ser o *locus* da mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), a relevância da língua falada para o estudo da mudança, pois ela traria entre os usos os inovadores e o papel dos gêneros e tradições discursivas para a distinção escalar entre fala e escrita, com base em proposta de Koch e Oesterreicher (2007). Demonstraram essa posição por meio do estudo de fenômenos relacionados à emergência de construções complexas em português.

b) Um segundo trabalho foi intitulado **Funcionalismo e a proposta construcional** e foi apresentado pela Profa. Dra. Mariangela Rios de Oliveira e Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias, ambas da Universidade Federal Fluminense. Elas discutiram o estatuto da mudança à luz de uma abordagem construcional, amparando-se em Goldberg (2009) e em Traugott (2005). Para elas, elementos da pragmática podem ser incorporados às mudanças semânticas via implicaturas e, nesse caso, consideravam a participação dos interlocutores no processo de gramaticalização das construções selecionadas. Exemplificaram com as construções subjetivas as construções verbais integradas por pronomes locativos (V-loc) no português brasileiro. Lidaram com amostras do falar mineiro, carioca e fluminense. Consideraram que

são **intenções** de modalização e de demonstrar uma avaliação (no caso das subjetivas) e estratégias de sub e de intersubjetivização (no caso das V-loc) os fenômenos motivadores de reanálise e gramaticalização.

c) Um terceiro trabalho foi intitulado **Linguística baseada no uso: o papel de destaque da língua falada** e foi apresentado pelos Profs.Drs. Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN) e Mário Eduardo Martelotta (UFRJ, in memoriam). Partiram da Linguística Cognitivo-Funcional, que coloca em diálogo achados funcionalistas (Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Elizabeth Traugott) e achados cognitivistas (George Lakoff, Ronald Langacker, Gilles Fauconnier, Adele Goldberg), rompendo fronteira de reflexões com outras áreas como a psicologia evolucionista (TOMASELLO, 1998, Maturana, 2003, dentre outros), mais conhecida entre funcionalistas como linguística baseada no uso, discutem o papel do contexto e da situação extralinguística como propriedades naturais da língua falada. Demonstraram que a experiência humana dos indivíduos é representada cognitivamente na gramática e que, dadas as situações e contexto, a língua falada é um lugar privilegiado de identificação das adaptações feitas.

d) Um último trabalho, apresentado pela coordenadora deste subprojeto e pelo Prof. Dr. Marcelo Módolo, intitulado **Construções correlativas A língua em uso e o gatilho da mudança para construções correlativas**, expôs que toda situação de conforto é também um espaço de estabilidade e que somente as situações e contextos em que há algum tipo de pressão para a intercompreensão ou manifestação da diferença, seja ela em opiniões, em atitudes ou ações, é que se exige um esforço de adaptação. Essa adaptação produz rearranjo da cena e, no caso linguístico, rearranjo gramatical. Para a evolução da gramática, reconhece-se, assim, a atuação de paradoxos (Givón, 2005) que, ao mesmo tempo em que fazem formas e funções repelirem-se revelando suas contrariedades, fazem também sobrepor seus efeitos num mesmo resultado, aproximando-os. Em termos de usos, paradoxos podem interditar a presença de alguns usos na modalidade falada e, em outra instância, ampliar o espectro de opções na língua falada. Exemplificando com a combinação de orações por correlação em português, nota-se o rompimento de pares cristalizados para dar lugar a novidades combinadas, porém segundo um mesmo padrão de repetição formal no uso inovador. São os paradoxos típicos da mudança linguística, alimentados por processos sociocognitivos amplamente explanados por estudiosos da gramaticalização, o foco da discussão que planejava. Parti do pressuposto de que a dinâmica interativa alimenta a gramática e frena usos como em fotografias impressas, fazendo restar uma opção com mais antiga forma, ao mesmo tempo em que produz, em alta frequência, conteúdos inovadores. Seriam as conjunções correlativas ‘carcaças’ de um padrão cognitivo necessário à codificação de ideias? Ou seria um elo coesivo produtor de estabilidade semântica em níveis distintos de atuação? Nesse trabalho, evidenciei que os pares correlativos nascem de processos conversacionais, abstratizados, empacotados sintaticamente e incorporados no sistema gramatical, obedientes às máximas conversacionais. A repetição, processo comum na língua falada, e a recursividade, processo comum nas situações comunicativas, seriam responsáveis pelo fortalecimento desses usos. O que permitiria esse fortalecimento, em minha hipótese, é o que temos como mais antigo em nossa trajetória filogenética: a analogia. Esse mecanismo altamente cognitivo favoreceria a expansão categorial e pressionaria itens não-correlativos a encaixarem-se num padrão correlativo. A língua falada seria o melhor lugar para demonstrar as inovações, mas, no caso das correlações, estas seriam demandadas em tipos textuais padronizados de falantes em estágios menos conscientes de uso linguístico. No caso das argumentações, estas ensaiadas escolarmente nas dissertações, só ganham em consciência modelar em fases mais finais do processo de graduação. Sendo assim, considere que provas vestibulares poderiam fornecer exemplos inovadores de correlações. Isso permitiria afirmar

que é possível recolher traços de oralidade também em textos que demonstrariam, em tese e em condições propícias (alta exposição a modelos argumentativos escritos e alta produção de exercícios argumentativos escritos) a consolidação de um padrão de usos correlativos. E volto ao início desta apresentação, agregando um dado: só o conforto e a consolidação de usos adaptados apresentam-se como exemplos de estabilidade; nem sempre a língua falada nos fornece todas as instâncias de oralidade representadas na gramática.

Algumas pesquisas encaminhadas no Grupo de Pesquisa encaminharam-se também para a ratificação dos postulados no trabalho sobre correlação.

Quatro meses depois, em junho de 2012, realizamos o VII Encontro ANUAL DO GRUPO DE PESQUISA - MGP –USP em que os estudos (i) tomaram dados recortados pelos fatos linguísticos; (ii) selecionaram criteriosamente indivíduos com mentes alteradas para entender, pela prova negativa, o que se descobriria sobre a mente sã; (iii) buscaram um passo concreto para dialogar com a Medicina Psiquiátrica e com a Psicologia para um novo modo de olhar para a gramática. As atividades frutos dessas reflexões foram apresentadas numa grande programação exposta no site www.mgp.fflch.usp.br, retomamos os estudos coletivos com uma Reunião Anual para discussão de dois textos com vistas a aproximar os nortes teóricos. Foram alvo de discussão os seguintes textos: Croft (2007) - Language structure in its human context new directions for the language sciences in the twenty first century; Traugott (2010) - Revisiting subjectification and intersubjectification.

Em março de 2013, recebemos o professor visitante Christian Lehmann, da Erfurt Universität, o qual discutiu os trabalhos dos membros do grupo e participou da banca de defesa da doutoranda Cristina Lopomo Defendi. Em outubro de 2013, recebemos o professor visitante Lachlan Mackenzie, do ILTEC – Instituto de Linguística Teórica e Computacional / Vrije Universiteit Amsterdam para discutir os trabalhos em andamento e para proferir uma conferência em que expôs o modelo de gramática discursivo-funcional. Em junho de 2013, realizamos o VIII Encontro Anual do Grupo de Pesquisa para apresentarmos o andamento dos trabalhos já incorporando as reflexões das leituras realizadas no encontro anterior. O resultado uma programação intensa baseada nos seguintes temas: Debate sobre Hábitos culturais e impactos na expressão linguística; Aspectos cognitivos da comunicação humana: exercícios de identificação de correlatos; identificação de causas cognitivas.

4. Resultados de pesquisas concluídas

Alguns temas foram priorizados para discussão no subprojeto, por duas razões: ou eram temas caros aos funcionalistas e o grupo precisava alinhar suas reflexões; ou problemas vivenciados nas pesquisas ensejavam que a discussão fosse realizada. Um desses temas foi a questão do contexto, pois lidar com contextos críticos favorecem que lidemos com polissemias constantemente. Como resultado dessas discussões, organizamos este texto em quatro seções as quais correspondem a resultados de pesquisas efetivamente concluídas no período relatado.

4.1. Nova mente, outro contexto.

Baseados nas quinze similaridades entre os processos de evolução linguística e de evolução biológica²⁹, reconstruímos contextos a partir das diferenças presentes na espécie humana e

²⁹1. We find in distinct languages striking homologies due to community of descent. 2. And analogies due to a similar process of formation. 3. The manner in which certain letters or sounds change when others change is very like correlated growth. 4. We have in both cases the reduplication of parts. 5. The effects of long continued use. 6. The frequent presence of rudiments, both in languages and

na língua para verificar que línguas diferentes mantinham algumas similaridades. As evidências de Darwin eram baseadas no **léxico**. Neogramáticos basearam-se na articulação do **som**, mas ainda restringiram os limites à palavra. Estruturalistas fundaram suas bases de observação majoritariamente na **morfologia**. Formalistas elegeram a **sintaxe**. Outras abordagens teóricas perseguiram caminhos alheios a essas restrições. Atualmente, a sintaxe é apenas o output a partir do qual recuperamos os caminhos e rotas de mudança.

Percebemos que a retomada da reflexão sobre os vários campos veio mesmo com sociolinguistas labovianos, que repisaram os vários campos de estudo em busca de respostas à instabilidade/estabilidade do sistema.

4.2. Mudança linguística e contexto

Quando se discute mudança linguística, para todo aquele que estudou sociolinguística, logo se prevê que será necessário identificar alguma variação-mudança ocorrida ou em curso (na sintaxe, essa mudança nem sempre é transparente). Imediatamente, o linguista se pergunta sobre os fatores que podem explicar esse processo (identifica as possíveis variáveis linguísticas correlacionadas). Vale lembrar que todas as variáveis para uma mudança linguística não estão em outro lugar que não fora do sistema, porém com efeito dramático sobre o sistema. O problema da transição é outro capítulo na reflexão do linguista. Na sintaxe, o problema é superfaturado, pois a mudança não é um “passo discreto” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968]:108) provavelmente para nenhum estrato social, pois a sintaxe é mesmo representada pelo momento da interação. Se a língua é falada, o que invariavelmente importa é que o resultado comunicativo tenha sido exitoso, pouco importando se o que está em campo é um uso inovador ou padronizado. Esta é, por assim dizer, a colônia de férias de todo o linguista sintaticista: ter uma praia isolada para seu deleite, a situação interativa em curso.

O próprio Labov investiu no **som**, porém ignorando que o limite da cadeia pudesse ser a fronteira de palavra³⁰. A Pragmática veio silenciosamente, sem reivindicar espaços de discussão e de lutas por prioridade, e foi demonstrando seu poder de lidar com os **vãos** de sentidos entre palavras, entre sintagmas, entre enunciados e discursos. Em cada um desses saltos nas contribuições linguísticas, suspiros do que hoje chamaríamos de linguistas cognitivistas e seus parentes acadêmicos mais próximos, os funcionalistas que se agrupam vinculados à *Linguística baseada no uso*, foram se manifestando. Paisagens novas foram sendo desenhadas nesses passos. Mas à época de cada um desses grandes passos, as mais recentes ideias ainda eram seminais, mas vazavam ainda muito embebidas do impacto neogramático, cujos autores, em idade avançada, não tiveram tempo suficiente para desenvolver outras aplicações.

Devemos nos lembrar de que a cognição aparecia revestida de outros rótulos. *Espírito, alma* ou *aspecto psicológico* da língua eram termos que se tinha à disposição para essa abordagem mais distante da tradição. Cognição era ainda um sinônimo de conhecimento, sempre

in species, is still more remarkabl. 7. Languages, like organic beings, can be classified in groups under groups. 8. They can be classified either naturally to descent, or artificially by other characters. 9. Dominant languages and dialects spread widely. 10. And lead to the gradual extinction of other tongues. 11. A language, like a species, when once extinct, never ... reappears. 12. The same language never has two birthplaces. 13. Distinct languages may be crossed or blended together. 14. We see variability in every tongue, and new words are continually cropping up. 15. Single words, like whole languages, gradually become extinct.

³⁰ Estou ignorando aqui os grandes avanços que nos conduziram à compreensão de texto e discurso falado e escrito.

associada a espaços do discurso pedagógico. A título de curiosidade, consultem-se Herman Paul, Karl Vossler, Antoine Meillet e, para não ficar só com autores estrangeiros, indico, sem exclusividade, Cândido Jucá Filho (1933).

Ouvir, em exposições científicas, que se analisa o *contexto* quando se parte de uma área de conhecimento denominada *Cognição* pode – e naturalmente deve – provocar estranhamentos e críticas (ainda mais quando já se alcançou um avanço na separação de contexto, cotexto e contexto discursivo-pragmático). Talvez seja mais prudente falar em cognição vinculada à nova área, a da *Linguística baseada no uso*.

Caberia, também, inquirir sobre o conceito de cognição. Essa palavra também tem assumido sentidos diversos, e estes estão presentes em vários textos com abrangência diversa. O próprio nome *Língua* remete a uma metáfora do órgão empregado para produzir sons, o material físico que é matéria-prima para encorpar uma ideia, um pensamento. A língua é, na verdade, um órgão instrumental, da realização, da prática. Como parte do processo, metonimicamente ela representa o processo inteiro. Cognição, mais alinhada com os avanços nas áreas da Biologia, Psicologia, Psiquiatria e Neurologia, refere-se ao ponto de partida da criação, ao momento das ligações e relações estabelecidas no processamento, na elaboração: a mente.

As razões advêm de uma formação cientificista presa à exigência de critérios objetivos, palpáveis e mensuráveis para a análise de dados linguísticos. Mais do que isso, afetam minha visão, meu treinamento e formação endocentricamente linguísticos. Como podemos avançar se não nos apropriamos das descobertas nas áreas biológicas, neurocientíficas, psicológicas (e mesmo psiquiátricas), só para ficar em áreas que mais se aproximam do que consideramos cognição hoje?

Ao longo da evolução da própria ciência linguística, pudemos presenciar a incorporação de objetos antes ignorados ou menosprezados para todo o estudo que se avaliasse como ‘sério’. Foi o caso, há aproximadamente um século e meio, da coragem neogramática de avançar em direção à fala para reconhecer que o *locus* da mudança estava na articulação fonética. Daí advieram informações valiosas para que a ciência desse um grande salto em direção ao que os sociolinguistas depois realizariam. Mas nossos cientistas ancestrais ainda não tinham estofo para tratar cientificamente do trinômio cognição-língua-mente, embora aí resvassem durante explanações sobre analogia e lei de economia linguística, por exemplo. Também quando começaram a aventar a hipótese de que a frequência de uso ou que o uso exemplar pode ter impacto considerável no futuro de uma construção linguística, já estavam preparando o caminho para que pudéssemos tratar, de um modo inovador, de contextos produtivos, de direção e linearidade, de frequências *type* e *token*.

Ao nos darmos conta das preocupações de Karl Vossler, quando redigiu *Gesammelte Aufsätze zur Sprachphilosophie*, em 1923, publicado vinte anos depois no espanhol sob o título *Filosofia del lenguaje*, precisamos, de início, reconhecer o valor de seu trabalho no contexto de sua publicação original. Ele se manifesta num momento em que o positivismo neogramático, determinado em prover de um caráter científico o estudo da língua, elide de suas discussões o aspecto ‘espiritual’ do ato linguístico. Compreender que suas palavras tomam como foco de crítica o que se impunha no meio acadêmico é o ponto de partida para também se reconhecer que ele já dera antes dois outros passos nessa mesma direção, despertando reflexões sobre o tema, mas também réplicas fervorosas. Essas publicações representaram a ‘cutucada’ essencial para que mesmo os silenciosos refletissem sobre suas ideias, sobre as ideias dos que Vossler comentava, e isso preparou o chão para sua obra.

Convidar Vossler para discutir o papel do contexto ou no que se resume o contexto é favorecer que um linguista revolucionário seja deslocado para um ambiente mais propício à contribuição de suas ideias. Neste momento em que a cognição já percorreu um longo caminho dentro da linguística, admite-se falar novamente em 'espírito' como um elemento que reveste a cena comunicativa sem os preconceitos do exacerbado cientificismo.

Os resultados de cada intervenção científica, ou melhor, de cada mente da ciência, produziram efeitos avassaladores sobre axiomas 'consolidados' ao longo da evolução de nossos coespecíficos nesta arte de fazer ciência. A despeito de se conjecturar sobre as grandes distâncias metodológicas adotadas por filólogos, gramáticos e linguistas, não se pode deixar de reconhecer que o contexto histórico foi o grande trunfo de cada um desses grupos. Hoje, quase superados os radicalismos entre formalistas e funcionalistas, principalmente causados pela consideração ou não do contexto 'real' de produção dos dados linguísticos, reconhece-se que um campo de discussão, se não na maneira de formular suas questões, mas certamente no aparato teórico que acolhe essas mesmas questões, constituía-se o lugar mais seguro de sustentação de argumentos e hipóteses: o campo da Cognição (ou da Linguística baseada no uso).

O contexto histórico foi, assim, o grande vilão e, ao mesmo tempo, o *leitmotiv* para que se reconhecesse, inclusive, o valor de áreas tradicionais, como é o caso da Filologia, posto que os cuidados demandados durante os trabalhos de crítica textual, antecedidos por edições semidiplomáticas, deveriam ser emprestados a outras áreas que se embrenhassem pelos caminhos da linguística histórica, por exemplo. Como alcançar o que um indivíduo do século XIII quis dizer, via testemunhos escritos mal decifráveis, sem se ter o conhecimento do *contexto* de então? Erros homéricos foram relatados em réplicas e tréplicas a trabalhos científicos. Erros de naturezas diversas são relatados por estudiosos. Dentre eles, destacamos os erros derivados das modificações não-autorais (Ex.: edição não-fidedigna da *Demanda do Santo Graal*, produzida pelo Pe. Augusto Magne, depois reeditada pelo próprio autor³¹) e outros erros mais vinculados ao próprio processo de editar, tais como os visuais, mnemônicos, psicológicos e mecânicos (Ex.: *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda a Sela*, cuja edição crítica foi realizada por M. Piel). Como desdobrar uma abreviatura, se essa reconstituição pressupõe reconhecer a moda³² de uma época e de uma cultura? O papel do contexto é fundamental aqui.

Erros não menos grandiosos têm sido surpreendidos nas gramáticas históricas quando um estudioso se prende mais à forma do que à própria função ou quando analisa atomicamente uma proposição e se exime da responsabilidade de reconhecer unidades mais complexas de formulação. É preciso a consciência de que o tempo passa, as pessoas mudam, e nem tudo o que foi dito permanecerá em seu sentido se lido em outro *contexto*. Esta era a preocupação de Tarallo quando instruía alunos de graduação e de pós-graduação sobre o tema da mudança linguística³³. Equívocos ou erros podem estar presentes em estudos desde filológicos a

³¹ Tenho consciência de que muitos dos erros de Magne derivaram de sua decisão consciente de elidir trechos sensuais por razões diversas também contextuais.

³² *Moda* aqui assume o sentido adotado pelas áreas da ciências exatas, em que se reconhece a contabilização padronizada de um elemento.

³³ (...) ao enfrentarmos documentos em língua portuguesa de outros tempos anteriores ao nosso, certas formas parecerão estranhas, embora inteligíveis, ou irreconhecíveis. As formas levemente estranhas, tais como as encontradas na carta de Paranhos, em geral continuam em nosso sistema contemporâneo como resíduos históricos, mantidos por uma norma gramatical conservadora, centrada na língua escrita. As formas totalmente estranhas ou irreconhecíveis, por outro lado, atestam estágios anteriores do sistema: uma outra estrutura linguística que nem mesmo a norma

literários. Os graves erros, e paradoxalmente os menos perceptíveis, são os que dependem de uma *expertise* maior do estudioso. Nesse conjunto, inserem-se os de natureza contextual. Estes estão na base motivacional da produção deste texto, que tem o propósito de oferecer uma breve introdução à relevância de se estipularem limites para a noção de *contexto* quando estamos mergulhados numa área em que a mente é o ponto de partida para a compreensão de dados linguísticos.

a. Eco de uma dúvida: o que é contexto quando lidamos com cognição?

Um projeto de mudança de concepção requer aconselhamento com os mais experientes. Durante essas semanas, visitei alguns *experts* que, aleatoriamente, foram saltando das prateleiras de minha biblioteca como a convidar-me a uma reflexão mais profunda do tema. O primeiro foi Hanks (2008), que fez uma distinção entre abordagens locais e globais, polarizando discurso e gramática para propor uma abordagem conciliatória resultante da combinação das duas primeiras. Enquanto organizava essas informações, compreendi que estudar o *contexto* é refletir sobre a incorporação de elementos ao dado sob análise. Configura-se um exercício de sair de si, sem abandonar o que se sabe, e buscar pistas para imaginar o que o outro possa saber. Então, pensemos numa situação em que a incorporação de uma realidade estranha à do pesquisador possa, num exercício interpretativo, afetar para o bem ou para o mal os resultados de sua pesquisa. Geertz (2000) já havia alertado para casos como esse quando apresentou a polêmica causada pela publicação do diário de campo³⁴ de ninguém menos que Bronislaw Malinowski. O que haveria de tão dramático naquele diário para que a polêmica se criasse entre antropólogos? Na verdade, os comentários, anotações e notinhas colocavam a nu o mito do antropólogo semicamaleão³⁵. Seria mesmo todo antropólogo capaz de integrar um contexto, misturando-se a ele de forma praticamente homogênea, despercebida? Qual não foi a surpresa ao se encontrarem nesse diário informações pouco simpáticas e indelicadas sobre o outro. Em variadas ocasiões, Malinowski manifestava seu desejo íntimo de estar em outro lugar que não naquele.

Cabe a inquietação de Geertz aqui: “como pode um antropólogo conhecer o modo como um nativo pensa, sente e percebe o mundo?”. Malinowski suscitou a reflexão sobre a (im)possibilidade de se conhecer um nativo como se um deles fosse. A interpretação do *modus vivendi* do nativo pode ser afetada pelos “horizontes mentais” do pesquisador?³⁶ A conclusão de Geertz transporta-nos para uma reflexão culposa de nossas atitudes enquanto pesquisadores de dados que não colhemos, de dados que não produzimos e dos quais não teríamos, por questões diversas (dentre as quais diacrônicas), como alcançar o sentido

padrão escrita preservou. (...) E se explorarmos ainda mais o túnel do tempo da língua portuguesa? Certamente, novas formas surgirão que pouca semelhança apresentam com o nosso sistema de hoje. (TARALLO, 1994:19)

³⁴A *Diary in the Strict Sense of the Term*, publicado postumamente pela esposa de Malinowski, trazia detalhes considerados quase secretos para todo antropólogo.

³⁵O mito do semicamaleão sustenta a ideia de que todo antropólogo já reuniria em si as condições necessárias para sua adaptação a ambientes ditos exóticos.

³⁶Por mais que, para nós, ocidentais, a concepção da pessoa como um universo cognitivo e motivacional delimitado, único e mais ou menos integrado, um centro dinâmico de percepção, emoção, juízos e ações, organizado em uma unidade distinta e localizado em uma situação de contraste com relação a outras unidades semelhantes, e com seu ambiente social e natural específico, nos pareça correta, no contexto geral das culturas do mundo, ela é uma ideia bastante peculiar. Em vez de tentar encaixar a experiência das outras culturas dentro da moldura desta nossa concepção, que é o que a tão elogiada “empatia” acaba fazendo, para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção do ‘eu’. (GEERTZ, 2000:90-1).

legitimamente interacional. Como lidar com a realidade do outro, considerando-se um dado histórico recolhido, por exemplo, da *Demanda do Santo Graal*, de cujas concepções de vida comunitária pouco sabemos?

Talvez, considere-se que exemplificar com a *Demanda* seja um exagero, tal a distância histórica do documento escrito no século XIII, mas de cujas edições somente temos acesso a cópias do século XV. Há já uma intermediação aqui. Há quantos milhões de anos antes não correu de boca em boca, de ouvido a ouvido, essa história fantástica? Até que ponto o sentido de um item no português histórico, cujos agentes do uso, da inovação e da mudança estavam imersos em outros valores, hábitos e desideratos podem ser alcançados pelo linguista de hoje? Em que medida, os contextos dos dados recolhidos podem ser interpretados da mesma forma por linguistas portugueses e por linguistas brasileiros? Em que medida, pensando nas implicações pedagógicas da gramática, o livro didático atinge com suas explicações e ilustrações os jovens alunos de primeiro ano dos cursos de Letras hoje, se os contextos de uso vão sofrendo, assim como as próprias construções, mutações enormes em velocidade cada vez mais acentuada?

Muitas mudanças reconhecidas na passagem do latim para o português foram explicadas em termos de sua prosódia, de sua fonética, de sua pronúncia e forma de articulação, mas sabemos que concomitantemente a isso uma mudança semântica tal operou-se que falantes comuns não mais conseguem estabelecer uma relação lógica entre os usos. Essa consciência de ruído na transmissão de contextos socioculturais através, não somente de pessoas de grupos culturalmente distintos, mas ainda de gerações distintas de um mesmo grupo já estava demonstrada em Herman Paul, final do século XIX³⁷.

O que ele pretendia dizer aos jovens linguistas que nele buscassem orientação teórico-metodológica para o trabalho com a história da língua era que forças psíquicas e físicas comporiam o quadro de fatores relevantes de análise para a compreensão do devir histórico. E mesmo esse trabalho de análise estaria necessariamente embebido das influências da época do linguista, tanto pelo treinamento recebido quanto pela orientação teórica herdada de seus mestres; mas as decisões e as interpretações na lida descritiva seriam decorrentes das intenções que se tem, podendo daí nascer uma atividade criadora (quase sempre inconsciente).

³⁷ O conteúdo ideológico em si é portanto intransmissível. Tudo o que supomos saber doutro indivíduo baseia-se em conclusões tiradas a partir de nós próprios. Partimos do princípio de que a alma estranha tem, com o mundo que a cerca, as mesmas relações que a nossa, que as mesmas impressões físicas produzem nela ideias iguais às que produzem na nossa, e que estas ideias se ligam de modo idêntico. Um certo grau de concordância na organização espiritual e corporal, na natureza que os cerca e nas vivências, é portanto condição prévia para uma possibilidade de entendimento entre indivíduos diferentes. Quanto maior for esta concordância, tanto mais fácil será o entendimento. Ao contrário, toda e qualquer divergência nestes campos tem como consequência que não só sejam possíveis, como necessariamente sobrevenham a incompreensão, o entendimento parcial ou o mal-entendido. (PAUL, 1966[1886]:23)

Demos ouvido a outros autores³⁸ que pensaram a questão mais a fundo, como Eco³⁹ e sua angústia com a própria limitação temporal do conhecimento, como Burke⁴⁰ e sua conscientização sobre a mudança do sentido de conversar não equivalendo, como hoje, a uma fala entre duas ou mais pessoas; também visitei Marcuschi (2001), Ong (1998) e Tannen (1985), esta que lidou com o contexto à luz da análise do envolvimento. Para Tannen é preferível falar em *foco relativo* no envolvimento interpessoal pelos pressupostos de que: (i) o escrevente e o leitor estão, em regra, separados no tempo e no espaço, o que faz com que o contexto seja perdido; (ii) o leitor não pode solicitar esclarecimentos ao escrevente quando não consegue entender o texto [argumento idêntico ao de Platão, em *Fedro*, sobre a perniciosidade da língua escrita] e o escrevente, por seu turno, antecipa-se a essas possíveis dúvidas enquanto vai preenchendo os espaços lacunosos com maior volume de informações [cerceado naturalmente pelas regras do gênero discursivo]; e (iii) o escrevente e o leitor compartilham um contexto social mínimo, o que favorece a intercompreensão. Segundo a autora, o envolvimento é marcado por discursos altamente ligados ao contexto, o que requer contribuição importante do ouvinte ou do leitor, seja pelas informações de sua bagagem discursivo-pragmática, seja pelo constante trabalho de interpretação dependente de informações paralinguísticas ou não-verbalizadas. O discurso com foco na mensagem requer menos o apoio do contexto, portanto a contribuição do interlocutor é também menor.

Reservamos Givón para o final da fila, porque este merece maior cuidado, uma dose a mais de respeito no sentido etimológico (*respectus*!). Ele assume uma posição *hard* quanto ao *locus* do contexto ser puramente a cognição. Isso é notado já na seleção de expressões caracterizadoras de contexto (enigma, feição, elasticidade enlouquecedora, pedaços de realidade [*chunks*], fatias de experiência [*slices*]), não restando dúvida de que lidar com cognição é como pisar em areia movediça para quem passou anos da vida no exercício de identificar categorias fechadas e a reconhecer efeitos explícitos. Compreensível! Não se olhava para a sintaxe como pista para um processo mental dinâmico e não ideal. A escolha de molduras ou enquadramentos de nossos ancestrais, em subseqüentes camadas históricas, permitiu herdar e adotar alguns construtos mentais. Mais do que herdar o modo de resolver problemas interativos, herdamos também o processo de adaptar-se, o *know how* da adaptação.

³⁸ Outros pesquisadores, dentre os quais cito Goody e Watt (2006), Hamann *et alii* (1999), com trabalhos ímpares serão excluídos desta versão resumida do texto, por já estarem representados quanto ao foco de discussão.

³⁹ “[...] talvez não fosse inútil que também os estudiosos mais adiantados no campo das ciências cognitivas atuais voltassem a visitar de vez em quando os seus ancestrais. Não é verdade, como se afirma em certos departamentos de filosofia dos Estados Unidos, que para filosofar não seja necessário referir-se à história da filosofia. Seria como afirmar que alguém se pode tornar pintor sem jamais ter visto um quadro de Rafael, ou escritor sem jamais ter lido os clássicos. Todavia, é teoricamente possível que um artista “primitivo”, embora condenado à ignorância do passado, possa sempre ser reconhecido como tal, e justamente ser chamado de *naif*. Ao contrário, é justamente ao rever antigos projetos que se mostraram utópicos e falimentares, que podem ser previstas as limitações ou os fracassos possíveis de qualquer empreendimento que se pretenda estrear no vazio. Por isso, rereer o que fizeram os nossos ancestrais não é mera diversão arqueológica, mas sim precaução imunológica.” (ECO, 2002[2001]:379)

⁴⁰ “No latim clássico de Sêneca, *conversatio* significava alguma coisa como “intimidade”. Esse uso também pode ser encontrado em dialetos no início do período moderno. Dessa forma, um tratado italiano comenta evitar a *conversatione*, isto é, a companhia de pessoas maldosas. Em italiano, pelo menos no século XVIII, *conversatione* poderia se referir a uma reunião ou festa. O termo italiano foi usado de vez em quando na Inglaterra nessa época e ainda sobrevive em alguns círculos hoje em dia (pelo menos na Sociedade Real).” (BURKE, [1995[1993]: 127).

4.3. A ação conjunta de *contar*, a atenção dos falantes e a mudança linguística⁴¹.

Givón (1979), um pesquisador proeminente da linguística histórica, costuma afirmar que o discurso é o *locus* onde se poderia compreender melhor a funcionalidade da língua em geral, mas também é o espaço para o desenvolvimento de construções e de categorias gramaticais, de um modo particular. A ideia do autor remete a uma instância mais pragmática da comunicação, base para que um modo mais sintático se manifeste. Esse argumento é bastante vivo nos estudos que investigam processos de gramaticalização, em que se defende que expressões linguísticas com fraca vinculação sintática seriam fonte para expressões sintáticas fortemente ligadas (Gonçalves, Lima-Hernandes e Galvão, 2007; Lima-Hernandes, 2010; Guerra, 2011). As bases teóricas que demonstram o caminho de replicação linguística da filogenia à ontogenia e sua recapitulação no caminho inverso garantem evidências de que a pragmática é básica em relação à sintaxe.

Neurocientistas têm percorrido esse caminho de descobertas da evolução humana, via investigação cerebral. A ideia de que camadas diferentes em termos de fossilização cerebral seriam depositadas ao longo da evolução filogenética ganha força para o estudo das emoções e dos sentimentos. É o que tem demonstrado os pesquisadores atuantes no laboratório liderado por Damásio, cujas ideias são apresentadas em Damásio (2011).

O modelo proposto por esse pesquisador é explanado em termos de camadas de self cada vez mais antigas e básicas no indivíduo: protoself, self central e self autobiográfico. Essas três camadas poderiam ser lidas em termos de um *continuum*, cada uma contribuindo para a constituição da outra, cada vez mais consciente no indivíduo: protoself > self central > self autobiográfico. Com o avanço à direita nesse *continuum*, nota-se um ganho cada vez mais alto de consciência. Esse *continuum* não somente representaria a consciência da espécie humana em desenvolvimento, mas também o desenvolvimento da consciência na criança durante seu percurso em direção a uma mente adulta. Esse processo seria *ad aeternum* elevado, a depender do ambiente, dos experienciamentos individuais e coletivos. Sempre haverá um nicho social de contato e, nessa instância de experienciamento, o indivíduo volta a apresentar sentimentos e emoções guiados pelo protoself (suas reações mais básicas) até aprender a responder adequadamente nesse novo ambiente de experiências e aprendizados, provavelmente adaptando suas atitudes mais comuns, ativas no campo do self central.

Se pensarmos em termos de registro de experiências humanas deixadas como registro, então logo nos lembramos dos dicionários. Recorrer a essa fonte preliminar permite aos linguistas e interessados em geral ter acesso aos usos que foram captados como usuais ao longo dos tempos. Esse tipo de obra permite reconhecer os sentidos comuns a outras épocas e indivíduos, favorecendo um exercício de reconstituição de variados contextos. Mas não é só isso.

As obras lexicográficas têm sido pouco estudadas em termos de registros de experienciamentos humanos. Num simples exercício com uma palavra como *contar*, que hoje tanto pode significar um experienciamento mais concreto do indivíduo com objetos (enumerar a quantidade de elementos: *contar* três objetos), quanto sinalizar uma ajuda mútua, que move um indivíduo por sentimentos coespecíficos (*contar* com os iguais). Mais do que lidar com palavras numa obra lexicográfica, estamos lidando com um elemento representativo de ações, eventos, sentimentos e emoções humanas.

⁴¹ Esta seção foi desenvolvida em parceria com o aluno de iniciação científica Gustavo Zambrano (USP/FAPESP).

No dicionário de Houaiss & Villar (2001, p.816), por exemplo, encontramos o registro de dezesseis acepções para o verbo *contar*. Tantos valores não seriam apenas formas distintas de se dizer a mesma ação⁴², mas, para além disso, são as pistas para que reconheçamos que cada uma de suas configurações sintáticas (transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto-indireto e intransitivo), numa análise superficial, implica uma nova função na língua porque houve, antes, uma ação diferente representada e, antes ainda, uma intenção também diferente intuída. Givón (1979) parece ter reconhecido na língua esse movimento de pessoas, coisas, representações, e por isso propôs um modelo de evolução linguística baseada nessas interações e necessidades numa sociedade cada vez mais complexa. Dessa forma, revela diferentes intenções comunicativas formuladas por outras mentes em situação de interação, ou seja, querendo representar algo para que a outra mente pudesse captar.

4.4. A evolução da função básica de quantificar na língua

Uma palavra que permite representar esse experienciamento de quantificar objetos (humanos ou não, inanimados ou não) é o verbo *contar*. O interessante é que ele possa codificar outros sentidos tão abstratos que coadunam também não só a coisa em si percebida, mas também o apelo emocional que ele carrega. É o que percebemos com o emprego da construção 'ter esperança de', concorrente do verbo *esperar* nesse sentido volitivo. E, com essa acepção, construímos frases, como: "Não *contava* que sua arte fosse ser bem aceita" e "Conto receber uma resposta até amanhã". Note-se que essa acepção já é mais abstrata do ponto de vista de seu uso linguístico.

Outra acepção do verbo *contar* permite entendê-lo no sentido de 'relatar o enredo ou detalhes de história, caso, conversa, etc.'. Esse sentido, mais concreto que o anterior, indica uma ação *dicendi*, ação habitual a indivíduos no cotidiano. Com esse valor é possível elaborar sentenças, como "Ele *contou* que saiu do emprego" e "O governador *contará* que tem bons assessores". Há, contudo, um valor que se revela mais gramatical, com uma aparência semântica e função textual muito próxima à de um articulador discursivo, tal como ocorre com as conjunções. Esse emprego é relacionado à expressão "tendo em conta que", que hipotetizamos ser derivada de um conhecimento fossilizado (ou atinente ao protoself, segundo Damásio) de saber quantidade, o verbo *contar*. Ao que parece, esse verbo apresentaria um amplo campo de significação, podendo, inclusive, sugerir, em alguns usos, uma etimologia controversa. Seu processo de mudança gramatical, via gramaticalização, se evidencia em expressões como: "tendo em conta que", "sem contar que", usos mais abstratos, em contraste com "dê-me a conta do que lhe devo", "vou contar ao meu pai", dentre outros empregos mais concretos.

Os dois primeiros, "tendo em conta que" e "sem contar que", têm sido reanalisados como locuções conjuntivas, a exemplo das estruturas x-que, amplamente estudadas por Lima-Hernandes (2010). A explicação é que uma macroconstrução, muito abstrata, imante sequências relativamente opacas na recepção, o que por analogia seria agrupado ao conjunto mais produtivo e frequente no uso do português, a locução x-que. Um segundo caminho seria explanável por metonímia, propiciadora em dado momento da ação de reanálise. Assim, a relação entre a expressão "tendo em conta que" e o verbo *contar* poderia ser explanada em termos de uma polissemia instaurada ao longo do tempo. Por isso, imaginamos que essas explicações tão diferentes poderiam ser fazer todo sentido na evolução gramatical em franco processo já no século XX, mas assumir uma outra requer identificar pistas e traços remanescentes das alterações sofridas.

⁴²Esse conceito é muito próximo ao que empregam sociolinguistas labovianos quando se referem a regra variável.

Analisando usos quantificadores gramaticalizados em usos explicativos e pressupostos, verbos de movimento que se gramaticalizam em verbos de usos específicos, exceto *ir* que se generaliza, marcadores de conclusão retórica que se gramaticalizam em marcadores de encerramento textual, marcadores mediais explicativos que se gramaticalizam em evidências de conhecimento compartilhado é que verificamos o papel do contexto e refletimos sobre a interferência cultural de um grupo coeso em poucos casos (como foi o caso do verbo de movimento *andar*) e da interferência cognitiva humana numa maioria de rotas desenhadas na mudança, o que conduziu à compreensão de que forças cognitivas guiam a maioria das mudanças gramaticais nas línguas.